

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Pós-Graduação em Ciência da Religião**  
**Mestrado em Ciência da Religião**

**Amélia Gabriela Thamer Miranda Ramos**

**AMIGO DE FÉ, MEU IRMÃO, CAMARADA:  
ESTRATÉGIAS DE RECATOLICIZAÇÃO DO MINISTÉRIO  
UNIVERSIDADES RENOVADAS NA UNIVERSIDADE**

**Juiz de Fora**  
**2011**

Amélia Gabriela Thamer Miranda Ramos

**AMIGO DE FÉ, MEU IRMÃO, CAMARADA:  
ESTRATÉGIAS DE RECATOLICIZAÇÃO DO MINISTÉRIO  
UNIVERSIDADES RENOVADAS NA UNIVERSIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça

Juiz de Fora  
2009

Ramos, Amélia Gabriela Thamer Miranda.

Amigo de fé, meu irmão, camarada: estratégias de recatolicização do Ministério Universidades Renovadas na universidade / Amélia Gabriela Thamer Miranda Ramos. – 2011. 142 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

1. Renovação Carismática Católica. 2. Movimentos sociais. 3. Igreja Católica. I. Título.

CDU 279.127

Amélia Gabriela Thamer Miranda Ramos

**Amigo de fé, irmão camarada: estratégias de recatolicização do Ministério  
Universidades Renovadas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 2 de março de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcelo Ayres Camurça (Orientador)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Emerson Silveira Sena  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Loreto Mariz  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

À minha Mãe e ao meu Pai  
do princípio ao fim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Marcelo Camurça pelo carinho com que orientara nossa pesquisa, pelos debates esclarecedores em sala de aula, pela confiança e dedicação.

Aos professores do Departamento de Ciências da Religião.

À professora Beatriz que, na ausência do Professor Marcelo, foi de grande importância para esse trabalho, meu sincero obrigada pelo carinho e pela atenção.

Ao professor Emerson Sena pelas observações feitas durante o exame de qualificação.

Ao Secretário do PPCIR Antônio, pela paciência com que tantas vezes decodificara as burocracias do departamento.

A CAPES pela bolsa concedida.

Aos membros do MUR pela atenção e pelo tempo que pudemos conviver.

Aos amigos do PPCIR, Maria Goreth, Dilaci, Gabriel, Ana Paula, Urias, Ana Maria e Anysio, obrigada pelas experiências trocadas.

Ao meu orientador da monografia, o Professor Paulo Gracindo, pelo incentivo e pelas sugestões, obrigada.

Ao Professor, mestre e amigo, Daniel Diniz pelas infindáveis conversas no sobrado da PH Rolfs.

Aos amigos da UFV, Tiago, André, Paola, Lucas, Carol, Sérgio, Márcio, Vilmar e Renan, pelo carinho eterno e, claro, pelas sempre produtivas conversas.

À Maíra, companheira de viagem dessa jornada desde os tempos da UFV, por ser meu “anjo da guarda da asa quebrada” e por ter dado muito do seu tempo, ouvindo e debatendo comigo muitas das reflexões desse texto, obrigada.

À Ceci, minha irmã e eterna boneca.

Às mulheres da minha vida, Vó Ciloca, Vó Vitória, Tias Luíza e Naná.

Ao Breno e Erika pelo apoio incondicional.

Aos meus sobrinhos, pelo sentido de continuidade.

Aos Padrinhos tio Gersinho, tia Márcia, tio Tavinho e Catarina pelo conforto de sabê-los por perto.

Ao amor, Pedro Paiva, pela belíssima trilha sonora dessa caminhada e pelo companheirismo.

Por fim, aos meus pais, minhas raízes, por tornarem esse momento possível.

Eu não estou interessado em nenhuma teoria  
Nem nessas coisas do oriente romances astrais  
A minha alucinação  
é suportar o dia a dia  
e meu delírio  
é a experiência  
por coisas reais.

(...)

Mas eu não estou interessado  
Em nenhuma teoria  
Em nenhuma fantasia  
Nem no algo mais  
Longe o profeta do terror  
Que a laranja mecânica anuncia  
Amar e mudar as coisas  
Me interessa mais  
Amar e mudar as coisas  
Amar e mudar as coisas  
Me interessa mais...

(Fragmento da letra “Alucinação” de Belchior)

Se você vier me perguntar por onde andei  
No tempo em que você sonhava.  
De olhos abertos, lhe direi:  
- Amigo, eu me desesperava.  
Sei que, assim falando, pensas  
Que esse desespero é moda em 73.  
Mas ando mesmo descontente.  
Desesperadamente eu grito em português:  
- Tenho vinte e cinco anos de sonho e  
De sangue e de América do Sul.  
Por força deste destino,  
Um tango argentino  
Me vai bem melhor que um blues.  
E eu quero é que esse canto torto feito faca corte a carne de vocês.  
(Fragmento da letra “A palo Seco” de Belchior)

Acredito  
É na rapaziada  
Que segue em frente  
E segura o rojão  
Eu ponho fé  
É na fé da moçada  
Que não foge da fera  
E enfrenta o leão  
Eu vou à luta  
É com essa juventude  
Que não corre da raia  
À troco de nada  
Eu vou no bloco  
Dessa mocidade  
Que não tá na saudade  
E constrói  
A manhã desejada...

(Fragmento da letra “E vamos à luta” de Luiz Gonzaga Júnior)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a formação do MUR (Ministério Universidade Renovadas) - um movimento estudantil ligado à RCC (Renovação Carismática Católica) - em suas estratégias de inserção empreendidas pelos mesmos nas universidades. Posteriormente, busca-se abordar as implicações e/ou aplicações dos ideais compartilhados pelos membros do MUR na vida profissional dos indivíduos que dele fizeram parte e que depois de formados integram os GPPs (Grupo de Partilha Profissional). Tal estudo propõe avaliar os desdobramentos da influência religiosa desses estudantes em sua ação pública e investigar o diálogo entre a subjetividade e esferas mais amplas de constituição da identidade desses jovens que, transitando entre um ambiente de suposta efervescência científica (a universidade) e outro que favorece a experimentação mística/emocional (a Renovação Carismática Católica) negociam valores ideológicos supostamente antagônicos: razão/fé/*ethos* juvenil.

Palavras chave: Religião; juventude; espaço público; RCC; MUR.



## **ABSTRACT**

The present work aims at having an accurate comprehension of the formation of MUR (University ministry renewed) a student movement linked to RCC (Catholic Charismatic renewal) in its strategies of action carried out by the students at the universities. Later, we tried to approach the implications and/or applications of the ideals shared by the members of MUR in the professional life of members who took part in it and that after graduation came to participate in GPP (professional Partition group) The present study aims at evaluating the unfoldings of religious influence of these students in their public action and investigate the dialog between the subjectivity and wider layers of identity of these students, that roam from a supposedly scientific effervescence place (university) to another one that helps the mystic/emotional experimentation( Catholic Charismatic renewal) and share supposedly antagonic ideological values such as reason/ faith/ juvenile ethos.

Keywords: religion, youth, public space ; RCC and MUR.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>CAPÍTULO 1: RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO</b>	11
<b>1. Modernidade e secularização</b>	11
1.1 Os Novos Movimentos Religiosos	14
1.2 Modernidade e pluralismo religioso brasileiro	17
<b>2. A Renovação Carismática Católica</b>	23
2.1. Origens	23
2.2. A identidade carismática	25
2.3. Organização	28
2.4. Composição social	30
2.5. Carisma X processo de institucionalização	32
2.6. Experiência religiosa X instituição	35
<b>3. Da Semente ao fruto: o processo de construção do Ministério Universidades Renovadas</b>	40
3.1. Sonhando um “sonho de amor”	41
3.2. Projetando o sonho	43
3.3. Demarcando o sonho	47
<b>CAPÍTULO 2: O MUR E A UNIVERSIDADE</b>	50
<b>1. “Da fé na razão” a “razão na fé”: memória e movimento estudantil</b>	50
1.2. Os movimentos estudantis	50
1.3. Estratégias empreendidas pelo MUR	53
<b>2. Racionalizando o Sonho: o MUR frente às demandas universitárias</b>	58
<b>3. A semana Missionária promovida pelo MUR</b>	69
<b>4. O futuro profissional do reino frente a ciência</b>	75
4.1. Modernidade e Ciência	75
4.2. A Crise das metanarrativas	77
4.3. O MUR e a ciência – uma tradução?	79

<b>5. Estratégias propagandísticas do MUR</b>	88
<b>CAPÍTULO 3: O PROFISSIONAL DO REINO</b>	94
<b>1. O Grupo de Partilha Profissional – GPP</b>	94
1.2. Os cinco Pilares dos GPP	96
1.2.1. Comunidade acolhedora e Fraterna	96
1.2.2. Espiritualidade pentecostal	101
1.2.3 Formação Integral	102
1.2.4. Diálogo	103
1.2.5. Ação na sociedade	104
<b>2. O Encontro dos GPP's</b>	107
2.1. Análise dos questionários	109
2.1.1 Questões gerais	109
2.2. Perfil religioso	114
2.3. Atividades sociais	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	118
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	121
<b>ANEXOS</b>	128

## INTRODUÇÃO

O Projeto Universidades Renovadas, objeto estudado por esta pesquisa, teve início na década de 1990 e, após sua efetivação, tornou-se o Ministério Universidades Renovadas (MUR). Inicialmente elaborado por Fernando Galvani, então estudante de Veterinária na Universidade Federal de Viçosa, o movimento possui como proposta motivar universitários a criarem Grupos de Oração Universitários, os GOUs<sup>1</sup>, para aliar fé e razão, a fim de formar os “*Profissionais do Reino*”. Dessa forma, tais profissionais, depois de formados, têm a possibilidade de dar continuidade aos ideais do movimento através dos Grupos de Partilha Profissional, os GPP’s.

O Ministério Universidades Renovadas empenha-se, também, em delimitar sua identidade coletiva. Possui bandeira própria, hino (chamado Sonhar) e fornece - por meio de seu *site* - apostilas e materiais para a evangelização, com o objetivo da formação de Grupos de Oração e Grupos de Partilha Profissional.

Ressalte-se que a Universidade é um espaço cosmopolita, no qual se averigua ampla diversidade cultural, ética, sexual, política, econômica e religiosa. O indivíduo que adentra esse espaço está propenso a todo tipo de escolha/influência que colabore para sua formação enquanto profissional/cidadão. Como característica desse universo, ressaltamos as possibilidades de sociabilidade no *campus*, pois são muitos os caminhos que podem ser percorridos na formação de uma identidade universitária que diferencie o estudante de uma totalidade social e que o enquadre em determinado grupo que melhor expresse suas aspirações sociais, políticas, culturais e religiosas.

Nesse cenário, a religião sobressai como uma das instâncias significativas no processo de construção da identidade acadêmica. Tal fato pode ser comprovado pela importância dada pelas pesquisas que versam tanto sobre a religião quanto à religiosidade nesse espaço. Destaca-se também a atenção dada por pesquisadores à questão da religiosidade juvenil, um momento da vida visto como liminar. Sendo assim, um momento caracterizado pela “descoberta da alteridade, experimentação e construção de significados, capacidade de optar e romper com os cordões umbilicais e a busca de condições para exercitar essas capacidades.”<sup>2</sup>

A religiosidade universitária dos integrantes do MUR já foi analisada por diversos

---

<sup>1</sup> Os GOUs se configuram como um momento de encontro para os estudantes católicos, nas salas de aula e durante os intervalos. Nesses encontros, os participantes louvam, leem a Bíblia, cantam e oram.

<sup>2</sup> Jorge Cláudio, RIBEIRO. *Os Universitários e a Transcendência: Visão geral, visão local*. 2004, p.3.

pesquisadores, como por exemplo, Elizabeth Alvarenga<sup>3</sup>, Eduardo Gabriel<sup>4</sup> Adilson R. Nobrega<sup>5</sup>, Alessandra Rosa<sup>6</sup> e Carlos E. Procópio.<sup>7</sup> Dessa forma, espera-se com a presente abordagem colaborar com as análises que tratam a respeito do MUR. Avaliando não só a atuação desses indivíduos como estudantes, mas também sua posterior atuação como “*Profissionais do Reino*”. Assim, pretendemos contribuir com os trabalhos citados acima através de um estudo que visa compreender as aspirações dos estudantes que aderem ao MUR, bem como dos indivíduos que depois de formados continuam no movimento através dos GPP's.

Tendo em vista as considerações de Bauman sobre a sociedade líquido-moderna, propomos em nossa análise sobre identidade, abordar o MUR a partir das ideias e ideais comuns partilhados pelas pessoas que aderem a um movimento. Entretanto, sem reduzi-los unicamente a esta atuação, pois esta é apenas uma dentre as variáveis identitárias acessadas pelo indivíduo como estudante universitário. Afinal, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis simplesmente não funcionam.”<sup>8</sup> Ainda segundo este autor, no contexto da modernidade líquida, as “identidades flutuam no ar”. Algumas escolhas são nossas, mas outras são postuladas pelas pessoas que estão à nossa volta. Lutamos continuamente para nos definirmos em relação ao outro e para defender, barganhar, desculpar e/ou esconder nossas ideias em relação às demais. Tal demarcação identitária só se faz necessária quando se é exposto a um mundo diverso e ‘policultural’. Assim,

é porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas “comunidades de indivíduos que acreditam” que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis.<sup>9</sup>

Levando-se em conta a chamada crise de identidade da sociedade moderna<sup>10</sup>, sugere-se, como ponto de partida para pensar o movimento religioso na universidade, a perspectiva

---

<sup>3</sup> Elizabeth Gomes, ALVARENGA. *A religiosidade de universitários católicos em Viçosa*, 2002.

<sup>4</sup> Eduardo GABRIEL. *A evangelização carismática católica na universidade: O sonho do Grupo de Oração Universitário*. 2005.

<sup>5</sup> Adilson Rodrigues NÓBREGA. *Profissionais do Reino: novo ethos católico na universidade cearense*. 2007.

<sup>6</sup> Alessandra Cristina ROSA. *A Renovação Carismática Católica no espaço laico: um estudo sobre o Grupo de Oração Universitário (GOU)*, 2007.

<sup>7</sup> Carlos Eduardo PROCÓPIO. *Universidade, Formação e Missão. Os movimentos dos grupos de oração universitários carismáticos*, 2008.

<sup>8</sup> Zygmunt BAUMAN. *O mal estar da pós-modernidade*. 1999, p.33.

<sup>9</sup> *Ibid*, p.17.

<sup>10</sup> Stuart HALL. *A Identidade cultural na pós-modernidade*, 2001.

de que os carismáticos são produtos e produtores. São significados e significantes de uma sociedade do aqui e do agora, ainda que “visem o céu”, o futuro.

Pelo exposto, para pensar a pesquisa aqui proposta, tornam-se pertinentes as análises de Hall sobre a identidade na pós-modernidade. Este defende que no campo da cultura, os indivíduos são atravessados por uma complexa rede de representações culturais, relações de poder, sistemas de significação valores morais, impelindo-os a assumir uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis – ainda que temporariamente.<sup>11</sup>

Assim, ser estudante universitário de determinado curso, católico ou evangélico é um dispositivo acionado pelo adepto ao movimento religioso que consegue transitar entre essas práticas por meio de acomodações e invenções identitárias. Dessa forma, a multiplicação de grupos sociais no campus universitário é um processo social inserido no processo de mudança estrutural que está transformando as sociedades modernas.

Tomamos como ponto de partida, por conseguinte, o fato de que a sociedade ocidental contemporânea – por definição, uma sociedade de mudança constante, rápida e permanente – está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Esse é um ponto crucial para se pensar o crescimento dos movimentos religiosos, pois as identidades monolíticas em crise vêm passando por um processo de fragmentação. Proporcionando assim, ao sujeito, maior liberdade para transitar sobre os mapas sociais. Construindo, a partir de múltiplas experiências e sob diversas perspectivas, as suas vivências, seus gostos, aptidões e interesses.

Pretende-se com essa pesquisa abordar o processo de construção de identidades no âmbito do Ministério Universidades Renovadas, um movimento estudantil religioso universitário, ligado à Renovação Carismática Católica (RCC). Dessa forma, propõe-se um estudo que vise a explicitar as relações entre os membros deste movimento e a universidade - espaço fundamentado e legitimado por um discurso pautado pela laicidade<sup>12</sup> e cientificidade.

Assim, o presente estudo busca analisar a formação identitária do MUR sob os seguintes aspectos: i) como um movimento estudantil e, como tal, com características

---

<sup>11</sup> Stuart HALL. *A Identidade cultural na pós-modernidade*, 2001, p.7-22.

<sup>12</sup> A ideia de laicidade é usada nessa pesquisa a partir das colocações de Peña-Ruiz sobre o ideal laico. Segundo esse autor, o ideal laico cuida para que os indivíduos tenham reais condições para vivenciarem sua religião com liberdade, tanto para si, como também para a sociedade. A separação entre as esferas individual e social é condição indispensável para tal princípio, uma vez que permite a existência simultânea de crenças, e, conseqüentemente, que cada indivíduo vivencie a sua em particular. O distanciamento torna-se, portanto, condição necessária para a existência simultânea das crenças. As causas e conseqüências deste distanciamento, segundo o autor, ligam-se tanto à esfera democrática como à esfera republicana, pois, em termos democráticos, permite a igualdade entre as crenças; e em termos republicanos, dá vazão a razão e a liberdade. Henri PEÑA-RUIZ. El nombre de um princípio. In: *La Emancipación Laica: Filosofía de La laicidad*. Madrid: Ediciones Del Laberinto, 2001.

peculiares a este movimento e ao local em que se insere: a universidade; ii) como um movimento religioso que busca demarcar-se e compor-se em relação ao imaginário universitário - historicamente construído. Sendo pautado por um ideal de laicidade e de imparcialidade científica, vide a sua necessidade de se organizar enquanto um movimento; iii) como um movimento católico carismático ressaltando a religiosidade dos indivíduos que ao movimento aderem. Suas nuances místicas e emotivas em relação ao sagrado, assim como os desdobramentos dessas experiências sobre a atuação desses membros como estudantes e futuros profissionais.

Tendo em vista a formação do MUR como um movimento religioso universitário, partiremos para a análise das estratégias de inserção empreendidas pelos mesmos nas universidades. Posteriormente, avaliaremos as implicações e/ou aplicações dos ideais compartilhados pelos membros do MUR na vida profissional dos indivíduos que dele fizeram parte e que depois de formados integram os GPP's.

No tocante à atitude missionária desses jovens, ou seja, sua motivação em “recatolizar” no sentido de manter o estudante católico, nossa análise busca ressaltar que essa se faz muito por ser uma iniciativa de dividir desejos e partilhar bons momentos que os mesmo “colecionam” em sua vivência no grupo. Muito mais até, do que por uma atitude missionária no sentido de angariar pessoas ao movimento. Embora essa seja uma das prerrogativas que as atuais apostilas colocam como pontos importantes, podendo quiçá, cair na institucionalização dessas motivações.

Tendo como norte as prerrogativas acima, o primeiro capítulo dessa dissertação, *Religião e espaço público*, busca, a partir das discussões sobre secularização e modernidade, contextualizar as motivações da presente pesquisa. Tentando assim, compreender a partir desses debates o lugar que um movimento religioso possui em uma instituição pública. Dessa forma, tomamos como ponto de partida esclarecer a conformação da laicidade brasileira a partir de sua diferenciação do termo secularização, tendo em vista serem estas referências interpretativas para se pensar o lugar da religião no espaço público.

O capítulo I pretende contextualizar a RCC em sua trajetória enquanto objeto de estudo legítimo às ciências sociais. Assim, a análise partiu das discussões sobre o tema secularização e modernidade, a conformação da esfera pública brasileira e a gênese dos chamados Novos Movimentos Religiosos (NMR's). Além disso, sendo o MUR um movimento carismático, fez-se importante uma revisão bibliográfica sobre a RCC. Levou-se em consideração aspectos como a origem do movimento, sua identidade, sua organização, sua

composição social, sua religiosidade, seu processo de institucionalização *versus* carisma, dentre outras variáveis que compõem esse movimento tão diversificado.

Levando-se em conta as discussões acima, parte-se para a tentativa de compreender a forma como se deu a construção do Ministério Universidades Renovadas. Para isso levou-se em conta as variáveis históricas do movimento. Pontos como a idealização através do “sonho” de Fernando Galvani durante sua graduação na UFV; a ideia de um projeto de transformação do mundo, durante o *Seara*<sup>13</sup>, data em que os membros comemoram o nascimento do Projeto Universidades Renovadas; e a realização do “sonho”, quando o MUR se torna o Ministério Universidade Renovadas. Nesse intento, ressaltamos a maneira como o MUR construiu e constrói sua identidade sempre reafirmando sua origem carismática e católica.

O capítulo II, *O MUR e a Universidade*, busca explicitar as formas como o movimento ganha plausibilidade<sup>14</sup> frente aos seus membros e também perante a própria comunidade acadêmica. Assim, destacamos a capacidade do MUR em *ressemantizar* o lema de transformação social de viés revolucionário - fundamentado historicamente pelos movimentos estudantis, como o DCE e sua formação mais ampla, a UNE – para uma transformação individual e gradual. Dessa forma, o MUR conseguiria manter-se conectado a esse imaginário estudantil, dando-lhe uma nova conformação, a do aperfeiçoamento individual.

Outra variável que julgamos importante para pensar o movimento, é a maneira como seu discurso se coloca como uma resposta às críticas feitas ao paradigma iluminista. Este afirma que a ciência e o progresso resultariam maior liberdade e mais felicidade. Assim, através do item *Modernidade e ciência* busca-se, a partir da análise de Zygmunt Bauman, demonstrar a forma como a ciência pode ser utilizada a favor de propósitos políticos. Tendo em vista esse debate e levando-se em conta a análise de François Lyotard sobre o saber e a crise das metanarrativas, busca-se esclarecer, através dos estudos de Michel Foucault, a forma como o movimento aciona um discurso científico com o intuito de, na arena acadêmica,

---

<sup>13</sup> O Encontro aberto de carnaval, *Seara*, promovido pelos membros da RCC desde 1988 no *campus* da UFV reúne atualmente 3.000 pessoas. Primeiramente o encontro recebeu o nome de “Rebanhinho”, e posteriormente, ganha a designação de *Seara*, que quer dizer “terra preparada para a semente a ser lançada”. O evento tornou-se tradicional e foram realizados mais de vinte encontros carismáticos, a cada ano com uma temática diferenciada. Dados retirados do *site* <<http://www.rccviosa.com>> consulta em: 2 de dezembro de 2009

<sup>14</sup> Esclareçamos de uma vez que o termo plausibilidade é aqui utilizado no sentido dado por Peter Bergerou seja, “no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé das ideias sobre a realidade e que depende do suporte social que estas ideias recebem”. Peter BERGER. *Rumor de anjos*. 1973, p. 65. *apud* Faustino TEIXEIRA. *Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos*. 2003. Reforça ainda Teixeira que, “para que uma concepção de mundo permaneça aceitável para o sujeito, é necessário que o mesmo permaneça inserido numa “estrutura de plausibilidade” que reforce, mediante a convesa a afirmação deste mundo”. Cf. Faustino TEIXEIRA. *Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos*. 2003



debater, questionar e contestar assuntos polêmicos. Entretanto, sempre em favor das postulações da Igreja Católica, como o aborto, por exemplo,

Nesse capítulo, destacam-se ainda algumas outras variáveis que poderiam explicar a ampliação do MUR. A situação de liminaridade típica da juventude; a possibilidade de socialização representada por esses grupos; a capacidade propagandística desses movimentos como, por exemplo, através do trote e da semana missionária; a capacidade da RCC de articular com competência as dimensões de tradição, modernidade e pós-modernidade; por fim, sem esgotar as possibilidades de análise do objeto em questão, o caráter extremamente místico/emotivo dos carismáticos, com a ênfase na resolução de problemas individuais

O terceiro capítulo trata do Grupo de Partilha Profissional, o GPP. Assim, através da análise do *Texto base* do movimento, busca-se demonstrar a atuação e a espiritualidade do grupo. Na tentativa de ampliar nossa análise, e com o propósito de demonstrar como se dá a dinâmica dos encontros dos GPP's relatamos um dos encontros. Tal análise ressalta a forma como os indivíduos, durante esse encontro, atuam através da tradução da “*palavra bíblica*” para seu dia-a-dia, ou seja, para o cotidiano profissional dos mesmos.

Nesse capítulo, relatamos também nossa participação no primeiro *Encontro de Profissionais da Região Sudeste*. Questionários foram aplicados durante o *Encontro*, tornando possível a obtenção de informações sobre os entrevistados. Dados que se referem tanto às questões pessoais, como também às questões acadêmicas e profissionais.

\*\*\*

Parte das questões propostas por esta pesquisa foi aparecendo a partir da leitura de bibliografia especializada. No entanto, a motivação dessa pesquisa surgiu quando iniciei a graduação na Universidade Federal de Viçosa, em 2003. Nessa ocasião, já no momento da matrícula, fui abordada por veteranos que cordialmente me receberam e me deram diretrizes sobre a funcionalidade da universidade, (localização dos Pavilhões de aula, informações sobre moradia, alimentação e outras explicações importantes para quem chega à universidade). Notei que todos usavam camisas estampadas com a sigla “MUR”, perguntei o que significava e logo me esclareceram que faziam parte de um movimento religioso estudantil católico, o Ministério Universidades Renovadas. Nesta ocasião, os membros do MUR me presentearam com um Novo Testamento e me convidaram para participar dos GOUs (Grupos de Oração Universitários). Entretanto, durante parte da graduação esqueci-me desse momento.

No decorrer do curso pude perceber que a visibilidade do MUR era notória. Seja pelos cartazes espalhados no campus, seja pelos recados deixados no canto da lousa, nas salas

de aula, convidando os alunos para os GOUs (Grupos de Oração Universitários). Tendo como objetivo entender a presença desses grupos na universidade, realizei pesquisa monográfica<sup>15</sup> sobre os movimentos estudantis - MUR, a ABU (Associação Bíblica Universitária) e o DCE (Diretório Acadêmico Estudantil). Tal estudo teve como norte contextualizar e entender o MUR dentro de um processo mais amplo. Ou seja, como um movimento estudantil religioso, de viés católico carismático, idealizado por estudantes, e incentivado pela Igreja Católica. Como, por exemplo, pela “chamada” para a efetiva participação da Igreja Católica nos meios universitários. Ação que foi enfatizada pela Assembleia Episcopal em Medellín, em 1979, e amparada pela promulgação da Encíclica “*Fides et Ratio*” pelo Papa João Paulo II.

Durante o início da graduação em História na UFV passei, como vários outros colegas de turma, pela fase de certa ‘melancolia’ e pelo orgulho de ‘saber’. Dizia, aos quatro cantos da universidade e aos parentes e amigos, a famosa frase de Nietzsche “Deus morreu” completando ainda com Karl Marx e “a religião é o ópio do povo”. Embora essas frases fossem utilizadas fora do contexto e com pouca – ou nenhuma – base teórica, a descoberta era o que pautava esse caráter militante.

A ideia de que a universidade seria um espaço onde a religião não encontraria abrigo e que, mais ainda, deveria ser combatida, parecia ser compartilhada entre a maioria dos estudantes de História de minha época. No entanto, nos causou estranhamento o fato da UFV possuir uma capela em seu *campus* e, no seu quadro de funcionários, um capelão encarregado de dar assistência espiritual aos estudantes e profissionais da instituição. Além disso, era incompatível haver sempre cartazes espalhados pela instituição tanto da ABU, quanto do MUR e, ainda da UFV ceder seu espaço, todos os anos, para o encontro aberto de carnaval promovido pela RCC de Viçosa.

Diante de tal quadro, a banda do curso de História “*O Bolor punk psicodélico*”<sup>16</sup>, entre outras provocações aos religiosos em geral, compôs uma música, de único verso,

<sup>15</sup> Amélia G. T. MIRANDA RAMOS. *Juventude, razão e fé: uma análise do Ministério Universidades Renovadas*, 2007.

<sup>16</sup> A banda *Bolor “punk psicodélico”*, também chamado de “*Projeto Bolor*” era uma banda integrada pelos alunos da primeira turma de História, do ano de 2001. Os membros desta banda buscavam criticar e provocar a universidade através de suas músicas, como por exemplo, através da letra “*Universidade Tecocrata*”, “*Farsa*” cuja letra diz o seguinte: “A Universidade é uma farsa / Mestres e doutores que não sabem lecionar / E os estudantes fingem estudar / e os estudantes fingem pesquisar / Farsa, farsa, farsa!”. As críticas e provocações aos religiosos e à religião dentro da universidade podem ser exemplificadas pela letra “*Jesus Carcou*”, que diz: “(...) *Estava se sentindo muito sozinho / resolveu ir a uma festa e transformou pão em vinho / Encontrou com Pedro e Paulo que lhe aplicou um cigarrinho (...)*”. Além disso, ressaltamos a performance teatral dos integrantes no palco. Em uma dessas apresentações no festival da universidade, um dos integrantes vestiu-se de Jesus e entrou em cena carregando uma cruz, enquanto o vocalista se fantasiou de diabo e os outros membros de figuras mitológicas, como o flautista que estava fantasiado de Deus Pan. A banda acabou com a formatura de seus integrantes.

repetido várias vezes, que diz: “A universidade não é laica!”. Somada a essas impressões, ressalto que nessa época meu estranhamento em relação aos movimentos religiosos na universidade devia-se também ao fato de eu ter ouvido de minha mãe as histórias sobre os movimentos estudantis e suas atuações, uma vez que ela, durante a década de 1970, formou-se em História pela UFJF. Assim, a motivação desse estudo fez-se pautada por esse primeiro olhar sobre os movimentos religiosos. À primeira vista parecia-me incoerente, pois a universidade era um lugar de novas vivências. Não entendia como os estudantes poderiam abdicar dessas experiências ao manterem-se fiéis às sociabilidades de seu universo familiar como, por exemplo, a religião.

Essa explanação sobre a trajetória dessa pesquisa tem por objetivo demonstrar minhas dificuldades em estudar o MUR, pois eu também era estudante. Tanto como pontuar algumas posições de uma parcela dos estudantes universitários, em especial, as dos alunos das chamadas Humanidades. Nessa ocasião e entre essas dúvidas e reflexões, em conversa com meu pai, ele me alertou para que eu tivesse cuidado com meus “pré-conceitos”, dizendo-me que “não importa se Deus existe ou não, o que importa é que ele motiva as pessoas”.

Essa tentativa de afastamento possibilitou um olhar menos crítico de minha parte. Assim, deixando de lado uma visão sobre esses jovens como sendo “alienados”, comecei a admirá-los por sua organização, pelo sentido de união e amizade entre os membros. Participantes esses, *os amigos de fé, os irmãos e camaradas*<sup>17</sup>, para utilizar a famosa música de Roberto Carlos. Pessoas que buscam dar novo significado às suas vidas acadêmicas e profissionais motivados pelo engajamento através fé.

\*\*\*

O universo da presente pesquisa é composto pelo ambiente estudantil de graduandos e por graduados católicos, membros do MUR. A primeira ideia dessa pesquisa era a de fazer um trabalho visando exclusivamente a UFV, no entanto, acabou-se por privilegiar outras instituições de ensino. Dessa forma, o lócus de pesquisa proposto por esse trabalho são as instituições de ensino superior: Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A escolha por estas instituições se deu, em primeiro lugar, por que estudei na UFV e já conhecia MUR dessa instituição. Em segundo lugar, porque tive a oportunidade de fazer pesquisa de campo nos vestibulares das instituições citadas. Nessas instituições fizemos a análise das estratégias utilizadas para divulgar o movimento através dos vestibulares, momento em que os jovens

---

<sup>17</sup>O título dessa pesquisa é resultado das sugestões feitas pelos professores Paulo Gracino Júnior e Emerson Sena da Silveira.

estão preocupados com sua aprovação.

Além disso, privilegiou-se a análise dos materiais produzidos pelo MUR destacando as estratégias discursivas dos membros deste movimento. Dessa forma, para maior compreensão de nosso objeto de pesquisa analisamos três fontes importantes para contextualizar e perceber a dinâmica do movimento. Tais fontes são: o livro reportagem “*Há fé na Terra da razão*” escrito pela integrante do MUR Ariana Virgínia Pereira; o livro depoimento “*Dai-lhes vós mesmos de comer – um livro testemunhal do Ministério Universidades Renovadas*”, escrito por Ivna Sá dos Santos; a “*Apostila de Formação*”, disponível no *site* do MUR e a Carta Encíclica *Fides et Ratio*, escrita por João Paulo II. Assim, a partir de tal recorte, buscamos privilegiar a trajetória do movimento, pois estes documentos permitiram-nos pontuar fases distintas do MUR.

Na tentativa de ampliar nosso olhar analítico participei de alguns encontros promovidos pelo movimento, como o *I Encontro de Profissionais da Região Sudeste*, que ocorreu em Juiz de Fora, e dos Grupos de Partilhas Profissionais. Nesse intento, realizamos um *survey* que, embora possua algumas limitações no que diz respeito aos dados obtidos, nos deram algumas pistas importantes para compreender as motivações dos membros formados a permanecerem no movimento. No entanto, ressaltamos que estamos cientes das limitações dos mesmos no que se refere às questões subjetivas.

Antes do Encontro consultei os organizadores do evento sobre a possibilidade de aplicarmos esse questionário entre os participantes. Assim, após uma reunião entre os membros da organização do evento, ficou resolvido que seria possível entregar os questionários à organização, que se encarregariam de distribuí-los a cada participante. No entanto, ficou decidido também que eu deveria participar de todo o Encontro, para que tivesse noção de como funciona o mesmo.

Dessa forma, entreguei os questionários para a organização e eles os anexaram às pastas dadas a cada inscrito. Mais tarde no auditório, uma das organizadoras, ao microfone, pediu para que os membros respondessem ao questionário e me apresentou ao público. Foi pedido para que todos respondessem, pois, segundo ela, todos já foram estudantes e sabiam a importância dos dados para uma pesquisa. Segundo a organização, havia 102 participantes inscritos no evento, no entanto, apenas 60 entregaram o questionário. Nossas questões visavam tecer o perfil dos jovens que participaram do evento. Foram levantados dados gerais sobre origem, sexo, idade, escolaridade, renda, religião etc., bem como sobre questões de cunho mais subjetivo, que dizem respeito a valores morais e/ou ideológicos.

Além dessas questões, buscamos atentar para o grupo de oração que o indivíduo participava; o seu tempo de participação na RCC, no MUR e no GPP. Colocamos ainda algumas questões dissertativas que visavam esclarecer-nos sobre a motivação pessoal do membro ao ingressar no MUR ou no GPP; se essa participação teve algum impacto ou mudança em sua vida acadêmica, pessoal e/ou profissional; sobre o diferencial do MUR frente a outros movimentos estudantis; sobre a importância da experiência do Espírito Santo em sua vivência no MUR; se os participantes já sofreram algum tipo de preconceito na universidade ou em seu trabalho por fazer parte do movimento; e sobre a participação em atividades sociais e/ou políticas. Tal abordagem tornou possível a obtenção de informações pessoais, acadêmicas, profissionais, motivacionais em relação ao MUR e ainda, questões subjetivas de cada entrevistado.

Buscou-se fazer, além desse corte analítico no perfil dos *Profissionais do Reino*, uma pesquisa de campo nos GPP's durante o segundo semestre de 2010. Dessa forma, buscamos contextualizar os dados colhidos através desse questionário contrastando-os com nossas anotações e impressões. O presente trabalho fez uso também de algumas entrevistas, através da metodologia denominada história oral. Processo visto aqui, como instrumento de análise, capaz de “suscitar, jamais de solucionar questões”; pois a história oral “ formula as perguntas, porém, não pode oferecer respostas.”<sup>18</sup>

Tendo em vista o exposto acima, a coleta de dados do presente trabalho, privilegiou os textos produzidos pelos membros do movimento, a pesquisa no *site* do MUR, por ser o principal canal de comunicação deste, e a pesquisa participativa no Encontro de Profissionais da Região Sudeste e nos GPP's. Ressaltamos que nosso recorte analítico privilegiou a trajetória da formação do MUR, além da plausibilidade dos mesmos perante a comunidade acadêmica e o papel da ética cristã no engajamento profissional dos ex-universitários e agora, os *Profissionais do Reino*.

---

<sup>18</sup> Janaína AMADO & Marieta de Moraes FERREIRA, (org.). *Usos e abusos da história oral*. 1996, p.16.

# CAPÍTULO 1: RELIGIÃO E ESPAÇO PÚBLICO

## 1. Modernidade e secularização

No cerne das transformações culturais, sociais e econômicas ocorridas na Europa durante as décadas de 1960 e 1970, verificaram-se mudanças ocorridas também no campo religioso. Por exemplo, o considerável abandono das práticas religiosas pela sociedade. A relação entre modernidade e secularização torna-se, dessa forma, o centro do debate sobre o futuro da religião no mundo. Assim, dentre os diversos prognósticos relativos à crise da religião, temos: i) estudiosos que afirmam a irreversibilidade dessa crise, como uma consequência do processo de racionalização ocidental; ii) os estudiosos que se esforçaram por descobrir os aspectos positivos desse processo - enfatizando a secularização como um processo de dessacralização, ou seja, um momento que antecede um tipo de religiosidade mais autêntico; iii) e outros que, em contrapartida, negavam o desaparecimento da necessidade do sagrado.<sup>19</sup>

Dentre os autores que analisaram o tema da secularização temos Wilson<sup>20</sup>, cujos estudos se pautam sobre a perda da influência da religião e sua marginalização; a análise de Luckmann<sup>21</sup> que versa sobre a religião invisível, ou seja, a privatização da religião; e a teoria de Berger<sup>22</sup>, pela qual a secularização seria a perda da plausibilidade da religião.

Wilson, partindo de uma perspectiva funcional afirma que o principal papel da religião consiste na oferta da perspectiva de salvação. Propondo um guia apropriado para alcançar esta promessa – sua função na sociedade é essencialmente soteriológica, tendo efeitos tranquilizadores para o indivíduo.<sup>23</sup> Em contrapartida, Luckmann parte da concepção durkheimiana pela qual toda realidade social é *ipso facto* religiosa. Assim, a função primordial da religião é tornar os homens atores sociais, “no âmbito de uma ordem histórico-social, em um cosmo iluminado a partir de dentro.”<sup>24</sup>

Peter Berger afirma que a religião, seria “um empreendimento humano pelo qual

---

<sup>19</sup> Stefano MARTELLI. “A secularização entre mito e eclipse”. In: *A religião na sociedade Moderna*. 1995, p.271.

<sup>20</sup> B. R. WILSON. “La religión em la sociedad secular”. In: R. Robertson (org). *Sociologia de la religión*. 1980.

<sup>21</sup> LUCKMANN, T. La decadência de la religión de iglesia. In: R. Robertson (org). *Sociologia de la religión*. México, Fondo de Cultura Económica, 1980.

<sup>22</sup> Peter BERGER. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. 1985.

<sup>23</sup> Stefano MARTELLI. “A secularização entre mito e eclipse”. In: *A religião na sociedade Moderna*. 1995, p. 295-296.

<sup>24</sup> Ibid., p.305-307.

se estabelece um cosmos sagrado.”<sup>25</sup> Uma dentre várias possíveis cosmogonias que fundamenta as estruturas de plausibilidade e asseguraria a nominação através da ordenação das experiências.<sup>26</sup> Assim, para Berger,

toda sociedade está empenhada na empresa nunca completa de construir um mundo de significado humano. (...) A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo.<sup>27</sup>

Tal análise de Berger vai ao encontro da proposição de Pierre Bourdieu, na medida em que esse autor afirma que a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo. Em particular do mundo social, tendo em vista que a religião atribui um sistema de práticas e de representações cuja estrutura, objetivamente fundada em um princípio de divisão política, apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos.<sup>28</sup>

No tocante à questão da secularização moderna, Berger afirma ser esse “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”.<sup>29</sup> O autor ainda salienta que a secularização atua em duas frentes, existe tanto uma secularização da sociedade e da cultura como existe uma secularização da consciência<sup>30</sup>. Partindo da concepção weberiana acerca das particularidades do mundo Ocidental moderno como resultado do papel desempenhado pelo protestantismo no estabelecimento do mundo moderno<sup>31</sup>, o sociólogo passa à análise da gênese do

<sup>25</sup> BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, 1985, p.38.

<sup>26</sup> Para Peter Berger, toda sociedade humana é uma realização de construção de mundo, e como tal, é um produto essencialmente humano que retroage continuamente sobre seu produtor. Berger possui uma compreensão da sociedade influenciada pela perspectiva marxista de dialética. Segundo o sociólogo, o homem é produto assim como produtor da sociedade. Esse processo dialético fundamental, em sua análise da construção social da realidade se dá através de três momentos: a exteriorização, a objetivação e a interiorização. Por exteriorização Berger entende a ininterrupta atuação do homem sobre o mundo, quer em sua atividade física, quer em sua atividade mental. Assim, através da exteriorização o homem produz a sociedade. A objetivação se dá quando os produtos da atuação humana adquirem status de realidade, defrontando com seus produtores como caráter de facticidade exterior e distinta deles, ou seja, a objetivação torna a sociedade uma realidade *sui generis*. Já a interiorização é a apropriação por partes dos homens dessa mesma realidade, transformando-as de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva, ou seja, quando o resultado de sua atuação na sociedade ganha status de verdade social inerente à sociedade. Assim, o processo de interiorização faz do homem um produto da sociedade. BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, 1985, p.16.

<sup>27</sup> Peter BERGER. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 1985, p. 40-41.

<sup>28</sup> Pierre BOURDIEU. *A economia das trocas simbólicas*. 1987, p.34.

<sup>29</sup> Peter BERGER. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 1985, p.119.

<sup>30</sup> Pois, o Ocidente moderno tem produzido segundo o sociólogo um crescente número de indivíduos que encaram o mundo e suas vidas sem recorrer às explicações religiosas.

<sup>31</sup> Assim, o despojamento de elementos essencialmente religiosos como o mistério, a magia e o milagre efetuado pelo protestantismo, processo captado pela expressão “desencantamento do mundo”. Segundo Berger, o protestantismo pode ser visto como o início historicamente decisivo para a secularização, qualquer que tenha

desencantamento do mundo explicando ter esse suas raízes no Antigo Testamento<sup>32</sup>. Assim, demonstra o autor que o prelúdio do desencantamento antecede bastante a Reforma e o Renascimento.<sup>33</sup>

O catolicismo representaria um passo atrás nesse processo de secularização ética na medida em que sua religiosidade estabelece uma nova ordem cósmica (não bíblica) a partir do re-encantamento do mundo com a noção de encarnação, a mariologia e o povoamento de santos e anjos da realidade religiosa. Outra característica central do cristianismo que serviu, ainda que involuntariamente, ao processo de secularização foi a formação social da Igreja Cristã. Em termos de sociologia da religião comparada, explica Berger, a Igreja Cristã constituiu um caso incomum de especialização de religião. Tornou-se uma instituição especificamente relacionada à religião em contraposição a todas as outras instituições da sociedade, delimitando dessa forma o campo sagrado – a Igreja – e o território profano – todo o resto do mundo.

Sobre os motivos que teriam levado o fenômeno de secularização acontecer no Ocidente moderno, Berger explica que suas raízes devem ser buscadas em parte nas raízes da tradição bíblica. Diz ainda que em termos sócio-religiosos gerais, a secularização colocou uma situação inteiramente nova para o homem moderno. Pela primeira vez na história as legitimações religiosas do mundo perderam sua plausibilidade, provocando uma crise aguda não apenas para a nominação das grandes instituições, mas também para as biografias individuais.<sup>34</sup> Para Berger, essa “crise de credibilidade” da religião seria um efeito do processo de secularização, sendo o fenômeno do pluralismo religioso o correlato sócio-estrutural da secularização da consciência. O pluralismo religioso, a partir da burocratização das instituições religiosas, culminaria, na visão de Berger, no ecumenismo. Os efeitos da situação pluralista não se limitam aos aspectos sócio-estruturais da religião. Afetam também os conteúdos religiosos – isto é, os produtos das agências religiosas de mercado, visando uma parcela maior de fiéis. Salienta Berger que o pluralismo, ou seja, “o fim dos monopólios religiosos é um processo sócio-estrutural e sócio-psicológico. A religião não legitima mais o mundo”. E as instituições religiosas, possuem agora, duas opções ideais-típicas, elas podem acomodar-se à situação, fazendo o jugo pluralista da empresa religiosa, resolvendo da melhor

---

sido a importância de outros valores. Aceitando-se a interpretação entre o nexos histórico entre o protestantismo e a secularização.

<sup>32</sup> Segundo Berger o nascimento da religião de Israel se dá em contraposição às religiões de ordem cósmica, mesopotâmicas e egípcias. Essa grande negação da religião pode ser analisada em termos de três traços dominantes: a transcendentalização, a historização e a racionalização ética.

<sup>33</sup> Peter BERGER. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 1985, p. 135.

<sup>34</sup> Peter BERGER. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 1985, p. 137.



maneira possível o problema da plausibilidade, ou resistir, continuando a professar as velhas objetividades.

Peter Berger, posteriormente revê algumas de suas teorias em relação à secularização do mundo em seu texto: *A dessecularização do mundo, uma visão global*. O autor retrata-se em relação à postura, da qual anteriormente era simpatizante, de que a modernidade levaria a um declínio da religião,<sup>35</sup> tanto na sociedade quanto na mentalidade.<sup>36</sup> O autor afirma que é exatamente essa mentalidade que se mostra errônea, pois a secularização, segundo Berger, teve claramente alguns efeitos secularizantes, em alguns lugares, mais do que em outros. Entretanto, ela provocara também o surgimento de poderosos efeitos contrassecularizantes e a secularização da sociedade não estaria necessariamente vinculada à secularização da consciência. Fato que torna a relação entre religião e sociedade bastante complicada. O autor afirma que se o mundo em que vivemos fosse realmente secularizado, as instituições religiosas sobreviveriam na medida em que se adaptassem à secularização. Em contrapartida, afirma Berger, verifica-se o contrário: as comunidades religiosas sobreviveram na medida em que não tentaram se adaptar às supostas exigências de mercado.

Cecília Mariz busca discutir algumas ideias trazidas por este texto de Berger. Ela afirma que, embora o título e os argumentos apresentados pelo autor “apontem para uma força da religião no mundo contemporâneo e sugira um total refutamento da teoria da secularização, a análise mais aprofundada dos seus argumentos revela uma posição bastante nuançada e sutil.” Dessa forma, segundo Mariz, Berger deixa claro que tanto a secularização quanto a dessecularização são processos em curso. Assim, autora procura entender ambos como uma relação dialética entre religião e modernidade em diferentes contextos e diferentes momentos históricos.

### 1.1 Os Novos Movimentos Religiosos

A rápida difusão de novas formas religiosas, nos Estados Unidos e Europa nos anos 70, constituem o primeiro “contratempo” enfrentado pela teoria da secularização. Os Novos Movimentos Religiosos (NMR's)<sup>37</sup> produziram grandes mudanças através das

<sup>35</sup> Peter BERGER. “A dessecularização do mundo: uma visão global”. 1997.

<sup>36</sup> Cecília L. MARIZ. “Secularização e dessecularização”: comentários a um texto de Peter Berger. 1997.

<sup>37</sup> Ressalte-se que o próprio conceito de NMRs é contestado, por ser utilizado para apresentar e analisar um conjunto de fenômenos desordenado e diversificado. Giumbelli questiona o conceito a partir da inaptidão de similaridade entre os termos *novo* e *movimento*, ao afirmar que fica difícil arbitrar quanto a uma data de referência válida para todos os universos assim como, segundo o autor, a diversidade de formatos e soluções

inovações religiosas (em contrapartida ao modelo institucional de religião). Esse processo se deu ao colocar em xeque as relações sociais tradicionais, através da prática de formas específicas do “ser” família e de comunidade.

A emergência dos chamados Novos Movimentos Religiosos (NMR's) incitou várias discussões no meio acadêmico, dando margem às novas abordagens sobre o tema da secularização. Assim, segundo Hervieu-Léger, “o diagnóstico de perda da religião” é colocado em xeque, possibilitando outras perspectivas. Como exemplo, temos a “necessidade de sentido” presente nas sociedades ocidentais, a possível “demanda espiritual” manifesta de várias formas nessas sociedades e ainda uma “massiva volta do sagrado” em pleno século XXI.

Essa questão incitou vários debates sobre a “perda e/ou volta do religioso”. Dessa forma, assertivas como: impulso regressivo e irracional em resposta a um período de perturbações, assim como a análise desses novos movimentos como prova de que a religiosidade é imanente à humanidade (não obstante o alto grau de racionalização da sociedade moderna), fazem parte do manancial de interpretações produzidas no meio acadêmico a partir dos novos movimentos religiosos.<sup>38</sup>

No bojo dessas discussões, Hervieu-Léger, preocupando-se com uma sociologia da modernidade religiosa, a partir da análise de traços específicos da “nova religiosidade”, propõe uma “revisão” do conceito de secularização. A autora pressupõe que uma caracterização ideal-típica das Comunidades Emocionais se oferece como ferramenta para pensar e detectar tendências atestadas com vigor nesses grupos que modelariam os comportamentos religiosos individuais.<sup>39</sup>

Nesse intento, Hervieu-Léger demarca na nova religiosidade a tendência ao emocionalismo comunitário. A autora salienta em sua análise que os indivíduos desses NMR's que comungam, apresentam-se como voluntários, onde o compromisso pessoal se faz chave para acessar o grupo. Também o testemunho das experiências emocionais de cada um reforça os laços entre a comunidade e o indivíduo. Outro aspecto apontado por Hervieu-Léger é o peso ao engajamento do corpo à oração e a afetividade entre os membros (toque, abraços, beijos e etc.). O ponto é analisado pela autora como repulsa a uma religião intelectual

---

organizacionais, pois tornaria nula a noção de movimento. Quanto ao termo religioso, o autor evidencia o incômodo de usá-lo, pois muitos movimentos dizem-se religiosos sem parecer sê-los e outros, apesar da aparência religiosa, negam essa denominação. Emerson GIUMBELLI. *O fim da religião*. 2002, p.19-23.

<sup>38</sup> Daniele HERVIEU-LÉGER. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou fim da religião? 1987 p.32.

<sup>39</sup> Ibid., p.32-34.

traduzida não só como desconfiança a grupos autoregulados, mas também aos “especialistas”. A prioridade à experiência pessoal em detrimento de uma religiosidade, objetivamente controlada institucionalmente, explica o que a autora chama de “porosidade de fronteiras das comunidades emocionais”. Fato que facilitaria tanto o acesso a esses grupos quanto a saída dos mesmos. Segundo a autora, “tal fluidez da rede emocional traduz a mobilidade dos sentimentos afetivos que passam a servir de padrão para a intensidade e a autenticidade da experiência religiosa.”<sup>40</sup>

Hervieu-Léger distingue duas tradições teóricas sobre o processo de secularização. A primeira, que insiste sobre o “acerto” entre as instituições religiosas especializadas e uma sociedade secularizada, portanto, apresenta uma teoria da “dessecularização”; e a segunda, que propõe o “coroamento emocional da secularização”, sublinhando que os fenômenos religiosos modernos traduzem a valorização de manifestações emocionais que escapam à linguagem. A autora salienta que a tomada das duas tradições teóricas oferece-nos uma dupla pista para a interpretação da religiosidade moderna sem, contudo, serem tomadas como abordagens excludentes. Ao contrário, a tensão manifestada entre as duas teorias demonstra o caráter contraditório do próprio processo de secularização. Assim,

essas observações abrem o caminho para uma análise da *socialização emocional aos valores e normas dominantes*, que não contradiz a análise da dissolução emocional da religião institucional, mas articula-se a ela de modo dialético.<sup>41</sup>

No Brasil, o crescimento das religiões pentecostais gerou muitas discussões entre nossos teóricos. Alguns autores apontam o aumento das religiões pentecostais como indício da “volta” do sagrado e do reencantamento do mundo. De encontro a essas abordagens, Pierucci e Prandi<sup>42</sup> reeditam as teses weberianas, defendendo que a multiplicação das religiões seria mais um evento que, ao invés de invalidar, reitera a teoria da secularização proposta por Weber. Pierucci critica a postura de teóricos que percebem o crescimento religioso como evidência do “retorno do sagrado”, da “revanche de Deus” e/ou como fim do processo de secularização. As explanações utilizadas como baluartes da teoria da dessecularização – a qual Pierucci pretende refutar – circundam a multiplicidade de formas religiosas somada à recuperação da imagem do Papa, ao impacto televisivo dos programas religiosos e até mesmo

---

<sup>40</sup> Daniele HERVIEU-LÉGER. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou fim da religião?, p.33

<sup>41</sup> Ibid., p.40.

<sup>42</sup> Antônio Flávio PIERUCCI, Reginaldo PRANDI. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*, 1996.

ao fundamentalismo islâmico, com suas repúblicas teocráticas.<sup>43</sup>

Do contrário, o autor propõe que se leve em conta a laicização do estado. O banimento da religião como foco preponderante de controle e irradiação de cultura, lazer, música e artes e, portanto, sobre a escolha individual. De outra forma, a efervescência religiosa, somada à crescente multiplicação de igrejas, apontaria para a secularização, pois a possibilidade de *escolher* uma religião demonstra o descompromisso e a liberdade que se tecem entre o indivíduo e o sagrado. Não que isso signifique um *afastamento*, mas antes, um *deslocamento*: a religião passa a ser “segundo violino” na sociedade contemporânea.<sup>44</sup>

Aqui, cabe ressaltar a análise de Paulo Gracino Júnior, que busca mapear a influência da sociologia weberiana na produção intelectual sobre o fenômeno religioso no Brasil. O autor demonstra como a discussão em torno do fenômeno pentecostal em boa medida pautou-se mais por contornos ideológicos. Gracino, a partir da análise dos trabalhos de estudiosos que seguem a linha teórica traçada por Procópio Camargo, atenta para a temática weberiana. Ele destaca a forma como a temática é aplicada, a qual apontaria para a afinidade entre protestantismo e modernidade, e como foi incorporada às análises sobre o pentecostalismo no Brasil. Dessa forma, o autor transpõe as conclusões de Weber a respeito da destradicionalização levada à frente pela Reforma Protestante européia, para o caso brasileiro.<sup>45</sup>

## I.2 Modernidade e pluralismo religioso brasileiro

Ari Pedro Oro ressalva que as relações entre religião e modernidade<sup>46</sup> foram durante muito tempo tratadas como excludentes. Isso tendo em vista que o discurso sobre a modernidade surgiu prometendo

um mundo futuro próximo regido pelo conhecimento científico e desta forma desprovido de mistérios e misticismos (...) [assim, a] “secularização seria o projeto resultante do trabalho da modernidade sobre a religião na medida em que ocasionaria o desaparecimento desta última ao apostar na onipotência da razão e da ciência que garantiriam o sentido da vida humana.”<sup>47</sup>

Oro salienta que é incontestável a ideia de que, contrariando os prognósticos, a

<sup>43</sup> Antônio Flávio PIERUCCI. “Reencantamento e dessecularização: A Propósito do auto-engano em sociologia da religião”, 1997.

<sup>44</sup> Ibid., p.112.

<sup>45</sup> Paulo GRACINO. “Dos interesses weberianos dos sociólogos da religião”, 2008, p.69-92.

<sup>46</sup> A partir das considerações de Oro, tomamos como modernidade religiosa, não só o estado e a situação da religião na modernidade, mas também as redes que as mesmas mantêm entre si na atualidade. Ari Pedro ORO. “Considerações sobre a modernidade religiosa”, 1996.

<sup>47</sup> Ari Pedro ORO. “Considerações sobre a modernidade religiosa”, 1996. p.100.

modernidade está “povoada de Deuses, mitos, energias e magias”. Ainda destaca que longe de ofuscar ou banir a religião, ela contribuiu para a constituição de um pluralismo religioso.

No caso brasileiro, Oro aponta a dificuldade em se falar em secularização principalmente no sentido de declínio de práticas religiosas ou da laicização. Isso implicaria na autonomização das esferas sociais que “pretenderiam dotar-se de ideologias, referências e regras próprias, separadas da religião”. Assim, o autor afirma que se houve secularização no Brasil, seria no sentido dado por Hervieu-Lèger<sup>48</sup>, “enquanto transformação e reorganização do campo religioso.”<sup>49</sup>

Segundo Oro, embora a modernidade tenha acentuado a crise das religiões tradicionais, isso não significa seu fim, mas a sua recomposição. O autor destaca que,

evidentemente, não é questão de se interpretar a incidência da religião na modernidade a partir de insuficiências ou desregulações da razão, ou como uma expressão sublimada, travestida, de um movimento social, mas antes como um poderoso recurso de que parcelas sociais lançam mão para preencher as lacunas de sentido que a modernidade mostra-se incapaz de fazê-lo.<sup>50</sup>

Paula Montero<sup>51</sup> afirma que a ideia de que a religião se constitui como fenômeno socioantropológico no processo histórico de modernização do Ocidente, já se tornara consensual entre os estudiosos sobre o assunto. Com relação ao campo religioso brasileiro, Montero, em vez de admitir a privatização da prática religiosa como pressuposto, busca identificá-la a partir de configurações específicas que as mesmas assumem em nossa sociedade. Assim, Montero procura discutir duas premissas tidas como irrefutáveis pela sociologia da religião. A primeira aponta que, conforme formulado por Weber, a força secularizadora da ética protestante teria promovido uma forma subjetivada de experiência religiosa. E ainda, da mesma maneira, a segunda, de que a reforma protestante teria aprofundado o processo de diferenciação das esferas política, econômica e científicas em relação à religiosa, o que retiraria definitivamente a religião do espaço público.

Segundo Paula Montero<sup>52</sup>, muitos antropólogos e sociólogos têm tratado o problema da presença das religiões no espaço público através da metáfora do “mercado”. Conforme a autora, tal abordagem referencia-se em uma concepção de espaço público como palco, onde os atores sociais e coisas disputam a sedução dos consumidores através da

<sup>48</sup>Daniele. HERVIEU-LÉGER “Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou fim da religião?”, 1987

<sup>49</sup> Ari Pedro ORO. “Considerações sobre a modernidade religiosa”, 1996, p.101.

<sup>50</sup> Ari Pedro ORO. “Considerações sobre a modernidade religiosa”, 1996, p.111.

<sup>51</sup> Paula MONTERO. “Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil”, *s/d*.

<sup>52</sup> Paula MONTERO. “Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil”, p.7-16.

visibilidade midiática. Em sua análise, a antropóloga afirma que, ao se conceber a esfera pública em termos mercadológicos, parte-se do pressuposto de que a religião está “fora do lugar”. Isto é, ela estaria invadindo a esfera pública ao aproximar-se da lógica própria dos espaços profanos de consumo e de massa.

Sobre o problema das relações entre religião e espaço público, a autora questiona em que medida o problema sobre o “lugar da religião” na sociedade não se volta continuamente para o domínio do normativo. Questionamento esse, feito tendo em vista que tal análise ainda não conseguiu abandonar as “determinações éticas implícitas no paradigma weberiano da secularização.”<sup>53</sup> Segundo Montero, tal paradigma se apóia na suposição teleológica, pela qual a modernização de uma sociedade estaria condicionada a um duplo processo. Por um lado, “do deslocamento do religioso para o mundo privado e, por outro, da proposição de um sentido ético que oriente o agir no mundo político e econômico.” Assim, com esse paradigma

supõe-se que, no processo histórico de construção da modernidade, o Estado se tornaria cada vez menos acessível aos processos de moralização e a religião, desprovida de suas funções integradoras do passado, se deslocaria para o mundo privado, assentando sua plausibilidade não mais no poder político mas nas consciências individuais.<sup>54</sup>

Em contrapartida à suposição de que as religiões de salvação – enquanto motor do processo de salvação proposto por Max Weber – tornar-se-iam cada vez mais racionalizadas, Montero cita o caso brasileiro. No Brasil, o processo de expansão das religiões no espaço público vai de encontro a essa fórmula. Segundo a autora, a dimensão emocional e “mágica” acabou por estimular a criação - já no século XX - “de ‘novos movimentos religiosos’ que ampliaram a noção mesma de campo religioso para novas dimensões da vida social.”<sup>55</sup> Montero ainda reitera que, no caso brasileiro, longe de “privatizar-se”, as religiões buscaram inserir-se de variadas maneiras na construção e na gestão do espaço público.

Além disso, longe de “privatizar-se”, as religiões, desde sempre, imiscuíram-se das mais variadas formas na construção e na gestão do espaço público. A presença histórica das igrejas cristãs nas áreas de educação, saúde, assistência social, etc. correspondeu a uma delegação consentida e pactuada pelo próprio Estado. A concessão pública de canais televisivos e de radiodifusão às confissões religiosas

---

<sup>53</sup> Ibid., p. 8.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Ibid., p.9.

tampouco é um fenômeno recente. No campo da política também já nos habituamos à presença de bancadas religiosas no Congresso.<sup>56</sup>

Utilizando as teorias de Jünger Habermas, a autora afirma ser possível dispensar o paradigma da secularização para pensar a emergência da diferenciação entre esfera pública e esfera privada. Assim, consideremos a distinção habermasiana de Estado/sociedade civil/esfera privada, como fundadoras de nossa modernidade e, a partir dela, o apontamento de como essa diferenciação se constituiu historicamente no Brasil. Essa análise torna possível avaliar cada processo particular que produziu a ruptura jurídica entre o Estado e a Igreja e, dessa forma, compreender como uma sociedade específica configura para si o que entende como esfera civil.

Assim, salienta Montero que ao contrário do processo francês, onde o pluralismo religioso emergiu como valor político, no Brasil, o próprio processo de separação entre Igreja e Estado teve como produto novas religiões. Isso porque o caminho que o Estado brasileiro tomou para se constituir enquanto Estado republicano exigiu da constituição uma esfera secular distinta da autoridade religiosa. Nessa análise, a autora distingue dois processos paralelos. Por um lado, travou-se um debate jurídico sobre os direitos de propriedade da Igreja Católica e a redefinição de seu papel político. De outro, buscou-se um consenso sobre as práticas populares percebidas como atos de feitiçaria, selvageria e possessão, a partir de critérios científicos do higienismo e de “ordem pública”. Esses apontamentos definiriam se tais práticas deveriam ou não ser objeto de repressão pelo Estado. Segundo a autora,

se voltarmos nosso olhar para o programa político instituído pelo regime republicano para laicizar o Estado e excluir os critérios religiosos da definição de cidadania, veremos que, ao contrário do código penal, ele não se ocupou em regular essas práticas. Os atos jurídicos instituídos pela normatividade do nosso código civil trataram de separar os atos civis (nascimento, casamento, educação, saúde, etc.) dos efeitos civis anteriormente gerados pelos sacramentos cristãos (batismo, matrimônio, extrema-unção).<sup>57</sup>

Assim, segundo Montero, o processo de repressão às práticas consideradas desfavoráveis à ordem pública e à civilidade contribuiu para que elas fossem progressivamente assumindo a forma legítima de “religião”. Foi dando assim, a conformidade ao “pluralismo religioso” tal como se apresenta hoje na cena pública brasileira. A autora reitera que a noção de pluralismo religioso no Brasil não é uma categoria política que resulta de um processo de luta pelo reconhecimento de uma convicção religiosa. Trata-se muito mais,

---

<sup>56</sup> Paula MONTERO. “Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil”, p.9.

<sup>57</sup> Ibid., p. 12.

no caso brasileiro, de uma categoria sociológica para descrever “a resultante de um processo de ordenação e codificação de práticas em sistemas religiosos.”<sup>58</sup>

Dessa forma, embora a Igreja Católica tenha perdido legitimidade para atuar diretamente no mundo público, ela teve grande importância no processo de constituição da esfera pública brasileira. Pierre Sanchis<sup>59</sup> afirma que, marginalizada do espaço público pela sua separação do Estado, a Igreja busca reconquistar seu lugar nesta arena, desenvolvendo uma ideologia afinada com a construção difusa da identidade nacional.<sup>60</sup> Segundo o autor,

três monumentos literários encerram a elaboração e expressão inicial desta “identidade” do Brasil: o discurso programático de Rui Barbosa no colégio Jesuíta de Nova Friburgo (1903), o Livro do centenário, do Pe. Júlio Maria (1900) e, antes até, o documento-fonte que deu asas a esta visão em 1986, as Conferências anchietanas, convocadas por Eduardo Prado no momento exato em que o Estado começava a dar sinais de um desejo de reaproximação com a Igreja pela necessidade de algo como uma “religião civil” para sustentá-lo.<sup>61</sup>

Sanchis nos alerta para a essência desses discursos que identificaria o Brasil como um país intrinsecamente e indissociavelmente católico. Nas palavras de Pe. Júlio Maria:

O catolicismo formou a nossa nacionalidade (...) Um ideal de pátria brasileira sem a fé católica é um absurdo histórico tanto como uma impossibilidade política.<sup>62</sup>

Ainda que a Igreja tenha perdido hoje sua hegemonia e tenha aceitado o princípio legal da separação do Estado, por um longo período ela conseguiu garantir a identificação simbólica entre sociedade civil e sociedade brasileira. Essa equivalência simbólica, fez com que a esfera pública brasileira se forjasse “historicamente deixando em baixo-relevo a marca invisível da *civis cristã*”.

Buscou-se através da discussão presente realizar uma revisão sucinta sobre as análises que versam sobre secularização e modernidade. Atentando assim, para a constituição da esfera pública brasileira e a formação do pluralismo religioso presente em nossa sociedade atual. Dessa forma, tal abordagem teve como norte, uma revisão bibliográfica sucinta sobre secularização, modernidade e espaço público, à procura de chaves interpretativas para examinar a inserção do movimento estudantil religioso universitário em um espaço laico.

<sup>58</sup> Paula MONTERO. “Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil”, p. 13.

<sup>59</sup> Pierre SANCHIS. “O repto pentecostal à cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem demônios*. 1996.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>61</sup> *Ibid.*, p.34.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 35.



Neste intento, buscou-se priorizar as análises que relativizam a utilização do conceito de secularização e a formação do pluralismo religioso brasileiro, tendo em vista a utilização de abordagens que esclareçam a conformação dos novos movimentos religiosos no Brasil.

## 2. A Renovação Carismática Católica

“A Igreja tem necessidade de um perene Pentecostes; necessita do fogo no coração, da palavra nos lábios, de profecia no olhar. A Igreja necessita ser templo do Espírito Santo, isto é, de total limpeza e de vida interior; necessita voltar a sentir dentro de si, em nosso mundo vazio, de homens modernos, totalmente extrovertidos pelo encantamento de vida exterior, sedutora, fascinante, que corrompe com lisonjas de falsa felicidade, necessita voltar a sentir, repetimos, como que elevar-se do profundo de sua personalidade íntima um pranto, uma poesia, uma prece, um hino, isto é, a voz orante do Espírito que, como ensina S. Paulo, ocupa o nosso lugar e ora em nós e por nós com ‘gemidos inenarráveis’ e interpreta as palavras que nós sozinhos não saberíamos dirigir a Deus. Homens de hoje, jovens, almas consagradas, irmãos no sacerdócio! Vós nos escutais!? A Igreja tem necessidade disto. Tem necessidade do Espírito Santo. Do Espírito Santo em nós, em cada um de nós, em todos nós juntos, em nós Igreja. Sim, especialmente hoje, a Igreja necessita do Espírito Santo. Dizei, pois, e sempre todos a Ele: ‘Vem!’”  
Papa Paulo VI - 29 de novembro de 1972

### 2.1. Origens

Em 1962, tem início o Concílio Vaticano II quando a Igreja Católica adota, como instrumento metodológico de renovação interna, uma posição mais pastoral – o *aggiornamento* – entendido como reação/adaptação da Igreja à modernidade. Segundo Carranza, o Concílio Vaticano II propõe

ênfaticamente a renovação litúrgica e bíblica, procurar novas relações entre a Igreja e a sociedade moderna e entre outras religiões, rever a função do leigo no mundo e na Igreja, o que implicou na reorientação pessoal do fiel para um engajamento nas lutas sociais em nome do Evangelho e na sua participação dentro da estrutura institucional.<sup>63</sup>

Uma das consequências do Concílio foi a efervescência de “novos modos de ser Igreja”, com uma participação maior dos leigos e sua interferência, enquanto Igreja, na sociedade. Na América Latina, a Teologia da Libertação far-se-á emblemática nesse contexto. As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), resultados da prática dessa teologia, tinham (e têm) como propósito, incentivar a realidade social e política na perspectiva dos excluídos, buscando uma análise social, econômica e política em auxílio dos pobres.<sup>64</sup>

<sup>63</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. 2000, p.15.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p.16.

Paralelamente a essa perspectiva social surgem movimentos de revivescência espiritual, que propunham uma experiência religiosa fundamentada na doutrina, na tradição e na assídua prática sacramental. Como exemplo, temos o movimento Renovação Carismática Católica (RCC). Tal movimento, em relação à Teologia da Libertação, é marcado pela experiência subjetiva e calcado no individualismo moderno. A RCC surgiu em 1970 em um ambiente moderno e pluralista: a Universidade de Duquesne, em Pittsburg. Foi elaborado quando alunos e professores católicos participaram de um encontro ecumênico de fim-de-semana, em que tiveram contato com alguns livros de pregadores pentecostais. No entanto, como ressalta Marcelo Camurça, os desdobramentos do carismatismo católico, se afastam de sua trajetória inicial. Assim, o movimento passa a definir seu perfil por um enrijecimento no seu caráter católico e de demarcação com o pentecostalismo.<sup>65</sup> Patty Mansfield, uma das participantes deste encontro, relata, assim o ocorrido:

Como batizada e crismada, eu já havia recebido o Espírito Santo. Todavia, eu queria sentir o Senhor, mas não sentia nada! (...) Naquela noite de sábado, dia 18 de fevereiro, não havia programação, apenas uma festa para comemorar os aniversários. Mas como faltou água, resolvi me dirigir à capela, onde havia três estudantes em oração. Ajoelhei-me diante do Senhor, no Santíssimo Sacramento e, pela primeira vez, senti e entendi, como católica, o que significava a real presença de Jesus. Comecei a tremer e a sentir medo. Entendi que o Senhor estava ali: o Santo, o Justo, o Rei. Pensava assim: ‘Ele é Santo, mas eu não. Se eu continuar na presença d’Ele, alguma coisa vai mudar em mim’. Mas maior que o medo, era o desejo de entregar-me a Ele. Ajoelhada, fiz a seguinte oração: ‘Eu te dou a minha vida, Senhor, mesmo que isso signifique sofrimento. Só quero amar como Jesus ama’. Quando terminei a oração, estava prostrada. Meus sapatos se soltaram dos pés sem que eu percebesse. Senti um poder e um amor indescritível. Nada no mundo pode cessar o amor de Deus. Me vinha a todo momento a oração do salmista: ‘Provai e vede como o Senhor é bom’. Quanto mais eu desejava ficar ali, mais eu experimentava o Senhor. Se eu podia viver aquela experiência, qualquer um também poderia! Fui ao padre e ele disse que outros jovens o haviam procurado sentindo o mesmo. Quando voltei para a capela, 12 estudantes estavam ali. Eles levantavam as mãos, se alegravam, choravam, falavam sons incompreensíveis.”<sup>66</sup>

Apesar das influências evangélicas pentecostais, o grupo, desde o início, é marcado por um forte desejo de identidade católica. É perceptível no modo como ilustram o fato de a primeira experiência ter-se dado numa capela de frente para o sacrário, e o desejo de adequação à doutrina da Igreja, expresso no depoimento de Patty Mansfield: “Por mais bonita que fosse a história vivenciada naqueles dias, se não houvesse a confirmação da Igreja eu não

<sup>65</sup> Marcelo A. CAMURÇA. “Renovação Carismática Católica: entre tradição e modernidade, p. 46.

<sup>66</sup> Depoimento dado durante o VII ENUCC – Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos, realizado em Goiânia, em julho de 2003 *Apud* Ivna Sá dos SANTOS. *Dai-lhes vós mesmos de comer: um livro histórico e testemunhal do Projeto Universidades Renovadas*. Belo Horizonte, 2004.

a levaria adiante. Jamais abandonaria a minha Igreja Católica.”<sup>67</sup> No entanto, é possível notar claramente neste “pentecostalismo católico”, elementos extremamente novos na forma de se relacionar com o sagrado. Tais inovações já foram e ainda são motivo de intensos debates entre leigos e a hierarquia da Igreja por conta da autonomia e protagonismo dos leigos na RCC e o potencial do carisma *versus* instituição, dentre outras questões.

Emerson Sena da Silveira, em seu artigo “A posse do Espírito”, analisa um breviário devocional escrito durante a primeira década do século XX. O autor contrasta-o com um testemunho contido em um livro contemporâneo sobre transformações de vida através da RCC. Através dessa análise, Emerson busca demonstrar duas modalidades de salvação na Igreja Católica: uma primeira, tradicional, feita através do referido breviário, pautada pelo medo e a culpa; e uma segunda modalidade, a da RCC, marcada pela subjetividade e o cuidado de si. Dessa forma, Silveira pontua que em relação à tradição,

muda-se em termos culturais, o foco, intersubjetivo que antes era o medo, as penas do inferno, para o foco do amor pessoal de Deus por cada sujeito, da alegria, da espontaneidade. Lógico que nesta mudança existem impasses como o retorno a um conservadorismo exaltado. Mas gostaria de apontar: percebem-se novos dados simbólicos na intrincada questão da corporalidade no catolicismo.<sup>68</sup>

Interessante é que o “pentecostalismo católico” espalhou-se rapidamente pelo mundo. O movimento chegou ao Brasil em 1969 através de membros da própria hierarquia católica, os padres jesuítas Haroldo Rahm e Eduardo Doughert, vindos dos EUA para Campinas (SP). Eles iniciaram ali encontros denominados “Experiência de Oração”, buscando o “batismo de fogo” no Espírito Santo, a leitura da Bíblia e a formação de lideranças para levar o movimento para outras regiões do país. O contingente inicial logo se bifurcou, segundo Carranza<sup>69</sup>, por razões ideológicas. A divisão culminou com a criação de dois grupos: um dirigido pelo Pe. Haroldo, voltado para atividades sócio-caritativas, e o outro visando estruturar e expandir o movimento, já conhecido internacionalmente como Renovação Carismática Católica, tarefa assumida pelo Pe. Eduardo.<sup>70</sup>

## 2.2. A identidade carismática

A RCC se fundamentada teologicamente através do *Batismo do Espírito Santo*,

<sup>67</sup> Ivna Sá dos SANTOS. *Dai-lhes vós mesmos de comer: um livro histórico e testemunhal do Projeto Universidades Renovadas*. 2004, p.40.

<sup>68</sup> Emerson SILVEIRA. “A ‘posse do Espírito’: Cuidado de si e salvação”, 2000. p.154.

<sup>69</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. 2000, p.40.

<sup>70</sup> Brenda CARRANZA.. *Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências*. In: FABRI, Márcio (org.). *Sob o fogo do Espírito*. 1998, p.44.

que possui como referência bíblica a passagem em Atos 2, 1–13, na qual se narra o acontecimento de Pentecostes. Marcelo Camurça<sup>71</sup> descreve a experiência carismática como um *boom* da mística, “não mais restrito a poucos eleitos, profetas e místicos da Igreja (...), mas um fenômeno de massa, onde qualquer um pode ser tocado pelo ‘dom’ de orar em línguas, curar e profetizar.” Segundo o manual oficial de formação da RCC,

o batismo no Espírito é uma reativação da força divina recebida no batismo, uma experiência na qual o crente deve buscar a intimidade com Deus, sua conversão de vida, e deverá dispor-se a fazer a vontade divina. Também representa uma experiência de libertação que consiste em suplicar pela libertação do Espírito em nós, para que tenha uma atuação de poder.<sup>72</sup>

Segundo o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica<sup>73</sup>, “os carismas são dons especiais do Espírito Santo concedidos a cada um para o bem dos homens, para as necessidades do mundo e em particular para a edificação da Igreja, a cujo Magistério cabe discerni-los”. Na carta Encíclica *Christifideles Laici*, o papa João Paulo II afirma que os carismas

podem assumir as mais variadas formas, tanto como expressão da liberdade absoluta do Espírito que os distribui, como em resposta às múltiplas exigências da história da Igreja. A descrição e a classificação que os textos do Novo Testamento fazem desses dons são um sinal da sua grande variedade: ‘A manifestação do Espírito é dada a cada um para proveito comum. A um, o Espírito dá uma palavra de sabedoria; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro a fé, no mesmo Espírito; a outro, o dom das curas, nesse único Espírito; a outro, a operar milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o falar diversas línguas e a outro ainda o interpretar essas línguas’ (1ª Cor 12,7-10; cf. 1ª Cor 12, 4-6. 26-31; Rm 12,6-8; 1ª Pd 4,10-11).

A RCC se distinguiria, portanto, pela busca de manifestação destes dons especiais, baseada nos momentos de “batismo no Espírito Santo”, descritos no Novo Testamento. Não seria necessariamente um segundo batismo, mas uma “efusão” do Espírito já infundido no cristão pelo batismo sacramental. Diferentemente dos dons infusos, os carismas seriam os dons que o fiel trabalha para adquirir através do louvor.<sup>74</sup>

<sup>71</sup> CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Um tradicionalismo na linguagem virtual?: O catolicismo carismático-midiático”. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. *Novas linguagens no catolicismo*. 2009, p. 61.

<sup>72</sup> Vida no Espírito, s/d, p.32-33 *apud* Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. 2000.

<sup>73</sup> Disponível em [www.vatican.va](http://www.vatican.va), site consultado em 23 de outubro de 2010.

<sup>74</sup> Seminário de Dons, 1997, *apud* Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. São Paulo: Ed. Santuário, 2000, p.40.

O dom da *glossolalia*<sup>75</sup> apresenta-se em língua não vernácula, sendo considerado pelos membros da RCC como uma manifestação de Deus. É baseado na passagem bíblica de Rm 8, 26b, na qual S. Paulo diz: “*ainda que não sabemos pedir como é devido, o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis*”. Segundo Dom Alberto Taveira, assistente espiritual da RCC no Brasil,

a “oração em línguas” é um dom que leva os fiéis a glorificar a Deus em uma linguagem não convencional, inspirada pelo Espírito Santo. (...) Quando o homem está de tal maneira repleto do amor de Deus que a própria língua e as demais formas comuns de se expressar se revelam como que insuficientes, dá plena liberdade à inspiração do Espírito, de modo a “falar uma língua” que só Deus entende.<sup>76</sup>

De acordo com o manual de Dons da RCC, a *profecia* seria a capacidade de uma pessoa receber uma mensagem divina. Esta pode ser proclamada tanto no próprio idioma quanto através do dom de línguas (devendo ser, neste caso, devidamente interpretada por alguém da assembleia). Baseado na certeza de que Deus teria o poder para restabelecer a saúde do homem, o dom da *cura* consistiria na capacidade de uma pessoa curar a si mesma ou outros indivíduos através da fé. Um acontecimento que poderia dar-se por uma via natural, seja ela médica, relacional, psicoterápica, etc., mas que se faz pela misericórdia divina. Já o dom do *milagre* fundamentar-se-ia na certeza de que Deus pode interferir inexplicavelmente no universo, contrariando as leis da natureza.<sup>77</sup> Em reuniões carismáticas é comum ocorrer também o chamado “repouso no Espírito”, no qual o fiel, em estado de êxtase, cairia ao chão sem se machucar, numa entrega total a Deus. Por ser o mais controverso dos carismas, as lideranças do movimento geralmente orientam que não seja estimulado.

Segundo D. Taveira para a constatação da inspiração divina dos carismas, far-se-ia necessário o dom de *discernimento*, averiguando a proveniência do amor cristão (cf. 1ª Cor 13) e a finalidade de edificação da comunidade. D. Taveira sustenta ainda que o exercício dos carismas

não supõe absolutamente um estado de “transe” para praticá-los, não corresponde a um estado “extático”, e nem a uma exagerada emoção, permanecendo aquele que a

<sup>75</sup> Para uma análise sobre as orações em língua, ver: Edilson PEREIRA. “O espírito da oração ou como os carismáticos entram em contato com Deus”, 2009.

<sup>76</sup> TAVEIRA, Dom Alberto. *Oração em Línguas: “Um dom que leva os fiéis a glorificar a Deus”* Disponível em: [http://www.rccbrasil.org.br/minist/show\_textos.]. Acesso em 29 de maio de 2009.

<sup>77</sup> Seminário de Dons, 1997, *apud* Brenda CARRANZA. “Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências”. In: FABRI, Márcio (org.). *Sob o fogo do Espírito*, 1998, p.44.

pratica no total domínio de si mesmo e de suas emoções, pois o Espírito Santo jamais se apossa de alguém de modo a anular-lhe a personalidade.<sup>78</sup>

### 2.3. Organização

A primeira tentativa de organizar internacionalmente a RCC se deu através da criação do ICO (*International Communication Office* - Escritório de Comunicação Internacional). O objetivo desse escritório era somente ajudar na comunicação entre os grupos carismáticos espalhados pelo mundo. Em 1975, a partir de consultas feitas a 110 líderes da RCC, em 60 países, decidiu-se formar o ICCRO (*International Catholic Charismatic Renewal Office* ou Escritório Internacional da Renovação Carismática Católica), cuja sede seria em Roma. Empenhados em obter o reconhecimento pontifício, membros da ICCRO elaboraram um estatuto que deveria passar pela análise de canonistas e teólogos do Vaticano. Em 14 de setembro de 1993, a Santa Sé entregou aos membros do Pontifício Conselho o “Decreto” que reconhece o ICCRS (Serviço Internacional da Renovação Carismática Católica) como um “corpo para a promoção da Renovação Carismática Católica, como uma personalidade jurídica”, segundo o cânone 116 do Código de Direito Canônico *Pontificium Consilium pro Laicis* (1565/63 AIC-73).<sup>79</sup>

O diálogo da RCC com a Igreja foi condicionado por um tipo de organização específica, a partir da qual os estatutos marcam o seu reconhecimento. Salienta Mariz que

os Estatutos, e o *status* oficial adquirido através dele, são considerados fundamentais para integrar a RCC dentro da organização mais ampla da Igreja Católica. No entanto, o conteúdo desses estatutos, como se verá em seu preâmbulo, além da exigência de que fossem aprovados pelo “Conselho dos Leigos”, de certa forma, reduz a Renovação a um movimento de leigos. Encontra-se no preâmbulo desses estatutos, como se pode ver no seu *site*, a definição da Renovação como um movimento, a despeito do que dizem os líderes sobre isso. Ela é então definida como: ‘um movimento mundial, mas não uniforme, nem unificado. Não tem fundador particular, nem grupo de fundadores como muitos outros movimentos. Não tem lista de membros participantes’.<sup>80</sup>

Assim, a RCC é distinguida dos movimentos que tiveram fundadores e que são unificados. Mas enfatiza-se a definição de que a RCC é um movimento, de forma que as instâncias organizativas mais altas da hierarquia católica concorreram para que assim ela se concebesse. A Renovação Carismática Católica é um movimento de leigos, representado

<sup>78</sup> Dom Alberto TAVEIRA. *Oração em Línguas: "Um dom que leva os fiéis a glorificar a Deus"*. Disponível em: [[http://www.rccbrasil.org.br/minist/show\\_textos](http://www.rccbrasil.org.br/minist/show_textos)]. Acesso em 29 de maio de 2009.

<sup>79</sup> Cecília Loreto MARIZ. “A Renovação Carismática Católica: Uma Igreja dentro da Igreja?”, 2000, p.178.

<sup>80</sup> Idem.

internacionalmente pela ICCRS. Há ainda a orientação espiritual por parte de três padres que fazem parte do conselho.<sup>81</sup>

Segundo Mariz<sup>82</sup>, diferentemente dos movimentos de caráter pentecostal surgidos no interior das igrejas protestantes – geralmente responsabilizados por dissidências que culminam com a criação de novas denominações religiosas –, no caso da Igreja Católica, assiste-se o contrário com a criação da Renovação Carismática Católica. Fato que tem contribuído para o fortalecimento do espaço institucional da Igreja Católica.

A estruturação organizacional da RCC, a nível nacional, é constituída simultaneamente à sua estruturação internacional. No Brasil, o esforço da RCC em se espalhar por todo país foi articulado pela Ofensiva Nacional. Trata-se de um projeto, levado a cabo desde 1995, em que o serviço dos membros é dividido em 15 secretarias, cada qual responsável por uma função específica dentro das diretrizes da RCC. Entre essas ações estão pregação, intercessão, curas, atendimento às famílias, etc.<sup>83</sup>

As bases organizacionais do movimento são os Grupos de Oração e as Comunidades de Vida e de Aliança. A atividade central dos Grupos de Oração é a reunião de pessoas para o louvor, a ação de graças em línguas, a libertação e a cura. O clima festivo das reuniões da RCC é o grande diferencial em relação aos outros grupos religiosos da Igreja Católica, pois os encontros assemelham-se aos cultos pentecostais.<sup>84</sup>

A formação de lideranças no interior dos movimentos carismáticos se dá através dos Seminários de Vida no Espírito (SVES). Esses seminários possuem uma metodologia própria definida pelo Conselho Nacional da RCC. Assim, através do SVES, garante-se a identidade da RCC e a possibilidade de transmissão de seu estilo de uma maneira que se pretende o mais homogênea possível.<sup>85</sup>

Os Cenáculos são megaeventos promovidos pela RCC, com duração de um dia, que atraem milhares de católicos. Na visão de Carranza, o evento configura-se com certa ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que pretende atrair novamente os católicos afastados, não efetiva a participação desses católicos na instituição, mas antes favorece a transitoriedade religiosa.

---

<sup>81</sup> Pedro A. Ribeiro de OLIVEIRA. Análise sociológica da RCC. In \_\_\_. et al. *Renovação Carismática Católica*, 1985, p.179.

<sup>82</sup> Ibid., p 172.

<sup>83</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. São Paulo: Ed. Santuário, 2000, p.59.

<sup>84</sup> Ibid., p.47.

<sup>85</sup> Ibid., p.52.



Assim, o Cenáculo é o evento do qual o fiel católico participa atraído pela promessa de curas físicas e interiores, de que milagres acontecem e de receber um conforto espiritual, e após fazer uso desses serviços, estando satisfeitas suas demandas, retorna à sua vida cotidiana restrita ao ambiente familiar sem, no entanto, criar vínculos institucionais com a Igreja, apesar de esses serem afirmados o tempo todo, seja com a presença hierárquica, seja no discurso e na liturgia.<sup>86</sup>

As *Comunidades de Vida* e as *Comunidades de Aliança* são também alicerces do movimento carismático, sendo geralmente guiadas por líderes ou um líder carismático. As primeiras compõem-se de um agrupamento de pessoas casadas e solteiras que fazem voto de obediência, castidade e pobreza. Já as *Comunidades de Aliança* possuem regras próprias de controle e comunhão de bens, sendo juridicamente legalizadas, caracterizando-se como entidades de benefício público. Mariz e Carranza, em artigo recente sobre essas comunidades, afirmam que as mesmas são formadas por católicos que tiveram, por meio da RCC, sua fé reavivada e, através dessa convivência e “mobilizadas pela experiência com os dons do Espírito Santo, participam de uma rede de sociabilidade intensa e densa”. Segundo, ainda as autoras, para além do refúgio emocional, em um mundo sem referências, essas comunidades constituem-se ainda em “reservatórios da tradição católica”. E dessa forma, “transferem, sobretudo, os padrões morais relativos à família.”<sup>87</sup>

#### 2.4. Composição social

Através da análise de questionários respondidos por 300 grupos de oração espalhados por 47 municípios de todo o Brasil, Pedro Oliveira, em sua pesquisa sobre a Renovação Carismática, em fins da década de 1970, demonstra que o movimento era predominantemente formado por pessoas provenientes da classe média. Segundo o autor, a RCC é uma agremiação religiosa própria da classe média. Essa afirmação se dá não por ter seus membros recrutados nessa classe, mas porque sua proposta religiosa é uma proposta de satisfação das necessidades religiosas próprias deste seguimento social. Segundo Oliveira,

as necessidades espirituais, para a RC, se sobrepõem nitidamente às necessidades materiais. É a libertação interior, espiritual, que a RC propõe a seus membros. É esta libertação que se celebra festivamente em suas orações e cantos de louvor.<sup>88</sup>

Ressalva Oliveira que, embora essa seja a marca da Renovação Carismática, isto

<sup>86</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. São Paulo: Ed. Santuário, 2000, p.43.

<sup>87</sup> Brenda CARRANZA & Cecília MARIZ. “Novas comunidades católicas: Porque crescem?” p.165.

<sup>88</sup> Pedro A. Ribeiro de OLIVEIRA. Análise sociológica da RCC. In \_\_\_. et al. *Renovação Carismática Católica*, 1985, p.84.

não significa que seja um descaso em relação à existência de opressões exteriores, sociais. Segundo a proposta religiosa do movimento, o desaparecimento das opressões sociais estaria relacionado à libertação interior, que através da vivência no Espírito operaria mudanças individuais. Assim, segundo Oliveira, “as opressões sociais desaparecerão naturalmente; por isso, o alvo primeiro da RC é a libertação interior, sem que se coloque em questão uma ação contra as opressões sociais.” É importante reiterar que a pesquisa de Oliveira é feita quando o movimento estava em fase de organização e expansão. Assim, sua análise ressalva que embora sua matriz social seja a classe média, a RC pode difundir-se para outras classes sociais. Dessa forma, adaptando-se às suas necessidades religiosas peculiares, porém, guardando sempre a marca de sua matriz social original.<sup>89</sup>

Segundo Edênio Valle<sup>90</sup>, as análises sociológicas sobre a RCC acentuam que essa tem predominância nas cidades e que sua maior incidência é entre a classe média. Nessa linha, Reginaldo Prandi evidencia três fatores que poderiam explicar a dificuldade de expansão nos segmentos mais pobres: a falta de diálogo com as CEBs, que representam uma presença majoritária da Igreja entre as classes menos favorecidas; a ligação estreita da RCC com a Igreja Católica, impedindo um discurso ousado como o dos pastores pentecostais perante os problemas sociais; e o tom e a linguagem de classe média que a RCC possui quando aborda temas como conversão.<sup>91</sup>

Já Brenda Carranza, em um balanço sobre os 20 anos da Renovação Carismática Católica, afirma que uma das mudanças ocorridas no movimento é sua expansão para as classes populares do catolicismo. Segundo a autora, o êxito desse empreendimento está ligado a quatro motivos básicos. O primeiro refere-se à capacidade da RCC de entrar em sintonia com o imaginário mítico miraculoso presente na religiosidade popular. O segundo motivo se encontra no resgate que a RCC faz do imaginário demoníaco na Igreja Católica. Tornando, dessa forma, o demônio a origem dos conflitos e problemas sociais e assim, dando margens para intervenções mágicas. Dessa forma, segundo Carranza, a RCC consegue, a partir do temor do demônio, reordenar o mundo dos fiéis dando-lhes explicações plausíveis a seus conflitos.

Nesse sentido, a RCC posiciona-se na mesma direção dos neopentecostais, que vêm travando uma *batalha espiritual* neste final de século contra forças

---

<sup>89</sup> Pedro A. Ribeiro de OLIVEIRA. Análise sociológica da RCC. In \_\_\_. et al. *Renovação Carismática Católica*, 1985, p.84.

<sup>90</sup> Edênio VALLE. “A Renovação Carismática Católica. Algumas observações”, 2004, p.97-107

<sup>91</sup> Reginaldo PRANDI. *Um sopro do Espírito*. 1997, p. 163.

sobrenaturais que impedem os cidadãos de prosperar na vida terrena, e contrária à Teologia da Libertação.<sup>92</sup>

A terceira razão diz respeito à capacidade da RCC oferecer aos fiéis uma comunidade emocional, na qual experiências de cura, milagres religiosos e o fenômeno da glossolalia convertem-se em experiências de conversão sem que, no entanto, se saia da religião de origem. E o quarto motivo reside nos mecanismos de difusão que a RCC se utiliza: os megaeventos, que têm contribuído para ampliar sua base social.<sup>93</sup>

Segundo Carranza, é interessante notar que as lideranças do grupo carismático, em sua grande maioria, são pertencentes à classe média. É mantido, dessa forma, um caráter missionário profético que, embora tenha um caráter heterogêneo (classe média), penetra nos extratos populares através de atividades massivas. Nas palavras da autora, essas classes (populares) contribuem mais para a formação da clientela religiosa flutuante do que como membros incorporados para engrossar o movimento.<sup>94</sup> Pois, segundo a análise de Carranza,

fazer da experiência religiosa uma mercadoria submetida às leis da concorrência no mercado de bens simbólicos parece ser o tom que a Renovação carismática católica (RCC) quer imprimir a sua oferta espiritual. Chama a atenção o estilo proselitista da RCC e sua ousada maneira de querer atrair o rebanho desgarrado do catolicismo.<sup>95</sup>

Ela nos chama a atenção para o grau de especialização atingida pela RCC, pois as secretarias dão conta das demandas de todas as “dimensões sociais, litúrgicas, eclesiais, familiares, espirituais e informativas” dos membros da RCC. Na análise da socióloga, isso se configuraria como um problema na medida em que a estrutura oferecida pela RCC poderia levar a um *encasulamento* do membro. Isto é, “dispondo de todos os serviços que a estrutura lhe oferece ele não precisa sair do movimento para a sociedade.”<sup>96</sup>

## 2.5. Carisma X processo de institucionalização

Brenda Carranza salienta que, em poucos anos, a RCC alcançou diversas comunidades, suscitando várias posições frente ao seu crescimento. Segundo a autora, a hierarquia católica oscilou entre a *rejeição* – sobretudo, da ala progressista da Igreja que julga

<sup>92</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, 2000, p.304.

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Ibid., p.50.

<sup>95</sup> Brenda CARRANZA. “Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências”, 1998, p.39.

<sup>96</sup> Ibid., p.38.

a RCC como um retorno ao catolicismo de salvação individual; *a suspeita* – principalmente pela espontaneidade dos carismáticos e sua semelhança aos pentecostais, além de sua autonomia laica; *a assimilação* – que vagarosamente vai sendo processada pela Igreja através da forma de organização que a RCC assume, atuando através das paróquias e das atividades pastorais; e a sua *domesticação* – revelada pela aceitação da RCC, que passa a ser vista como uma forma de conter a evasão de fiéis ao pentecostalismo.<sup>97</sup>

Assim, segundo a autora, a burocratização da RCC refletiria o empenho da Igreja Católica em retomar a hegemonia que tempos passados a sustentara. O próprio nome do projeto de expansão da RCC que apresenta suas metas demonstra tal empreendimento: *Ofensiva Nacional*. No entanto, essa domesticação, segundo a autora, não acontece sem prejuízo para o movimento. Em sua análise Carranza ressalta que tal institucionalização levou a Renovação Carismática ao esmorecimento do “sopro pentecostal” ou ao carisma burocratizado. Conforme a autora,

ao se dizer que a RCC é uma corrente espiritual que salienta os dons no Espírito Santo, transformando-o em serviço, e para isso cria e organiza toda uma estrutura para executá-los, estabelece-se uma racionalização e burocratização dos carismas. Dessa forma o carisma é institucionalizado e controlado pelo próprio movimento e também pela Igreja, no momento que são aprovadas as práticas carismáticas.<sup>98</sup>

É interessante ressaltar que não obstante a institucionalização da RCC e seu discurso e comportamentos aparentemente idênticos, o movimento apresenta um caráter plural. Nessa perspectiva, Mariz nos adverte que, ao analisar a RCC a nível internacional, têm-se uma visão homogênea do movimento.

No entanto, quando se parte da base dessa organização, dos grupos de oração, que são as instâncias primeiras que se formam em torno das experiências com os dons do Espírito Santo, ou então das comunidades, sejam essas de vida ou de aliança, tem-se uma visão diferente do movimento, mais complexa, mais plural e menos unificada.<sup>99</sup>

Mariz nos alerta para o modo de organização da Renovação Carismática que oferece, ao modo da estrutura mais ampla da Igreja, “espaço para lideranças carismáticas diversas criarem grupos com carisma e estilos religiosos distintos, adotando, inclusive, regras de vida específicas”. Somado a isso, a RCC integra ainda muitos representantes do clero.<sup>100</sup>

<sup>97</sup> Brenda CARRANZA. “Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências”, 1998, p.38.

<sup>98</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, 2000, p.39.

<sup>99</sup> Cecília MARIZ. “A Renovação Carismática Católica: Uma Igreja dentro da Igreja?”, 2003, p.179.

<sup>100</sup> Cecília MARIZ. “A Renovação Carismática Católica: Uma Igreja dentro da Igreja?”, 2003, p.181

O diferencial da RCC em relação a outros movimentos religiosos católicos seria a pluralidade interna: a RCC consiste em uma imensa teia de projetos, atividades, estruturas burocráticas de ligações nacionais e internacionais. Essa ampla organização da RCC leva Mariz a caracterizá-la como uma “Igreja dentro da Igreja”. Apesar de autônoma em relação à instituição católica, configura-se como um projeto de “renovação” preso à organização existente e à sua estrutura. Mariz argumenta que,

justamente por adquirir certo paralelismo e autonomia organizacional, a RCC pôde se integrar à estrutura mais ampla da Igreja. Embora ofereça dispositivos para a criação de organizações autônomas, a Igreja procura manter seus grupos internos dentro de certo controle.<sup>101</sup>

Emerson Sena Silveira ressalta a pluralidade interna do catolicismo, não obstante a direção centralizante do Papado e do Bispado, ao mesmo tempo em que a identidade católica passa a ser redefinida. Segundo o autor,

você tem uma estrutura antiga, burocrática, as paróquias, com todo seu trâmite canônico, e em contraposição, as comunidades de leigos (as), os movimentos; elementos mais ágeis e flexíveis, sintonizados com as atuais transformações do mundo social. Entre elas posso citar a ênfase na escolha individual, numa experiência marcada fortemente pela emoção, pelo afeto, pela corporeidade, pelo desligamento dos laços institucionais, pelo trânsito entre as mais diversas formas de expressão artística, política, cultural e religiosa.<sup>102</sup>

A Renovação Carismática, quando vista como um movimento no interior da Igreja, causa certo desconforto em alguns líderes, cujo desejo é transformar a Igreja e não constituírem um “movimento religioso a mais, que vive sua fé e experiências religiosas”. Mariz salienta que a estrutura organizacional da Igreja permite comportar uma pluralidade de formas de “religiosidade católica”. Em algumas instâncias são paralelas (autonomia) e em outras não (submissão à Santa Sé).

Graças a esses dispositivos, propostas de críticas ao *status quo* eclesial que cobravam transformação de toda a Igreja, não levaram necessariamente a rupturas radicais. Reavivamentos como o pentecostal, que geraram dissidências e criação de novas seitas quando ocorreram em outro tipo de organização, deram origem na Igreja Católica à RCC, que reforça a tradição e estrutura da Igreja, embora traga elementos renovadores. A criação de uma subestrutura organizacional dentro da

---

<sup>101</sup> Ibid., p.183.

<sup>102</sup> Emerson Sena da SILVEIRA. “Pluralidade Católica: um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento, 2004, p. 168.

Igreja mais ampla permite que se “saia” da Igreja ficando dentro dela, se proponha mudá-la e ao mesmo tempo ajude a mantê-la.<sup>103</sup>

## 2.6. Experiência religiosa X instituição

Oliveira salienta que a Renovação Carismática funcionaria como catalisadora da vivência religiosa estimulando-a fortemente, dando-lhe um novo dinamismo ou mesmo um novo sentido. Quanto à questão da conversão, o autor observa que

esse novo dinamismo trazido pela RC pode acarretar grandes mudanças no comportamento religioso de seus membros; porém só esporadicamente a RC opera conversões (no sentido de mudança de religião ou passagem de uma religião não praticada para uma religião praticada). Em geral o efeito produzido pela RC em seus membros supõe uma vivência religiosa que ocorre no íntimo da pessoa.<sup>104</sup>

Essa visão estimuladora é evidenciada pelos relatos dos membros que tiveram a “experiência” com o Espírito Santo. Segundo Edênio Valle, a pessoa se percebe como tendo “nascido novamente”, como uma nova criatura. Em sua análise, o autor afirma que a partir do Batismo no Espírito, se alteram ou se reorganizam de maneira nova os traços de personalidade. Cria-se outra identidade social ancorada em novos vínculos e papéis comunitários e novas percepções do mundo externo. O autor salienta que tal reestruturação do campo perceptivo e da autocompreensão do sujeito, tem suporte nos fervorosos grupos de oração. Visando manter o primeiro entusiasmo dos membros, esses grupos são estimulados pelo movimento. Assim, os depoimentos biográficos são notórios no movimento, pois, a RCC orienta os novos adeptos para uma ação evangelizadora direta, centrada no testemunho pessoal e grupal coordenado com manifestações massivas de evangelização. Dessa forma,

contrapondo-se ao clima dessacralizado, plural e permissivo da cultura em geral, ela cobra de seus membros um programa de vida no qual a espiritualidade e a fidelidade doutrinal e moral dos católicos constituem o eixo central. Primeiro vem a transformação espiritual, as mudanças na vida familiar e profissional, a retomada das práticas de piedade, o abandono do que é mundano, o controle da sexualidade etc.<sup>105</sup>

Como salienta Faustino Teixeira, há razões plausíveis para se identificar a RCC como um movimento de adesão exclusiva e que demarca o campo identitário. No entanto, “a própria dinâmica em curso vai desvelando novas perspectivas, sobretudo em razão dos

<sup>103</sup> Cecília Loreto MARIZ. “A Renovação Carismática Católica: Uma Igreja dentro da Igreja?”, 2003, p. 185.

<sup>104</sup> Pedro A. Ribeiro de OLIVEIRA. “Análise sociológica da RCC”, 1985, p. 30.

<sup>105</sup> Edênio VALLE. “A Renovação Carismática Católica. Algumas observações”, 2004, p. 102.

desdobramentos de sua experimentação religiosa.”<sup>106</sup> Assim, é de importância ressaltar alguns trabalhos nos quais é demonstrado que, embora a RCC demarque a identidade institucional católica, ela também pode ser um espaço para busca de novas formas de experimentar o sagrado.

Tal abordagem pode ser comprovada pela pesquisa de Eliane Martins Oliveira. A autora ressalta a disposição dos carismáticos à vivência íntima com Deus como traço forte, distintivo e substantivo da RCC. Faz-se importante também no movimento a busca de recuperação do catolicismo (instituição) através da experimentação místico-religiosa. Prática que é considerada imperativa para a definição de uma autêntica identidade católica. Eliane aponta que, não obstante o processo de institucionalização do movimento carismático na década de 80 e sua investida em evangelização tecnológica principalmente nos anos 90, “muitas pesquisas têm oferecido vasto e rico material etnográfico mais confirmador que refutador da relutância vigorosa do carisma no universo carismático.”<sup>107</sup>

Segundo a autora, a tensão entre carisma e instituição é evidente desde a origem da Renovação Carismática Católica. No Brasil, o receio de consequências desinstitucionalizadoras, rupturas denominacionais e hibridismos que poderiam ser favorecidas pelo movimento carismático, levaram a uma postura reguladora e disciplinar da hierarquia católica. Exemplo dessa regulação é o Documento da CNBB “Orientações pastorais para a Renovação Carismática Católica”. Mas,

se o carisma propugnado e consubstancializado pelo movimento carismático inspirou perigo às raias institucionais do catolicismo – visto a interioridade e subjetividade vivida na experiência religiosa tendente à autonomização institucional – também pareceu representar uma alternativa plausível ao avanço iminente das igrejas pentecostais que arregimentavam católicos cansados das ofertas romanizadas e secularizadas da Igreja.<sup>108</sup>

Eliane Oliveira afirma não estar preocupada com a hipótese de utilização da RCC como estratégia de contenção dos católicos. Porém, inquieta-se com a inegável assertiva de que

o movimento carismático acabou cada vez mais instalado no âmbito abrangente do catolicismo brasileiro, exalando sua vitalidade mística, sem que isso impedisse o

---

<sup>106</sup> Faustino TEIXEIRA. “Fases do Catolicismo Contemporâneo”, 2005, p.20

<sup>107</sup> Eliane Martins de OLIVEIRA. “O Mergulho do Espírito Santo”: interfaces entre catolicismo carismático e a Nova Era, 2004, p.85.

<sup>108</sup> Ibid., p. 86.

trânsito e o sincretismo religioso subterrâneos que, historicamente (e mesmo anteriores ao advento da RCC atuam nas bases da instituição.<sup>109</sup>

Em seu artigo Eliane Oliveira analisa as tendências de institucionalização e desinstitucionalização religiosa no catolicismo, que poderiam indicar possíveis rearranjos nas configurações do catolicismo brasileiro. Analisando a experimentação místico-religiosa dos indivíduos e dos pequenos grupos, no contexto da prática ritual, grupal e comunitária, a autora identifica um “diálogo” inter-religioso entre o movimento institucionalizado “(embora grávido de tensões e ambiguidades)”, a RCC, e o movimento desinstitucionalizado e continuamente sincretizado como a Nova Era.

Dessa forma, a autora observa que a valorização da experiência subjetiva com o sagrado tem adquirido novas formas no catolicismo carismático, provocando relações flexíveis entre o fiel e a instituição. Assim,

a experiência religiosa carismática não se constitui omitindo parâmetros institucionais – especialmente os referentes a elementos da tradição que abrange um conjunto simbólico, ritual e conceptual – nem se reproduz afirmando leal ou absolutamente os valores institucionais. Estabelece-se atribuindo aos valores institucionais diferentes significações, elaborando definições e redefinições intersubjetivas e contextuais.<sup>110</sup>

Em sua análise, Eliane Oliveira percebe que para privilegiar a experiência religiosa, vale reinterpretar conceitos e valores institucionais. Assim, a instituição é relativamente transcendida, mas não negada. Possibilitando, então, relevância mais referencial de identificação religiosa do que propriamente como representante da reunião de adeptos fiéis às regras institucionais. Ou seja, é através da experiência místico-religiosa que o fiel transfigura aspectos institucionais a partir de redefinições subjetivas e, ao mesmo tempo, se utiliza da instituição como referência simbólica de identificação religiosa.

Carlos Alberto Steil, a partir da análise etnográfica de grupos carismáticos em Porto Alegre, busca demonstrar que esses estariam se apropriando de outras formas religiosas de caráter místico, traço característico da Nova Era. O autor levanta a hipótese de que a RCC pode se tornar um lugar de trânsito para novas modalidades de crer no interior do catolicismo, na medida em que escapa ao controle institucional.

Isso nos permite pensar que, ao mesmo tempo em que a Renovação carismática Católica retém os católicos na Igreja, também possibilita um deslocamento de

<sup>109</sup> Eliane Martins de OLIVEIRA. “O Mergulho do Espírito Santo”: interfaces entre catolicismo carismático e a Nova Era, 2004, p.86.

<sup>110</sup> Idem.



formas tradicionais de ser católico para formas mais individualistas e reflexivas, corroborando o movimento de destradicionalização da religião na contemporaneidade.<sup>111</sup>

Steil salienta que as transformações do campo religioso brasileiro, além de favorecerem um movimento de reordenação desse campo, produzem mudanças no interior das próprias tradições. Modificações na medida em que essas se esforçam para se adequar à redefinição do conceito e significação de religião na contemporaneidade. Tal hipótese baseia-se nos dados coletados em sua pesquisa que, segundo o autor, indicam uma “situação específica, em que a afirmação da identidade católica se dá pela negociação entre tradição e reflexividade, entre autonomia individual e instituição.”<sup>112</sup>

Segundo o autor, o estudo do Grupo São José se reveste de grande densidade etnográfica, pois tal grupo absorve uma grande variedade do “espectro de modalidades que a religião assume na sociedade brasileira”. Assim, o autor afirma que o que atrai as pessoas para o Culto do grupo, não é o desejo de aderir a uma nova comunidade. O atrativo é a possibilidade de acessar diversas modalidades ou matizes de outras tradições e sistemas religiosos sem que com isso precise mudar sua identidade religiosa particular.<sup>113</sup>

Dessa maneira, citando um de seus interlocutores apontando que o Grupo São José estaria “aquém do catolicismo oficial e além do catolicismo popular”, o autor afirma que esse desempenho do Grupo só se torna possível “porque ele se situa em um “não lugar, num certo vácuo institucional, de onde é possível articular pluralidade religiosa consensuada na sociedade brasileira. Manter em seu seio essa zona de ambiguidades acaba tendo papel funcional na Igreja Católica que reage “à diversificação [do campo religioso] por meio da lógica da inclusão, onde o outro não deve ser combatido, mas englobado.”<sup>114</sup>

Segundo Camurça, o catolicismo do novo milênio retoma todas as práticas e tradições católicas (como devoção à virgem e veneração de sua imagem em casas e templos, práticas ritualísticas de bênçãos, reza do terço, novenas e etc.), tendo à frente desse retorno a RCC. O autor propõe a interpretação dessa problemática a partir da chave teórica que Hobsbawn denominou de “invenção da tradição”, pois não se trata de mera volta ao passado, mas de recriação da tradição em função do presente. A tradição, dessa forma, é retomada e

---

<sup>111</sup> Carlos Alberto STEIL. “Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou saída do catolicismo? Uma etnografia do grupo São José em Porto Alegre”, 2004, p.1.

<sup>112</sup> Ibid., p.2.

<sup>113</sup> Ibid., p.17.

<sup>114</sup> Idem.

reavaliada através da escolha pessoal e da experiência subjetiva do fiel.<sup>115</sup> Nas palavras de Camurça,

a tradição outrora vivenciada como uma força atávica/ impositiva encontra-se agora dinamizada e subjetivada pela livre-opção dos indivíduos que se sentem tocados pelas “bênçãos no Espírito”. (...) Portanto, a tradição funciona como “pano de fundo”, uma estrutura onde a experiência individual se reconhece, se expressa e se confirma, conseqüentemente legitimando a própria tradição.<sup>116</sup>

Portanto, a razão para o êxito carismático no campo religioso brasileiro deve-se, provavelmente, à sua capacidade de articular com competência as dimensões de tradição, modernidade e pós-modernidade.<sup>117</sup>

Tais abordagens sobre a RCC são imprescindíveis para pensar o Ministério Universidades Renovadas, destacando que ele se configura como um desdobramento da RCC idealizado a partir da experiência com o sagrado, vide o relato de Fernando Galvani. No entanto, ressaltamos que tal conformação e aplicação enquanto um movimento estudantil deve ser pensado, também, em sua aplicação social por parte dos estudantes.

---

<sup>115</sup> Emerson S. da SILVEIRA. “A posse do espírito: cuidado de si e salvação. 2000, *apud* Marcelo CAMURÇA. “RCC entre Tradição e Modernidade”, 2001, p. 19.

<sup>116</sup> Marcelo CAMURÇA. “RCC: entre Tradição e Modernidade”, 2001, p. 49.

<sup>117</sup> *Ibid.* p. 56.

### 3. Da Semente ao fruto: o processo de construção do Ministério Universidades Renovadas

Na tentativa de esclarecer a formação identitária do Ministério Universidades Renovadas, busca-se nas linhas que se seguem fazer um rápido panorama da estruturação do MUR enquanto movimento, para posteriormente analisá-lo. Feito isso, para uma melhor compreensão da maneira como o movimento foi idealizado e se transformou nesses dezesseis anos de história, propõe-se dividi-lo em três fases. Aqui, faz-se importante ressaltar que tal análise não toma a formação do MUR de forma evolutiva, pois essas fases podem ter se dado simultaneamente.

Dessa forma, a primeira fase que delineamos em nosso estudo, seria o momento de revelação de Fernando Galvani, em seu quarto de alojamento na UFV. Galvani, alguns anos depois divide um “sonho de amor” com outros jovens carismáticos no Seminário “RCC e Universidade” durante o *Seara*. A segunda fase seria a de estruturação do Projeto Universidades Renovadas, em que seus integrantes ressemantizam o “sonho de amor” ao ambiente acadêmico e à Igreja Católica. Por fim, a terceira fase, na qual se efetiva o projeto, agora chamado de movimento, tendo como marco o fato da RCC aprová-lo, tornando-o um de seus ministérios. Porém, antes de iniciar essa abordagem, faremos uma breve explicação de nosso objeto a fim de esclarecê-lo.

Nessa tentativa de compreensão, partiremos da análise de três fontes que julgamos importantes para a conformação de uma identidade do movimento. Assim, utilizaremos o livro reportagem intitulado “*Há fé na Terra na razão*”.<sup>118</sup> Trabalho escrito pela integrante do movimento Ariana Virgínia Pereira, no ano de 2003, para a obtenção do grau de bacharelado na Universidade Estadual Paulista. Também serão utilizados o livro depoimento de Ivna Sá dos Santos, “*Dai-lhes vós mesmo de comer – um livro histórico testemunhal do Ministério Universidades Renovadas*” publicado em 2004, e a “*Apostila de Formação – módulo I*” de 2006, disponível no *site* do MUR.

Busca-se, inicialmente, analisar em tais registros a forma como seus membros estruturam temas importantes à identidade do MUR, como sua gênese, sua relação com a universidade e com Igreja Católica através da RCC.

---

<sup>118</sup> Ariana PEREIRA. *Há Fé na Terra da Razão*, 2003.

### 3.1. Sonhando um “sonho de amor”

Conforme Ariana Virgínia Pereira, o primeiro grupo de oração universitário na UFV foi fundado por Joselito em 1981, na época aluno dessa instituição. A autora destaca que o país vivia um período conturbado e o movimento religioso católico de maior visibilidade nessa época era a Pastoral Universitária. Apesar das tensões, o grupo de oração manteve “uma trajetória oculta e não muito ousada”. Segundo o Relato de Pereira, Fernando Galvani é aprovado no vestibular de Viçosa em 1987 e como participava da RCC em sua cidade, assume em Viçosa a direção da RCC.

Fernando Galvani fazia parte de uma equipe nacional de jovens da RCC, que já estava articulada e do qual era o representante em Minas Gerais. Nesse mesmo período surge a ideia entre os jovens carismáticos de promoverem um encontro parecido com o Rebanhão de Cachoeira Paulista. Assim, decidiram fazer o “Rebanhinho”, realizado em fevereiro de 1988, como retiro de carnaval na UFV. Embora esse primeiro encontro não tenha dado muito certo, Santos nos conta que no ano seguinte mudariam o nome do encontro para *Seara*. Nome que significa, conforme Santos, a “extensão de terra semeada, terra fértil. Por isso, o tema do encontro foi: ‘*Seara* eu sou, Jesus é meu semeador.’”<sup>119</sup>

Conforme os relatos, Fernando Galvani recebeu de Deus a revelação que, anos mais tarde culminaria no “sonho de renovar as universidades”. De acordo com as fontes citadas, quando estava em oração no seu quarto de alojamento na UFV, contemplando um quadro de Jerusalém e lendo a Bíblia, Fernando deparou-se com o seguinte versículo: “Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome. No entanto, enchestes Jerusalém com a vossa doutrina, querendo fazer recair sobre nós o sangue desse homem.” Assim,

justamente quando rezava pedindo ao Espírito Santo que pudesse ser real para todos os estudantes da Universidade Federal de Viçosa, Fernando foi levado a vislumbrar a Universidade cheia da doutrina de Jesus. Como seria diferente! Como seria uma aula ministrada por um professor cheio de fé!? Como seria andar pelas ruas da universidade e se deparar com irmãos e irmãs que haviam abraçado a mesma fé!? Como seriam as pesquisas e projetos de extensão se fossem baseadas nos princípios do Evangelho?!<sup>120</sup>

No entanto, segundo Santos, essa revelação pessoal só foi externada publicamente por Galvani em 1994, durante um seminário que se chamou “RCC e

<sup>119</sup> Ivna SÁ DOS SANTOS. *Daí-lhes vós mesmos de comer*, 2004, p. 53

<sup>120</sup> *Ibid.*, p.61.

Universidade”. Tal adiamento deve-se ao fato de que quando Galvani formou-se no primeiro semestre de 1990, em Medicina Veterinária, foi para os Estados Unidos para continuar seus estudos. Quando retornou ao Brasil seis meses depois, a equipe que ele liderara havia sido desintegrada pelo Conselho e a Comissão Nacional da RCC no Brasil. Segundo Santos, na época resolveram acabar com o trabalho da equipe de jovens para dar início ao projeto da Ofensiva Nacional de evangelização em 1993. Projeto esse que constava com a criação de secretarias específicas para variáveis importantes ao movimento da RCC, como a Secretaria Marcos que agora seria a responsável pela evangelização e formação dos jovens.<sup>121</sup>

Nesse ínterim, Galvani foi convidado pela nova Secretaria São Marcos para implementar um projeto que viabilizasse a evangelização de jovens cursando a universidade.<sup>122</sup> Os relatos afirmam que Galvani, nessa época, estava muito inquieto com a leitura das *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizado em Santo Domingo*, em 1992. Dentre outras coisas, preocupava-se em denunciar “a visão que considera inútil e nociva para a vida humana a ideia de que nenhuma religião pode se apresentar como verdadeira”. Também incitava a formação de “uma pastoral adequada para evangelizar os ambientes universitários, onde se formam os que irão plasmar decisivamente a cultura.”<sup>123</sup>

Segundo Santos, nessa época, Galvani tem acesso ao livro de Patty Mansfield, “Como um novo Pentecostes”. Segundo relato do mesmo, o livro ampliou sua forma de ser e ver a RCC e a universidade,

Por que a RCC foi nascer justamente dentro de uma universidade? Por que não em um mosteiro, em um grupo de jovens ou idosos de alguma paróquia, ou em uma Comunidade de Base? Por que eu participo desse momento histórico de derramamento do Espírito Santo, tendo tido a chance de cursar a universidade? Qual é a minha resposta diante desta missão de evangelizar a universidade?<sup>124</sup>

Foi durante o *Seara* de 1994 que Fernando se reuniu com mais alguns integrantes da RCC para fomentar um Seminário sobre “RCC e Universidade”. Pereira afirma que esse seria o primeiro nome do movimento, passando a Projeto Universidades Renovadas durante o I ENUCC (Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos), como um projeto da Secretaria São Marcos. Já Santos, afirma que, embora o PUR não tenha surgido exatamente

<sup>121</sup> Ivna SÁ DOS SANTOS. *Daí-lhes vós mesmos de comer*. 2004, p.62.

<sup>122</sup> Ariana PEREIRA. *Há Fé na Terra da Razão*, 2003, p.2.

<sup>123</sup> Doc. Santo Domingo, cap.156, pág.149. *apud* Ivna SÁ DOS SANTOS. *Daí-lhes vós mesmos de comer*, 2004, p.62.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p.63

no *Seara*, o dia 12 de fevereiro de 1994 ficou marcado como a primeira atividade do grupo em comum.

Tendo em vista o contexto acima, podemos afirmar que em sua primeira fase, o MUR tinha como proposta inicial motivar os acadêmicos a criarem Grupos de Oração Universitários – os GOUs e assim evangelizarem o meio acadêmico.

Segundo Eduardo Gabriel, nos grupos de oração é o louvor que interessa, sendo essa prática levada a cabo por meio de quatro objetivos:

- 1) evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus em nossas escolas e em nossa futura profissão; 2) evangelizar acreditando ser possível e preciso conciliar fé e razão; 3) evangelizar, em comunhão fraterna com a Igreja, formando homens novos que exerçam sua função a luz do evangelho; 4) evangelizar com o poder de efusão do Espírito Santo, para que os corações de todos nós, estudantes, professores e profissionais se unam ao coração de Deus.<sup>125</sup>

De acordo com o *site* do MUR, durante os GOUs, “muitos universitários, funcionários e professores têm seu primeiro encontro com Jesus Cristo vivo, pelo Batismo no Espírito Santo. Ali, eles aprendem a sonhar com a construção da Civilização do Amor no Brasil e no mundo.”<sup>126</sup>

### 3.2. Projetando o sonho

O MUR realiza anualmente, desde 1996, um Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos, o ENUCC. Durante esses encontros ocorre sempre “a partilha”, na qual a equipe que organiza o encontro separa algumas pautas a serem discutidas. Os participantes do Encontro são divididos em grupos e os problemas são discutidos e anotados pelo responsável pela partilha. Posteriormente, essas informações são repassadas pelo responsável em reunião com os dirigentes do Encontro.

Essa dinâmica do grupo é importante na medida em que permite tomar conhecimento de críticas e soluções, discutir questões que são importantes para as propostas do Movimento. Dessa forma, cada célula do MUR expõe sua situação em relação à sua faculdade ou universidade.

Tais encontros são importantes para o processo de criação de uma identidade comum, principalmente no que diz respeito à sua estruturação, delimitada aqui como a segunda fase do projeto. Nessa etapa, os integrantes ressemantizam seu “sonho” a partir do

<sup>125</sup> Eduardo GABRIEL. “A evangelização carismática católica na universidade: O sonho do Grupo de Oração Universitário”, 2005, p. 7.

<sup>126</sup> Disponível em <http://www.pur.com.br>. Acesso em 28 de agosto de 2009.

ambiente acadêmico e da visão carismática. Dessa forma, busca-se examinar em qual momento o projeto começou a se preocupar com a formação profissional no meio acadêmico e com as mudanças efetivas na sociedade.

Aqui faz-se importante a análise sobre dons infusos e os dons carismáticos. Assim, os dons infusos são aqueles que a pessoa não faz nenhum esforço para adquirir, como o dom de temor a Deus, o dom de fortaleza, o dom de piedade, o dom de conselho, o dom de ciência, o dom de inteligência, o dom de discernimento e o dom da sabedoria. Como salienta Carranza, “estes dons levam ao caminho da santificação, o fortalecimento do ser humano; (pois) a finalidade dos dons infusos é “o crescimento espiritual” de cada um”<sup>127</sup>.

Já os dons carismáticos são os que o fiel trabalha para adquirir através do louvor. São eles o dom da *cura*, o dom da *fé*, o dom do *milagre*, o dom de *falar em línguas* (glossolalia) e o dom de *profecia*.

A RCC se define como o lugar onde os católicos podem vivenciar os dons e carismas, através do *batismo no Espírito*, sendo que tais dons podem ser infusos e carismáticos. Destaca-se que o dom do carisma leva o indivíduo a agir (no sentido de que o membro deve esforçar-se para adquiri-lo através do louvor e da oração). Já os dons infusos levam o indivíduo a ser (pois o indivíduo não precisa fazer esforço para tê-lo, basta ser católico). Sendo assim, ressaltamos a importância para os carismáticos da ideia de que para “fazer o indivíduo deve ser”.

Segundo Brenda Carranza, a forma como a RCC utiliza o dom da profecia manifesta sua diferença substancial da Teologia da Libertação. A RCC utiliza esse dom como consolo e edificação pessoal e comunitária. Por outro lado, a Teologia da Libertação emprega esse dom encorajando pessoas para uma ação de denúncia social, sendo um dom que alimenta e legitima as lutas sociais e políticas<sup>128</sup>. Ressalte-se que a forma de ação da RCC baseia-se nos dons infusos e carismáticos, pois segundo a RCC, “os dons de carisma nos levam a agir, e os dons infusos nos levam a ser; para fazer temos que ser.”<sup>129</sup>

Essa concepção do “ser” para “fazer” é marcante no movimento da RCC dentro da universidade. Assim, para uma de nossas entrevistadas, é através dos carismas que se substancia a ação:

---

<sup>127</sup> Vida no Espírito, s/d, p.34 *apud* Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, 2000.

<sup>128</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, 2000, p. 90.

<sup>129</sup> Seminário de Vida, p. 37, s/d *apud* Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*, 2000.

São dons que Deus te dá pra você ajudar o outro. Então é... ele faz parte, é um... como se fosse uma das características da RCC. Mas, porque o fundamental de tudo é Deus. [sente-se aqui emoção por parte da entrevistada] Acho que o principal de tudo é Deus. Os carismas é uma característica, é uma maneira, um meio que a gente usa pra evangelizar, que a gente usa pra servir as pessoas, né? Por exemplo, um dom de cura, não é procê, ele é pro outro. Então tem outros dons que a gente chama, por exemplo, dom de profecia, que você vai ficar adivinhando lá da vida da pessoa falando que vai morrer, mas algo que às vezes Deus tá falando pra edificar aquela pessoa, pra ela crescer. Então não é... são dons que a gente fala, são dons de serviço, porque é colocado à disposição das pessoas. Então é uma maneira de evangelizar, é esse que é o papel dos carismas, você evangelizar.<sup>130</sup>

Segundo o relato de Pereira, Galvani enquanto ainda era estudante queria se especializar na área de inseminação artificial de cavalos, um dos mais ramos veterinários mais lucrativos. Porém, depois de ouvir o seguinte pronunciamento do Bispo Dom Luciano Mendes de Almeida, o ainda aluno, muda de ideia,

tem muita gente que pensa que a profissão é para ganhar dinheiro, é para preencher lacunas na vida. Ela pode ser para tudo isso, mas é importante que vocês saibam que a sua profissão, é um dom de Deus para ser a prestação de um serviço social para a comunidade. Através do dom da sua profissão, a sociedade que paga os impostos – mesmo para aqueles que estudam em universidades particulares, pois elas recebem subsídio dos governos – você estudante cristão, você que comunga da fé cristã, deve saber que a sociedade do Brasil espera uma resposta sua para equacionar os problemas existentes na sociedade.<sup>131</sup>

A análise de Pereira salienta que encarar a presença da Igreja Católica, ou a presença de qualquer outra relação com o sagrado nas universidades apenas como alienação ou “refrigério espiritual para as almas necessitadas, seria uma visão simplória e superficial da realidade para os que vivem a religião nos centros de saber.”<sup>132</sup> Tal assertiva deve-se à visão de que a religião na universidade possui uma função humanizadora.

Conforme a autora, a universidade é o celeiro dos futuros profissionais que formarão as lideranças da sociedade e, além disso, que irão prestar serviços de importância para a população. Estes profissionais “relacionam-se diretamente com a integridade e o equilíbrio de uma comunidade.”<sup>133</sup> No tocante à formação dos estudantes e solução dos problemas brasileiros, a autora afirma que

não é possível esperar que a solução de problemas típicos de países de terceiro mundo venha do nada, por meio de um salvador da Pátria. É necessária que se priorize, nos projetos pedagógicos escolares, a preocupação social, a inquietação

<sup>130</sup> Entrevista realizada com pós-graduanda em Biologia Molecular, membro do MUR e do GPP.

<sup>131</sup> Ariana PEREIRA. *Há Fé na Terra da Razão*, 2003, p.5.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p.1.

<sup>133</sup> *Idem.*



com a situação de miséria e a resistência à situação de violência para que, dessa maneira, os profissionais saiam das universidades com maior senso de responsabilidade social, além da vontade incondicional de ganhar dinheiro e vencer na vida.<sup>134</sup>

No que se refere aos projetos de ação social, Santos afirma que os participantes dos grupos de oração sofriam algumas críticas, pois a Teologia da Libertação era muito forte e muitos bispos tinham resistência à RCC. Segundo relato de Galvani,

havia um padre na cidade que dizia assim: ‘os carismáticos cantam: *Hoje é dia de louvar a Deus* enquanto isso, o povo está morrendo de fome. Os carismáticos não fazem nada’. Como ouvir essas coisas machucava o nosso coração. Por isso, era preciso também buscar caminhos alternativos, se inserir ainda mais na vida da universidade, nas lutas do DCE, nos problemas da cidade.<sup>135</sup>

Assim, podemos dizer que o caráter de mudança do movimento foi sendo construído através da assimilação de críticas à própria RCC, dos ideais católicos, dos pressupostos estudantis, não sendo, pois, um projeto pensado da noite para o dia.

Outro objetivo salientado pelo MUR é a formação de profissionais que possam exercer competentemente sua ação pública especializada, aliada aos conceitos éticos da religião. Tal objetivo só seria possível através da união entre fé e razão, tema tratado na *Encíclica “Fides et Ratio”, sobre as relações entre fé e razão* publicada em 1998. Ressaltamos que tanto o *site* do movimento como as fontes aqui citadas utilizam o seguinte trecho como mensagem antes dos textos:

A Fé e a Razão constituem como que as duas asas pelas quais o coração humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade, e, em última análise, de conhecê-lo, para que conhecendo-o e amando-o, possa chegar também à verdade plena de si próprio.<sup>136</sup>

O que chama a atenção é o fato da Encíclica ter sido publicada apenas quatro anos depois do seminário do *Seara* e ainda assim ser o “carro chefe” do movimento. O uso dessa mensagem pode ser analisado tanto como uma defesa em relação às críticas ao uso da fé na universidade, como uma aproximação do MUR como serviço diretamente prestado à Igreja. Assim, questionamos até que ponto pode-se identificar o MUR, já em sua gênese, como um projeto que busca evangelizar através da aliança entre fé e razão.

<sup>134</sup> Ibidem.

<sup>135</sup> Ivna SÁ DOS SANTOS. *Daí-lhes vós mesmos de comer*, 2004, p. 53

<sup>136</sup> João PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*, 1988, p. 5.

### 3.3. Demarcando o sonho

O livro-reportagem de Pereira busca fazer um histórico do MUR através do subitem intitulado “antes da história”. Nesse trecho, a jornalista busca contextualizar a RCC como resultado do Concílio do Vaticano II, associando o surgimento do MUR ao da RCC. Assim, em relação aos grupos de oração que antecedem a criação do MUR, o texto de Pereira afirma que “em uma cidade de Minas Gerais, a RCC imita a situação em que surgiu no ano de 1967. O primeiro grupo de oração da cidade de Viçosa tem início em uma universidade, por iniciativa de jovens que vão para a cidade estudar na Universidade Federal”<sup>137</sup>.

A Apostila de formação do MUR faz também essa aproximação quando narra a história da preparação do Seminário “RCC e Universidade”, quando Fernando Galvani teria exposto sua ideia de renovação. Segundo o texto da apostila,

[um] pequeno grupo se reuniu e planejou um Seminário para ser ministrado no *SEARA*, onde fosse narrada a experiência de Duquesne, a história da RCC no mundo e no Brasil, a palavra de At. 5, 28 e o sonho de ver as “novas Jerusaléns” (nossas universidades e faculdades) cheias da doutrina de Jesus. Nessa oportunidade, lançariam aos participantes três questionamentos que ainda hoje marcam a experiência do nosso Ministério; 1) Por que a RCC começou numa universidade?; 2) Por que você está aqui hoje?; 3) Qual a sua resposta diante desse convite de Jesus?<sup>138</sup>

Tal aproximação também é verificada no livro depoimento de Ivna de Sá Santos, quando a autora afirma que, “mais precisamente, a origem do Projeto Universidades Renovadas remonta ao surgimento da Renovação Carismática Católica (RCC), que é um dos movimentos nascidos no período que chamaremos pós-Concílio Vaticano II.”<sup>139</sup>

A abordagem dada por Pereira aponta para além da aproximação do MUR ao surgimento da RCC. Trata-se de uma visão do encontro de Duquesne como contestação da Igreja, pois segundo Pereira, o MUR “surge bem antes do que foi considerado seu marco inicial, o *Seara* de 1994, na Universidade Federal de Viçosa. Em 1967, também em uma universidade, Pittsburg, Universidade do Espírito Santo de Duquesne, Estados Unidos, quando um grupo de universitários resolveu questionar a história da Igreja Católica.”<sup>140</sup> A jornalista afirma ainda que,

<sup>137</sup> Ariana PEREIRA. *Há Fé na Terra da Razão*. 2003, p.4.

<sup>138</sup> Apostila de formação – Módulo I, Ministério Universidades Renovadas, 2006, p.34. Disponível em <http://www.pur.com.br/formacao/formacao.asp>. Consultado em 25 de outubro de 2010.

<sup>139</sup> Ivna SÁ DOS SANTOS. *Dai-lhes vós mesmos de comer*, 2004, p.31.

<sup>140</sup> Ariana PEREIRA. *Há Fé na Terra da Razão*, 2003, p.2.

esses universitários norte-americanos, após estudarem os capítulos de um a quatro do livro bíblico dos Atos dos Apóstolos e lerem a Cruz e o Punhal, escrito pelo Pastor evangélico David Wilkerson, começaram a questionar o porquê de todos os milagres relatados pelos primeiros cristãos e os acontecimentos sobrenaturais contados por evangélicos não acontecerem na Igreja Católica contemporânea.<sup>141</sup>

Para além desse aspecto, vale destacar ainda que, a análise de Pereira faz coro às abordagens sobre os movimentos contraculturais da década de 1960, década da gênese da RCC. Segundo essas abordagens, tais movimentos tanto em sua expressão política, quanto em sua expressão contracultural, ou mesmo na combinação dessas expressividades, tiveram como traço característico a transgressão de padrões de valores estabelecidos. Assim, como afirma Irene Cardoso, tal transgressão não seria no sentido negativo, ou de uma negação tácita dos limites estabelecidos, “mas de um movimento que os atravessa afirmando novos limites. Em outros termos, um movimento que é de negação de valores estabelecidos, mas que na sua face positiva se lança no risco da afirmação de novos valores.”<sup>142</sup>

Pelo exposto, pode-se dizer que os relatos acima buscam aproximar a gênese do MUR ao da RCC, fazendo do movimento um prolongamento do “encontro de Duquesne”. Tal identificação com a Igreja pode ser vista também no relato de Pereira, quando cita que

em 1996, a RCC acolheu o Projeto como parte integrante das atividades em nível nacional, fato que abriu ainda mais os olhos da Igreja para as atividades dos tímidos e intrépidos universitários católicos carismáticos, dispostos a mudar a realidade social por meio de “um sonho de amor” para a história não só do país, como também do mundo.<sup>143</sup>

No entanto, encontramos, também nos relatos, algumas críticas à RCC. Quando Pereira afirma que mesmo que essa tenha trazido “muitas ovelhas desgarradas”, é inegável que a Renovação também evita discutir temas polêmicos. Nas palavras da integrante, citando que

não raro ela fecha com a opinião da Igreja e não quer nem saber de ouvir posições contrárias. É assim e ponto final, não se fala mais nisso. O que não se pode esquecer é que existem pessoas que não se contentam com opiniões fechadas. Para os membros do PUR, não se coloca em questão a obediência ou não aos dogmas e pronunciamentos da Igreja, o que se espera é que temas e discussões sejam discutidos.<sup>144</sup>

Pereira cita aqui a fala de Padre Joãozinho, assessor teológico da RCC na época,

---

<sup>141</sup> Ibid., p.13.

<sup>142</sup> Irene CARDOSO. *A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança*, 2005, p.102.

<sup>143</sup> Ariana PEREIRA. *Há Fé na Terra da Razão*, 2003, p. 2.

<sup>144</sup> Ibid., p.13.

no qual o mesmo afirma que “a instituição PUR sempre está um pouco desconfortável na Renovação Carismática. Porque é um Projeto que pensa, por isso ele é perigoso.”<sup>145</sup>

Aqui, vale a assertiva de Silveira quando ressalta que na RCC há uma “espécie de hibridização de dois aspectos: a Instituição não deixa de existir, mas coloca-se em curso, o que em linguagem sociológica se denomina de processo de adaptação e *aggiornamento* social, mas que denomino [o autor] de reinterpretação subjetiva dos sacramentos e da Instituição, no caso da Renovação Carismática Católica (RCC).”<sup>146</sup>

Tendo em vista o exposto acima, pode-se pensar que o MUR foi identificado com sua matriz carismática e, portanto, católica. Tal questão pode ser verificada quando no esforço de contextualizar o MUR, os autores acima citados, buscam sua gênese no Concílio Vaticano II, o acontecimento de Duquesne e por fim seu desdobramento, os primeiros grupos de Oração de Viçosa, que culmina com o Projeto Universidades Renovadas.

No que tange a trajetória institucional do movimento, de acordo com os relatos citados, o MUR e as primeiras ideias sobre o movimento aparecem no Seminário *Universidade e RCC*. Após isso, toma corpo depois do I ENUCC, tornando-se o Projeto Universidades Renovadas. Posteriormente é englobado pela RCC, conforme relatado na Apostila de Formação, quando o Conselho Nacional da Renovação Carismática percebe que o movimento envolvia não só estudantes, mas pesquisadores e professores. Assim, o Projeto é agora uma secretaria, a Secretaria Lucas, que segundo o texto da Apostila, tal nome deve-se ao fato de Lucas ter sido médico e, portanto, um “Profissional do Reino”. Sobre esse período,

é preciso salientar que entre 1994, desde a partilha com cerca de 50 universitários em Viçosa, e 1998, quando o carisma de evangelização é reconhecido como Secretaria, o trabalho nas universidades teve um enorme incremento. Em 1998, a Secretaria São Lucas já contava com mais de 3000 participantes, já havia atingido mais de 17 Unidades da Federação e já contava com GOUs em mais de 200 Institutos de Ensino Superior.<sup>147</sup>

Em 2004, o Conselho da Renovação Carismática Católica definiu que os serviços da RCC voltariam a ser chamados de Ministérios. Assim, a Secretaria Lucas passa a ser denominada “Ministério Universidades Renovadas.”<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> Idem.

<sup>146</sup> Emerson SILVEIRA. “A ‘posse do Espírito’: Cuidado de si e salvação”, 2000, p.154.

<sup>147</sup> Apostila de formação – Módulo I, Ministério Universidades Renovadas, 2006, p.35. Disponível em <http://www.pur.com.br/formacao/formacao.asp>. Consultado em 25 de outubro de 2010.

<sup>148</sup> Ibid., p.36.

## CAPÍTULO 2: O MUR E A UNIVERSIDADE

### 1. Da “fé na razão” à “razão na fé”: memória e movimento estudantil

Tendo em vista que o MUR é um movimento estudantil religioso de viés carismático, esse capítulo tem por objetivo tentar compreender o modo como os indivíduos vinculam aspectos peculiares do ‘ser estudante’ com elementos introduzidos pelo movimento religioso – MUR. Assim, nas linhas que se seguem, buscar-se-á de forma sucinta analisar a forma como se deu a estruturação dos movimentos estudantis no Brasil, atentando para a construção de um imaginário cristalizado na ideia do ser ‘universitário’. Por outro lado, esforçamo-nos em contextualizar historicamente a inserção da Igreja Católica no espaço público brasileiro e, em especial, na universidade.

#### 1.2. Os movimentos estudantis

O processo de laicização do Estado, ou seja, a separação jurídica deste com a Igreja Católica teve início com a proclamação da República. Configurou-se assim, a distinção entre as instâncias civil e religiosa. A partir desse momento, inicia-se uma nova experiência da vida católica no Brasil. Processo este, pelo qual a Igreja é impelida a renovar suas estratégias de inserção na conjuntura social brasileira, agindo para tanto de forma a manter-se visível na arena política.<sup>149</sup>

Nesse intento, a Igreja mobiliza seus intelectuais formando, entre outras organizações, o Centro D. Vital e a LEC (Liga Eleitoral Católica). O primeiro foi inspirado pela *Action Française*, tendo sido fundado em 1922, aglutinando parte da intelectualidade católica conservadora, afim com um nacionalismo de direita. A segunda organização, a LEC, foi criada em 1932, com o intuito de mobilizar o eleitorado católico para apoiar candidaturas afinadas com as aspirações da Igreja.<sup>150</sup> As concessões feitas à Igreja pela constituição de 1934 demonstram os efeitos da ofensiva empreendida por meio dessas organizações.

Assim, uma das estratégias empreendidas pela Igreja Católica foi sua inserção nas universidades através do apoio à formação de grupos católicos. De um lado, tendo como base o Centro D. Vital, a Ação Católica<sup>151</sup> (criada em 1935, pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, D.

---

<sup>149</sup> Dermi AZEVEDO. A Igreja Católica e o seu papel político no Brasil. 2004, p.3-5.

<sup>150</sup> Marcelo RIDENTI. O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo. 1998, p.3.

<sup>151</sup> Segundo Beozzo, a Ação Católica era dividida em quatro setores fundamentais, HAC (Homens da Ação Católica), LFAC (Liga Feminina da Ação Católica), JCBM (Juventude Católica Brasileira Masculina) e a JFC (Juventude Feminina Católica). Ressalta Beozzo que “no setor da juventude, os estatutos admitem seções: a JEC,

Sebastião Leme) especializa um setor para atuar nas universidades - a AUC (Associação Universitária Católica)<sup>152</sup>, que mais tarde recebe o nome de JUC (Juventude Universitária Católica). Marcelo Ridenti afirma que, em seus primeiros anos, as bases do movimento estavam voltadas para o universo ideológico do catolicismo nacional, preocupando-se mais com o aprofundamento e a fé dos universitários, assim,

voltando-se sobre si mesmos, reafirmando os valores oficiais da Igreja, os integrantes da JUC tendiam a compor uma elite acadêmica católica. A visão de mundo que deu origem à JUC estaria ancorada na doutrina medieval da Igreja: a tarefa do homem na Terra seria espelhar a ordem divina ideal, tanto em sua alma quanto na sociedade. Assim, a predisposição seria valorizar a ordem e a harmonia social, acatar as estruturas e as instituições existentes, cujos eventuais problemas estariam nas falhas das pessoas que as compõem. Caberia, no máximo, reformar as consciências individuais para que uma ordem harmônica e justa imperasse no mundo, espelhada na vontade de Deus.<sup>153</sup>

Paralelamente à estruturação do movimento católico, em 1937 é fundada a UNE (União Nacional dos Estudantes), dando início à fase de ‘atuação organizada’ dos estudantes, entidade que congrega os interesses da classe estudantil nacional. Em sua fase de estruturação a UNE esteve à frente de várias campanhas políticas; entretanto, a partir do Golpe Civil-Militar de 1964, o movimento sofre grande repressão, obrigando os estudantes a terem mais cautela quanto a sua organização.<sup>154</sup>

Nesse contexto, os jovens ‘jucistas’ (integrantes do movimento estudantil religioso – Juventude Universitária Católica) – convivendo com as ideologias socialistas e comunistas no meio universitário, às quais, em conformidade com a Igreja Católica, deveriam combater, e tendo acesso a teologias que legitimavam a ação temporal<sup>155</sup> – passaram a questionar aspectos das ideias dominantes na Igreja. Por exemplo, questionavam a

---

para a *Juventude Secundarista Católica*; a JUC, para os Estudantes Universitários Católicos; JOC para a Juventude Operária. Era, a primeira semente da ‘especialização’”. José Oscar BEOZZO. *Cristãos na universidade e na política*. 1984, p.30.

<sup>152</sup> Ressalte-se que, nesse contexto, a IC assume a direção dessa ação através da criação de grupos católicos universitários. Contudo, após o Concílio do Vaticano II, e a valorização do leigo perante a Igreja e a sociedade, a inserção dos movimentos católicos nas universidades se configura de uma nova forma. São os estudantes, a partir do contato com a RCC os que instituem o novo movimento: o MUR

<sup>153</sup> Marcelo RIDENTI. O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo 1998, p.3.

<sup>154</sup> Segundo Ana Paula Araújo, a data de criação da UNE é divergente, uns afirmam que ela foi criada no ano de 1937 e outros que sua verdadeira fundação foi no ano 1938. Tal conflito, segundo a autora, seria pelo fato de que a entidade nascera de um órgão pára-oficial e, pretensamente, apolítico, chamado Casa do Estudante do Brasil (CEB). Em 1938, durante o II Congresso Nacional dos Estudantes e através da separação da CEB, a UNE passa a uma entidade politizada com propostas de mudança diferente da CEB, que visava unicamente à representação formal dos estudantes. Ana Paula ARAÚJO. *Memórias estudantis – da fundação da UNE aos nossos dias*. 2007, p. 21.

<sup>155</sup> Como, por exemplo, pelas obras de Jacques Maritain, Emmanuel Mounier e Pierre Teilhard de Chardin Marcelo RIDENTI. O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo. 1998, p. 4.

passividade política diante da ordem estabelecida, atuando de forma mais politizada.<sup>156</sup>

Em conformidade com o clima dominante nas universidades brasileiras, os jucistas se aproximaram efetivamente do Movimento Estudantil. Elegeram lideranças como presidentes na UNE, gerando uma crise face à hierarquia católica e a desvinculação, a partir de 1968, desse movimento religioso da Igreja Católica.<sup>157</sup>

A partir desse mesmo ano, a UNE recebe o apoio de organizações clandestinas como a Ação Popular – movimento dissidente da JUC, a Política Operária (POLOP) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Com a decretação do Ato Institucional nº 5, em 1968, e as efetivas ações governamentais para dismantelar a UNE, o movimento (agora como entidade destituída) passa à atuação clandestina e assume a luta armada contra o Regime Militar. Movimentos como Aliança Libertadora Nacional (ALN), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), o Movimento Revolucionário de 8 de outubro (MR8)<sup>158</sup> e a Ala Vermelha, tiveram muitos de seus membros presos, torturados e alguns mortos em prol da causa que assumiram em oposição à ditadura instaurada no país.<sup>159</sup>

Em 1979 a UNE volta a funcionar, sendo legalizada em 1982. Segundo Andreza Barbosa, em sua análise sobre a UNE e o DCE nas décadas de 1980 e 1990, aponta que o movimento estudantil desse período acaba por se desarticular. Barbosa assinala como possíveis causas os seguintes fatores: a partidarização descontrolada dos mesmos, que ao assumir prerrogativas partidárias abandona os interesses gerais dos estudantes; a inclinação em tomar como modelo o movimento estudantil do passado em um contexto diferente, não conseguindo se adequar ao quadro atual; e, ainda, o processo de individualização próprio da sociedade contemporânea.<sup>160</sup>

No tocante à inserção da Igreja nas universidades, a PU (Pastoral Universitária), criada em 1975, garantiu a atuação da Igreja Católica no meio universitário norteadada por duas

---

<sup>156</sup> Na década de 1960 os integrantes da JUC buscavam atuar nas Universidades vivenciando fé e política, - através do lema “ver, julgar e agir” – empenhavam-se em apreender a realidade (realizando um diagnóstico dos meios universitários e da realidade brasileira), julgá-la (com premissas filosóficas, teológicas e pastorais) e agir (exercendo atividades coerentes com esses pressupostos). Marcelo RIDENTI. O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo. 1998, p. 4.

<sup>157</sup> José Oscar BEOZZO. Cristãos na universidade e na política. 1984, p.84.

<sup>158</sup> Sobre esse movimento veja: Marcelo CAMURÇA. Os “Melhores Filhos do Povo”. Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista: o caso do MR8. 1994.

<sup>159</sup> A história do movimento estudantil é tratada nesse texto de forma sucinta, tendo em vista que esse não é nosso foco. É vasta a literatura sobre esse movimento, dentre elas podemos citar: J. R. MARTINS FILHO. *Movimento estudantil e ditadura militar*. 1987; Luís Antônio GROUPO. *Uma onda mundial de revoltas. Movimentos estudantis de 1968*. 2005; J. L. SANFELICE. *Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64 – antecedentes (início da década de 60: a presença da UNE nos acontecimentos políticos)*. 1986.

<sup>160</sup> Andreza BARBOSA. A (Des-articulação) do Movimento Estudantil: (Décadas de 80 e 90). 2002, p. 5-14.

formas de agir: a primeira por meio da criação de instituições de ensino superior e a segunda pela presença de grupos de fé e de apostolado, tanto nas Universidades católicas quanto nas Universidades leigas.<sup>161</sup>

Já na década de 1990, iniciou-se o Projeto Universidades Renovadas que, após sua efetivação, tornou-se o Ministério Universidades Renovadas. Esse movimento, idealizado por estudantes, foi construído a partir de nuances identitárias que transitam entre ser católico, carismático, estudante, cientista e futuro profissional, como já citado no primeiro capítulo dessa pesquisa.

Assim, ressaltamos duas formas de inserção da Igreja Católica na Universidade. Uma primeira via - após a Proclamação da República - em que ela atua por meio da criação de grupos católicos universitários sob sua direção: a AUC (Associação Universitária Católica). E também uma segunda via de inserção - resultado do Concílio Vaticano II e sua consequente valorização do leigo perante a Igreja e a sociedade - que se faz pelos estudantes politizados ligados à Teologia da Libertação e às CEB's nas Pastorais Universitárias e pelos estudantes católicos carismáticos, O MUR, não obstante à valorização de sua pertença à Igreja. Concomitantemente a essa abordagem, ressaltamos nesse processo de institucionalização a formação de uma identidade comum aos estudantes, caracterizada pela conotação política, bem como sua atuação coletiva. Pois, como afirma Marcos R. Mesquita, o histórico do posicionamento político dos movimentos estudantis, principalmente durante a ditadura militar, acabou por se cristalizar no imaginário social como o grande momento do movimento.<sup>162</sup>

### **1.3. Estratégias empreendidas pelo MUR**

Em nossa pesquisa pudemos perceber duas formas de ação do MUR nas instituições acadêmicas. A primeira ação, em conformidade com os termos iniciais do *Projeto Universidades Renovadas*, foi a de 'encher do amor de Deus a Universidade', através dos GOUs. Tal proposta estaria em conformidade com a religiosidade católica, tendo em vista que os participantes, em sua maioria, são de famílias católicas e já participavam da RCC. Dessa forma, a ideia de evangelizar através da criação de GOUs seria uma estratégia para que os estudantes católicos continuassem professando a sua fé.

A segunda frente, que possui como norte evangelizar valendo-se da aliança entre

---

<sup>161</sup> José Oscar BEOZZO. *Cristãos na universidade e na política*. 1984, p.133.

<sup>162</sup> Marcos R. MESQUITA. "Movimento Estudantil Brasileiro; políticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais". 2006, p. 117-149.



fé e razão, utiliza um discurso sobre a questão da ética, da moralização profissional, da aplicação da ciência e de suas consequências. Essa segunda forma de atuação se fundamenta na busca de tornar-se um ‘profissional do reino’. Esse ideal é o almejado pelos estudantes que estão em acordo com os pressupostos oferecidos pelo movimento e que para tanto, buscam uma formação acadêmica sólida. Assim, uma das bandeiras de atuação do MUR é ‘ser para fazer’, o estudante deve formar-se, ser bom em sua carreira acadêmica e profissional, para então se tornar agente de transformação social.

É interessante observar que essa máxima do MUR vai de encontro ao histórico dos movimentos estudantis - os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCE's) e seu núcleo maior, a União Nacional dos Estudantes (UNE). Desse modo, a militância estudantil é contestada pelos integrantes do MUR por ‘desviar’, em nome do engajamento político, a dedicação aos estudos. O Movimento aponta que a participação do aluno requer compromisso e tempo. Assim, o compromisso político prejudicaria sua formação acadêmica. Tal assertiva pode ser evidenciada pelas palavras de umas de nossas entrevistadas sobre os movimentos estudantis:

Alguns eu acho que passam na frente e esquecem do ser humano, é... e eu vejo que também assim que às vezes a gente sonha muito e isso também na religião não é bom, né? Quando você sonha muito esquece de colocar aquilo na terra, aplicar aquilo. Então às vezes eu vejo que a gente do DCE e tantos outros podem sonhar muito e esquecer de viver. Isso até lá no PUR a gente fala: a gente tem que viver aqui, a gente tem que ser bom aqui, estudar, você tem que ir às aulas, você não pode ficar matando aula, você tem que preparar, então eu acho que quando ele dá essa consciência também pra pessoa seja pelo meio político, né?!<sup>163</sup>

Ressaltamos, no entanto, que as duas frentes de atuação do MUR não se excluem. Antes, buscamos demonstrar que o sucesso e expansão do projeto de uma ‘civilização de amor para o mundo’ só se tornaram possível, nas instituições acadêmicas, devido à articulação de uma proposta mística e emotiva ligada à *experiência com o sagrado*<sup>164</sup> e um caráter militante que não contraria o *ethos*<sup>165</sup> estudantil, sendo que oferece respaldo para “adiar” a transformação social ao sustentar a formação individual tão importante para o homem moderno.

Dessa forma, o MUR, ao ‘adiar’ a transformação social, se demarca sem, contudo,

<sup>163</sup> Entrevista realizada pela pesquisadora com uma das integrantes do MUR na UFV.

<sup>164</sup> Tal proposta estaria ligada à religiosidade católica carismática, tendo em vista que os participantes, em sua maioria, são de famílias católicas e já participavam da RCC.

<sup>165</sup> Por *ethos* entendemos a partir de Clifford Geertz “(...) o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” Clifford GEERTZ, *A interpretação das culturas*. 2008, p. 93.

negar o histórico estudantil balizado por uma conotação revolucionária e política. Imaginário esse, que se cristalizou na concepção de um *ethos* estudantil manifestado nas lutas por causas sociais, políticas e econômicas e que, portanto, carrega consigo um viés de contestação/mudança.

Pensar esse imaginário, por conseguinte, sugere aquilo que Halbwachs definiu conceitualmente como ‘corrente de pensamento’, exemplificada por meio da metáfora do ‘solitário em Londres’. No caso a metáfora demonstra que, mesmo o sujeito caminhando sozinho, as impressões dos amigos em relação aos lugares que visitava sempre lhe vinham à mente e misturava-se à sua percepção do presente. Assim, Halbwachs afirma que, a memória é uma construção social cuja dimensão é tecida por, através e a partir das nossas relações com grupos sociais dos quais fazemos parte. Assim, a memória é construída sempre em relação aos outros, “porque em realidade, nunca estivemos sós.”<sup>166</sup>

Myrian Sepúlveda Santos<sup>167</sup> afirma que, não obstante a análise de Halbwachs possua suas limitações<sup>168</sup>, seu legado básico para o estudo da memória consiste em sua afirmação de que pensamos ou lembramos através de ‘quadros sociais da memória’. Assim, a autora salienta que os trabalhos de Halbwachs referem-se mais ao estudo empírico do conteúdo das ‘memórias coletivas’ do que as formas e circunstâncias pelas quais elas são constituídas. A ênfase de Halbwachs está centrada nas “memórias [que] se formam e são renovadas devido a laços de solidariedade entre indivíduos, *os quais são construídos através elementos comuns simbólicos*”. Essas são as chamadas ‘comunidades afetivas’ que, nas palavras de Michael Pollack<sup>169</sup>, se impõem não pela força ou coerção, mas pela adesão afetiva dos membros ao grupo. Tendo em vista as observações de Santos sobre a teoria de Halbwachs, é importante ressaltar que por memória

<sup>166</sup> Maurice HALBWACHS. *A Memória Coletiva*. 1990, p.34.

<sup>167</sup> Miryan dos SANTOS. *O pesadelo da amnésia coletiva*. 2002.

<sup>168</sup> Segundo Santos, a análise de Halbwachs possui algumas limitações, pois, ao privilegiar a lógica circular durkheimiana (pela qual o social se explica pelo social), nos permite compreender a manutenção de determinadas ‘memórias coletivas’ no presente, mas, tal análise não explica, por exemplo, o motivo pelo qual elas são criadas de formas diferenciadas. Assim, derivando inteiramente os indivíduos dos quadros sociais, Halbwachs perde a oportunidade de explicar diversidade e movimento. Além disso, ressalta Santos, Halbwachs elimina a possibilidade de participação dos atores na formação e conformação das memórias sociais e que, apesar de mostrar que nossas lembranças se configuram por meio de convenções sociais, ou ainda que o passado é reconstruído continuamente ele negou, também, qualquer influência do passado sobre o presente. Dessa forma, a teoria da memória de Halbwachs pressupõe sempre uma atividade construtiva e racional no presente, pois, para ele não existe semelhança ou afinidade entre imagens, sentimentos ou valores, entre passado e presente, uma vez que ‘lembrar’ significa atividade racional em que um indivíduo está sempre em relação com todo um conjunto de noções comum a muitos outros, e, neste sentido, sempre reformulando heranças desconexas do passado de acordo com preocupações e situações atuais. Miryan dos SANTOS. *O pesadelo da amnésia coletiva*. 2002, p.35 – 52.

<sup>169</sup> Michael POLLACK. “*Memória, Esquecimento e silêncio*”. 1989, p.1.

podemos compreender *reminiscências, através das quais nos encontramos com o passado, repetição de atitudes e sentimentos dos quais raramente nos damos conta*, construção e reconstrução de nossas identidades ao longo de nossas vidas, e até mesmo o inexplicável saber. Estes são, no entanto, aspectos da memória que só podem coexistir e serem criticamente analisados numa orientação que considere que eles não só se transformam ao longo do tempo, como também transformam o presente à medida que reinterpretam o passado.<sup>170</sup>

Assim, seguindo a orientação de Santos, a memória social não será aqui analisada apenas como suporte de laços sociais estáveis, mas como processo criador intimamente ligado às condições de existência e às experiências do passado, pois as lembranças do passado que reconstruímos no presente tanto são “*influenciadas por estruturas coletivas simbólicas anteriores a nós, quanto representam experiências que se modificam ao longo do tempo e de situações específicas.*”<sup>171</sup>

Acreditamos, por conseguinte, ser oportuna a análise sobre patrimônio comum, construído através da história que um grupo ou instituição faz de si e entendida como identidade cultural máxima. Sem essa identificação, torna-se muito difícil acionar um sentimento de pertencimento, pois

isso implica[ria] na revisão da história e no questionamento da cultura hegemônica, que não os inclui, na busca de antepassados, na criação de uma linguagem, na escolha de símbolos e até mesmo, por vezes, no estabelecimento de uma língua, senão de uma língua, ao menos de uma linguagem.<sup>172</sup>

Pois, nas palavras de Michael Pollack, toda organização

veicula seu próprio passado e a imagem que dele forjou para si mesma. Ela não pode mudar de direção e de imagem abruptamente a não ser sob o risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização.<sup>173</sup>

Tendo em vista as assertivas acima, qualquer movimento estudantil deve levar em consideração a construção mnemônica do ‘ser estudante’, premissa identitária maior no contexto universitário. O MUR, ao privilegiar a categoria mudança/transformação, aciona essa memória, ao mesmo tempo em que a ressemantiza, pois, se antes essa mudança era vislumbrada através da revolução das estruturas políticas, econômicas e sociais, o MUR a postula através transformação individual.

<sup>170</sup> *Ibid.*, p. 166. Grifo nosso.

<sup>171</sup> *Ibid.*, p. 155.

<sup>172</sup> Eurídice FIGUEIREDO & Jovita Maria NORONHA. Identidade nacional e identidade cultural. 2005, p. 200.

<sup>173</sup> Michael POLLACK. “Memória, Esquecimento e silêncio”. 1989, p.8.

Por tudo, e considerando o que Nestor Canclini compreende por hibridização<sup>174</sup>, esse subitem teve como objetivo destacar o trânsito entre cultura local (universitária) e o MUR. Ressalte-se que tal análise parte do pressuposto de que o MUR é um movimento pensado para evangelizar nas universidades, idealizado por um estudante universitário. Portanto, é um movimento indissociável do ‘ser estudante’.

Destacamos que, longe de tratar o movimento estudantil de forma única e hermética, salientamos a pluralidade traduzida através de vários grupos, principalmente na contemporaneidade. Como afirma Mesquita, o movimento estudantil se manifesta na dinâmica da criação de interesses e pautas que, “transformadas diariamente pela realidade estudantil, pelas relações universitárias e pela sociedade civil”<sup>175</sup>, podem mobilizar os estudantes. Assim, o movimento estudantil agrega uma infinidade de grupos em seu interior – como aqueles que manifestam uma tendência orgânica (partidos políticos) e os que expressam interesses temáticos e mais localizados (como no caso o MUR).

Dessa forma, uma assertiva importante para entender o movimento diz respeito à utilização de um discurso identitário, tradicionalmente partilhado pela comunidade local universitária. Um discurso que trabalha a aplicação das premissas do movimento – ênfase no aperfeiçoamento do sujeito acadêmico enquanto profissional ético, moralmente responsável, para então mudar a sociedade – consubstancia-se em uma ação política, pela qual o estudante deve forma-se, especializar-se enquanto profissional para transformar a sociedade. Dessa forma, o MUR ‘ressemantiza’ a ‘bandeira ideológica’ do DCE ao buscar soluções coletivas em longo prazo para a sociedade. O movimento auxilia propondo soluções ‘a conta gotas’, focando, dessa forma, problemas do cotidiano universitário sem, no entanto, abandonar um caráter politizado. Assim, o MUR estaria correspondendo às demandas anteriormente solucionadas pelo movimento estudantil, o qual não consegue mais responder às mudanças<sup>176</sup> efetivas da comunidade acadêmica.

---

<sup>174</sup> Entendida como processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Ressalte-se que as estruturas chamadas discretas também são resultadas de hibridização e, portanto, não podem ser consideradas estruturas puras. Nestor G. CANCLINI. *Culturas Híbridas Poderes Oblíquos: estratégias para se entrar e sair da modernidade*. 2003, p. 19.

<sup>175</sup> Marcos R. MESQUITA. “Movimento Estudantil Brasileiro; políticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais”. 2006, p. 117-149.

<sup>176</sup> Como por exemplo, as mudanças verificadas no mercado profissional, no qual ter um diploma não assegura a possibilidade de emprego.

## 2. Racionalizando o Sonho: o MUR frente às demandas universitárias

Tendo em vista o exposto acima, o presente subitem busca refletir sobre a maneira como o movimento religioso carismático MUR ganha plausibilidade na universidade. Assim, uma particularidade que consideramos importante para pensar os movimentos estudantis é o fato de que uma parcela dos estudantes que iniciam a graduação é oriunda de outras localidades. Caracteriza-se assim, a estadia provisória em uma cidade universitária e o consequente afastamento da esfera familiar. Dessa forma, por se tratar de organizações universitárias, o fluxo de participantes do DCE e do MUR deve ser periodicamente renovado. Tanto os movimentos religiosos quanto os político-partidários necessitam da adesão constante de novos membros para que não se “quebre a corrente”. Isto, levando-se em consideração que o tempo normal do graduando na entidade é de aproximadamente quatro anos. Nos períodos em que a adesão de novos membros é relativamente baixa, presencia-se um arrefecimento desses movimentos.

Em complemento, a partir da análise de Mariz acerca das comunidades juvenis religiosas, é importante apontar a necessidade de pertencimento dos indivíduos que adentram a Universidade. O MUR torna-se, dessa forma, uma alternativa de comunidade oferecida ao sujeito, propondo a opção por ideais próximos aos movimentos contraculturais e a formulação de um novo modo de “ser família.”<sup>177</sup>

Levando-se em conta essa particularidade dos movimentos universitários, torna-se necessário explicitar os locais e o público alvo do MUR. É também de suma importância compreender as estratégias empreendidas por seus membros na tentativa de divulgá-lo enquanto um movimento estudantil com relevância para a comunidade universitária. Essa proposta de análise surgiu a partir de minha participação em alguns vestibulares de Minas Gerais acompanhando minha irmã, então vestibulanda. Assim, com o objetivo de explicitar essas estratégias, nas linhas que se seguem, descrevo minha participação nesses processos seletivos.

É interessante como os familiares (inclusive eu) fazem questão de acompanhar seus filhos ou entes queridos em tal evento. Notei que várias mães, pais e irmãs (os) esperavam ansiosos seus filhos terminarem as provas do lado de fora das salas. E o convite feito por minha irmã, para que a acompanhasse durante as provas, se justificava pela

---

<sup>177</sup> Cecília MARIZ. “Comunidade de Vida no Espírito Santo”: um novo modelo de ser família?. 2004.

segurança que minha presença poderia representar para ela.

Durante o vestibular de Juiz de Fora, fiquei com minha irmã e um grupo de amigas conversando antes da prova. Todas estavam muito apreensivas e quando outra amiga se aproximava do grupo, era logo tratada (em tom de brincadeira) como concorrente ou não concorrente. Algumas dessas jovens aproveitavam ainda para revisar a matéria através de resumos doados pelos cursinhos pré-vestibulares - uma alternativa propagandística dos mesmos.

Nos dias das provas da UFJF, tanto minha irmã como as colegas, que faziam um curso pré-vestibular expressivo da cidade de Juiz de Fora, fizeram questão de usar a camisa doada pelo cursinho. A estampa da camiseta informava uma expressiva margem de aprovação nos vestibulares anteriores como forma de “colocar pressão” nos outros candidatos, segundo as palavras das mesmas.

Em um dos dias da prova da UFJF estava eu minha irmã e mais algumas vestibulandas conversando, quando um dos membros do MUR, meu conhecido, que estava divulgando o movimento, aproveitou para entregar um panfleto com uma oração às vestibulandas. A primeira reação delas foi a de pegar o panfleto e agradecer dizendo que “nessa hora, só rezando mesmo!”. O título era *Oração do vestibulando* e lia-se:

Obrigado, meu Deus, pela oportunidade de seguir em frente à busca do conhecimento e da profissionalização. Estou a caminho do vestibular, juntamente com outros estudantes, que também sonham com uma nova opção de vida. Inspiram-me, ó Deus para que eu saiba responder com sabedoria e calma as questões que me forem propostas. Peço-te que ajudes todos os vestibulandos e abençoe. Renova a esperança de todos que ainda não conseguiram ingressar na universidade, para que não desistam da luta. Obrigado, Jesus e faze-me ver o quanto posso ser útil à universidade, aprimorando os meus conhecimentos. Amém.<sup>178</sup>

Abaixo do texto transcrito acima, estava a assinatura *Universidades Renovadas*, acompanhada do slogan do movimento universitário religioso: “*Um sonho de amor para o mundo*”. Ainda no panfleto, próximo o endereço do *site* do MUR estava o símbolo do movimento - a representação do globo terrestre usando um capelo (símbolo dos formandos) com duas mãos sobrepostas em forma de oração.

Com a saída do integrante do MUR, uma das meninas começou a rir e disse: “ah tá, vou rezar sim pelos meus concorrentes!”, as outras meninas consentiram rindo também. Esta reação me fez refletir sobre a conotação dada pelos vestibulandos à prova e à

---

<sup>178</sup> O panfleto do MUR - UFJF encontra-se no arquivo pessoal da pesquisadora.

concorrência, pois o vestibular parece ser visto por eles como uma fase de extrema concorrência individual. Fato que torna implausível a ideia de solidariedade, o que impediria uma postura cordial em relação aos outros candidatos. Da mesma forma como impediria uma postura política com relação ao ensino e a estrutura do processo seletivo das universidades federais do país. Mais tarde em conversa com o integrante do MUR, contei a postura do grupo que estava em minha companhia, ao que ele riu e disse que “era esse mesmo o choque que o MUR esperava causar nos vestibulandos, tentar fazer com que eles reflitam sobre a ideia de concorrência”.

Já em São João Del Rei, durante o vestibular da UFSJ, notei que no campus em que minha irmã fez a prova, havia várias faixas com propagandas do MUR. Também acompanhada de panfletagem sobre o movimento no qual se lia: “qual é o seu plano infalível para passar no vestibular? Tem algo que não há nas apostilas: Existe alguém que acredita em você, te ama e já passou por todas as etapas e provas para te dar a vitória: Jesus Cristo. Então, faça a prova com calma, atenção e confiança em Deus.”<sup>179</sup>

Após este pequeno texto há um convite para a participação nos GOUs (Grupo de Oração Universitário) com os locais e horários dos encontros. O mesmo símbolo do MUR e a assinatura da Renovação Carismática Católica de São João Del Rei. No verso do panfleto, a *Oração do vestibulando*, cujo texto é igual ao da UFJF, salvo o final da oração cuja diferença esta grifada na transcrição abaixo, em que se lê: “Obrigado, *Mestre*, e faz-me ver o quanto posso ser útil à humanidade, aprimorando os meus conhecimentos. Amém”

Já na Universidade Federal de Viçosa (UFV), não vi nenhuma movimentação do MUR, talvez isso possa ser explicado pelo fato do vestibular ser realizado em várias cidades de Minas Gerais. Nessa ocasião, por exemplo, minha irmã fez a prova na cidade de Juiz de Fora. No entanto, a própria UFV durante a prova distribuiu uma edição especial do *Jornal – laboratório do curso de jornalismo – UFV*, chamado *Outrolhar*.<sup>180</sup>

O editorial do jornal esclarece que é a primeira vez que a UFV disponibiliza recursos para uma tiragem significativa do jornal-laboratório da instituição e que tal solicitação partiu do então diretor de vestibular e exame da UFV, sendo a distribuição do jornal dirigida aos locais em que haveria as provas da UFV.

Já na primeira página do jornal se destaca a frase: “Saiba como é a vida dos estudantes de uma das mais conceituadas universidades do Brasil”. Assim, a premissa do

---

<sup>179</sup> O panfleto do MUR - UFSJ encontra-se no arquivo pessoal da pesquisadora.

<sup>180</sup> Monisy AMORIN. Grupos religiosos permitem o exercício da fé. IN: *Outrolhar: jornal-laboratório do curso de jornalismo UFV*. Dezembro de 2009.

jornal é mostrar aos vestibulandos o cotidiano dos alunos da instituição através de reportagens sobre temas variados. Entre os assuntos publicados estão: diversão dos universitários, distância de Viçosa em relação às outras cidades, movimento estudantil e também sobre os grupos religiosos presentes na instituição através da reportagem intitulada “Grupos religiosos permitem o exercício da fé”. Tal registro discorre tanto sobre os diferentes movimentos juvenis religiosos que a universidade abriga como também o MUR – tema deste trabalho –, e a ABU (Aliança Bíblica Universitária). Além disso, cita os movimentos religiosos juvenis fora do *campus*, como a JSC (Jovens seguidores de Cristo), a UMP (União da Mocidade Presbiteriana) e a ACEAK (Associação Cristã Espírita Alan Kardec).

Segundo a reportagem, “muitas pessoas acham que sair de casa para estudar fora é uma oportunidade de ficar livre das pressões familiares. Mas isso não significa que é preciso abrir mão da sua espiritualidade e de suas crenças. Existem vários grupos de jovens ou de oração, tanto dentro como fora da universidade.”<sup>181</sup>

Note-se que a reportagem salienta a possibilidade do estudante dar continuidade à formação religiosa familiar, no caso, a religiosidade de cada um. Para tanto, a reportagem faz uma descrição dos movimentos religiosos presentes na UFV e na cidade de Viçosa, para que o leitor possa tomar conhecimento da existência de movimentos afins à sua pertença religiosa.

No jornal, a maioria dos depoimentos faz menção ao sentimento de família, de pertença e de sociabilidade. Assim, a integrante do MUR afirma que a “acolhida do movimento possibilitou a sensação de estar em família, mesmo longe de casa”; ideia compartilhada também por um estudante de bioquímica que faz parte da ABU; já o integrante da JSC afirma que a participação no “grupo foi fundamental para sua permanência em Viçosa”; e o integrante da ACEAK ressalta a importância do movimento em manter suas referências familiares. Assim, segundo a reportagem, “Quando se vem estudar em Viçosa, há possibilidades de conciliar as tarefas acadêmicas com momentos de diversão, sem abrir mão das práticas religiosas que são importantes para encontrar amigos, ajudar ao próximo e se sentir bem consigo mesmo.”<sup>182</sup>

Tal abordagem pelo jornal da UFV nos leva a refletir sobre a relevância da descrição desses movimentos no jornal da instituição, tendo em vista que o texto da reportagem enfatiza as prerrogativas familiares. Assim, para além da propaganda de movimentos religiosos pelo jornal da instituição, inquire-se em que medida a instituição não estaria se utilizando do discurso desses movimentos em uma tentativa de tranquilizar os pais

---

<sup>181</sup> Ibid., p.5.

<sup>182</sup> Idem.



quanto ao destino de seus filhos em Viçosa. Tratando-se de uma cidade onde a vida universitária é intensa, a tranquilização seria feita tendo em vista que a desistência de vagas na UFV é substancial, mesmo sendo essa a 3ª maior instituição federal de ensino superior do país.

Como se pôde perceber, nos três vestibulares que acompanhei a participação do MUR e de outros movimentos religiosos fez-se presente. Tanto de forma direta, como na UFJF e na UFSJ onde os integrantes do movimento participaram ativamente com mensagens motivadoras de viés religioso aos candidatos, como de forma indireta, através do jornal da UFV. E também marcando presença através de informações sobre os movimentos religiosos universitários.

Tendo sido aprovada no vestibular da UFJF para cursar enfermagem, minha irmã pediu-me para que eu a acompanhasse no dia da matrícula na instituição. Assim como no dia do vestibular, vários familiares dos agora “calouros” estavam presentes.

Quando chegamos à Universidade Federal de Juiz de Fora, no local onde seriam as inscrições, havia vários estandes montados. Alguns desses eram montados pelos cursos da universidade e visavam tirar dúvidas dos calouros ou vender camisas, canetas e bonés com as iniciais da UFJF e o nome do curso. Outros estandes eram propagandas de cursos de língua estrangeira e empresas de formatura que promoveram um verdadeiro local de degustação, doando sorvete, água, pipoca, refrigerante para os pais e calouros.

Enquanto estávamos na fila, os veteranos passavam perguntando o curso que os calouros iriam começar. Caso o jovem que estava na fila dissesse que o curso era correspondente ao seu, identificando-se como seu calouro, os veteranos faziam festa e se ofereciam para pintar o rosto dos recém chegados com o nome do curso. Os calouros em geral consentiam, tanto pelo medo do trote dado pelos veteranos no primeiro dia de aula, quanto por tal marca ser vista como um sinal de vitória, pois vários jovens tiravam fotos com o rosto marcado pelas siglas de seu curso.

Os calouros entravam sozinhos na sala de matrícula e os pais, que se agrupavam em um canto do lado de fora, esperavam seus filhos entrarem na sala reservada, conversando. Notei que a conversa começava com a seguinte pergunta: “E o seu, vai fazer o quê?”. Achei interessante uma mãe emocionada que disse, em relação ao seu filho que entrara após minha irmã, “agora ele vai começar uma nova fase da vida”.

Dentre os panfletos recebidos, havia três propagandas dos movimentos religiosos estudantis. O panfleto que primeiro me chamou atenção foi um livreto amarelo e preto do

tamanho de uma folha A4, confeccionado em papel fotografia onde se lia, juntamente com todos os nomes dos cursos que a UFJF oferece o título, “Manual do calouro”. O primeiro item do livreto intitulado “E esse monte de siglas?” esclarece sobre as siglas mais usadas no cotidiano da universidade, como RU (Restaurante Universitário), HU (Hospital Universitário), CA (Centro acadêmico) e etc. Já o segundo item, “onde comer gastando menos”, esclarece sobre o funcionamento do RU e o que o novo aluno deve fazer para se cadastrar como usuário deste serviço. O item seguinte chamado “onde vou morar?” esclarece sobre república e sobre o cadastro de reserva para o “banco de vagas de hospedagem da UFJF”. Por fim, há um item intitulado “ABU – Aliança Bíblica Universitária” em que se lê: “A Aliança Bíblica Universitária (ABU) é um grupo de estudantes que se reúnem para estudar a Bíblia, o maior *best-seller* do mundo. Os encontros semanais proporcionam troca de experiências, novas amizades e mobilizações sociais em prol da sociedade.”<sup>183</sup>

Após colocar em sua diagramação o *site* do movimento e chamar a atenção para as formas em que serão veiculadas as informações sobre os horários dos encontros (cartazes próximos à faculdade), lê-se em letras grandes o seguinte slogan: “Fé que pensa, razão que crê”.

O segundo panfleto trazia uma foto com vários jovens de costas com os braços estendidos segurando cadeiras ao alto. No canto esquerdo da foto, escrito em letras grandes a palavra “Revolução”.

No verso, o seguinte texto:

É com muita alegria que te convidamos para fazer parte de um grupo de pessoas que quer quebrar a rotina, viver intensamente e ser a diferença em todo lugar e em todo momento.

Nós jovens da Estrela da Manhã, desejamos que a cada dia você possa alcançar novos sonhos, conquistar novos espaços e avançar sempre, conte com a gente para que isso aconteça!

A galera se reúne aos sábados às 19h30 na Av. Brasil, 7595, no Bairro Cerâmica.

Dia 27 de março teremos algo bastante especial a partir das 19h30. Estamos colocando a mão na massa, esticando o nosso potencial e alargando nossas fronteiras para que tudo aconteça de maneira explosiva e transformadora. Esperamos por você!<sup>184</sup>

Abaixo, no canto esquerdo do panfleto, uma pequena sigla, IBREM (Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã). O que me chamou a atenção nesse panfleto foi que à primeira vista fiquei me perguntando o que seria esse convite. Depois de uma leitura mais

<sup>183</sup> O panfleto da ABU - UFJF encontra-se no arquivo pessoal da pesquisadora.

<sup>184</sup> O panfleto citado encontra-se no arquivo pessoal da pesquisadora.

atenta, pude perceber que era um convite para um encontro jovem da Igreja Batista. E, mais ainda, que não era um grupo voltado para universitários, mas para o público jovem em geral. O que chama a atenção é o apelo a um tema próprio dos estudantes universitários: a revolução.

O terceiro panfleto<sup>185</sup>, o mais simples de todos, é o do MUR. Este traz um quadro com frases e palavras soltas como, por exemplo, “SIGA”, “CNPQ”, “cadê o Xerox?”, “Que buzão eu pego?”, “Como limpar violeta genciana?”, “Estágio” e logo abaixo do quadro, a frase: “está perdido com tanta informação? Não se desespere! Acesse: <http://jf.univeridadesrenovadas.com>”, juntamente com o símbolo do MUR e da Renovação Carismática Católica.

Já o panfleto do DCE, intitulado “Manual do calouro”, inicia com a seguinte frase: “O Diretório Central dos Estudantes (DCE), sua entidade representativa, lhe dá as boas vindas à Universidade Federal de Juiz de Fora e o (a) parabeniza por essa nova etapa da sua vida, que se inicia agora.”<sup>186</sup>

E sobre o movimento estudantil, afirma:

O Movimento estudantil (ME) é a expressão máxima de luta dos estudantes tanto dentro quanto fora da universidade. Enquanto estudantes, nós compomos uma categoria que, historicamente, reivindica opina e exige. Tendo prestado importantes contribuições para a melhora da universidade e importantes transformações pelas quais nosso país passou. É por isso que possuímos nossas entidades, que dirigem nossas reivindicações, representado-nos internamente e junto à sociedade.

O livreto do DCE passa a explicar a estrutura do ME, através dos CA (Centro acadêmico), DCE (Diretório Central dos Estudantes), e da UNE (União Nacional dos Estudantes). Depois demonstra como funciona o SIGA, o programa virtual utilizado pela UFJF ao qual tem acesso todos os estudantes da universidade para consultar horário das aulas, notas e etc. Por fim, informa sobre a assistência estudantil - as chamadas bolsas, o transporte coletivo e ainda sobre moradia e alimentação.

Os panfletos dos movimentos estudantis possuem como característica comum o esclarecimento de dúvidas habituais dos novos alunos. Assim, é colocado à disposição dos recém chegados, um manancial de questões que os mesmos deverão saber para transitar na universidade. Questões essas que os veteranos estão qualificados em responder por já serem conhecedores do meio acadêmico. Os panfletos para além de sua utilidade prática seriam

---

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Ibidem.

ainda um canal propagandístico para tais movimentos, pois seus membros, valendo-se do fato de serem veteranos, os legitimam como movimentos estudantis. Assim, o primeiro contato com os calouros, não se dá através de uma atitude missionária ou militante, mas através da apresentação de “chaves decodificadoras” para que o aluno que está adentrando esse universo possa entendê-lo melhor.

Dessa forma, o público alvo disputado pelos movimentos estudantis são os estudantes que acabam de chegar à universidade. Os “calouros”, em sua maioria, desconhecedores da cidade e do campus. Deparam-se, já no local da matrícula, com diversos integrantes dos movimentos religiosos e dos movimentos engajados na luta política, legitimados pelo fato de serem conhecedores do universo estudantil. Todos cordialmente dispostos a orientá-los em suas dúvidas.

O primeiro dia de aula é marcadamente temeroso para os calouros, afinal, é histórico o chamado trote universitário. Prática na qual os veteranos recebem os calouros sujando-os de tinta e fazendo com que os mesmos peçam dinheiro na rua com o objetivo de promoverem festas – as calouradas. Assim, cada turma que entra na universidade é submetida a esse “rito” de iniciação pelos veteranos.

Tal momento, que poderia ser apenas uma brincadeira, pode também ter consequências extremas quando os veteranos submetem os calouros a humilhações e agressões verbais e ou até físicas. Por conta desse tipo de abuso, as universidades e faculdades proibiram o trote. No entanto, no ano de 2010, os próprios calouros optaram por receber “o batismo”, como foi o caso de minha irmã. Ela fora avisada previamente pelos seus veteranos que no segundo dia de aula haveria trote e que apenas participaria quem quisesse. Ela e quase a turma inteira compareceram ao ritual e fizeram questão de registrar esse momento em fotos.

Em contraposição ao trote abusivo, o MUR criou o “trote solidário” que segundo o *site* do movimento,

o Trote Solidário nasceu como uma proposta de um novo trote para as universidades. Isto por causa do infeliz trote que causou a morte do calouro de medicina, Edison Tsung Chi Hsueh. Ele foi encontrado morto no fundo turvo da piscina da Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz, em fevereiro de 1999, depois de um trote promovido pelos veteranos da Faculdade de Medicina da USP. A proposta do Trote Solidário é permitir a integração entre calouros e veteranos, em uma convivência harmoniosa e saudável entre eles e a comunidade local.<sup>187</sup>

Esse novo modo de trote configura-se como uma opção para os veteranos

---

<sup>187</sup> Disponível em <http://www.pur.com.br/trote/trote.asp>, Site consultado em 7 de junho de 2010.

receberem seus calouros. Em Viçosa, no ano de 2010, o MUR e o JSC fizeram uma calourada diferenciada. Assim, segundo o *site* esses dois grupos

uniram-se para fazer uma calourada católica. Isso mesmo! A ideia surgiu do MUR e foi abraçada pelo Jota – “apelido” do JSC – com muito entusiasmo. O objetivo era acolher os calouros, transmitindo a eles o amor de Deus e permitir que conhecessem os grupos de oração que existem na cidade e na universidade para que possam se integrar a eles.<sup>188</sup>

A calourada é uma das principais recepções feita pelo DCE para sociabilizar os calouros no início de cada período letivo. No primeiro dia de aula, os membros do DCE passam nas salas dos “calouros” esclarecendo sobre as práticas político-estudantis, a dinâmica das negociações políticas e os direitos e responsabilidades do estudante perante a instituição. Visam, dessa forma, a aproximação dos calouros às suas propostas e ações.

Buscando uma maior compreensão do trote universitário, utilizaremos os conceitos de Victor Turner. Dessa forma, o trote será considerado como um “drama social”, pois proporciona aos atores sociais – no caso os calouros – a experiência de estar às margens. Sendo uma vivência *liminar* ao criar a “ocasião para pessoas ou grupos representarem, simbolicamente, papéis que correspondem a uma posição invertida em relação ao *status* que possuem...”<sup>189</sup> O trote oferece ainda, “um modelo alternativo e espontâneo de organização social que emerge momentaneamente nos interstícios da sociedade”<sup>190</sup> - *communitas*.

Para analisar o trote universitário como um drama social são indispensáveis as noções de performance. Segundo Silva, o enfoque nos “gêneros de performance” tem ganhado força entre as perspectivas antropológicas que priorizam “eventos rituais e teatro como suporte para a análise da realidade social.”<sup>191</sup>

Tendo em vista a diferenciação entre as sociedades “onde a opção por participar dos rituais é um “imperativo da ordem das ‘representações coletivas’” – tradicionais - e sociedades em que “os atores sociais desfrutam do livre arbítrio para decidirem, por si mesmos, a participação ou não em determinado tipo de atividade cultural” – complexas -, Turner convencionou o termo *liminaridade* para o primeiro tipo de sociedade e *liminóide* para o segundo tipo. Assim, em nossa análise utilizaremos o conceito de liminóide, por se tratar de sociedades complexas onde atividades culturais configuram-se como acontecimentos “à parte

<sup>188</sup> Disponível em <http://www.rccvicosa.com/tag/fernanda-viegas/>, *site* consultado em 7 de junho de 2010.

<sup>189</sup> Rubens Alves SILVA. Entre “artes” e “cênicas”: a noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais. 2005, p. 67-85.

<sup>190</sup> Idem.

<sup>191</sup> Ibid., p.12.

do todo social, mais voltados para as expectativas individuais, diversão e/ou entretenimento”.

Esclarece-nos ainda Silva que:

No caso das atividades culturais (teatro, música, pintura, esporte, etc.), nas “sociedades complexas”, de um lado, o destaque se dá para a autoria do criador, sendo esta nomeada e individualizada (mesmo quando a produção é em equipe); de outro lado, considera-se a questão da pluralidade de ofertas que se tem, de eventos variados, que tornam possíveis de acordo com o “gosto” e o interesse particular, a seleção do tipo de atividade cultural e estilo singular preferido pelo respectivo sujeito que se pretende no papel de plateia ou público.<sup>192</sup>

Tal análise da complexidade social das sociedades ocidentais ajuda-nos a entender os diversos tipos de calourada e trote que vem surgindo nas universidades. Isso, pelo fato de que, que além de se configurarem como alternativa de iniciação tanto para os veteranos e calouros se fixarem como atores sociais, configura-se também como uma escolha individual. Essa análise nos faz refletir sobre a importância do trote no universo simbólico de mudança de *status* do antes vestibulando para o agora calouro e que no próximo ano será o veterano. Tais rituais de iniciação importantes para a ordenação simbólica e social do universo acadêmico.

Segundo Silva, munido do conceito de liminóide, Turner volta seu olhar para a dimensão simbólica das sociedades complexas, deslocando assim, a ênfase de uma “teoria dos dramas sociais” para uma “teoria da performance”. Esta perspectiva busca evidenciar acontecimentos que escapam das classificações e paradigmas da ordem quando considera que as performances podem ser situações extraordinárias, portanto, momentos de interrupção da ordem social.<sup>193</sup>

Nesse sentido é importante a contribuição de Schechner que, como Turner, compartilha o ponto de vista de que os eventos rituais e os dramas sociais que

constituem um espaço simbólico e de representação metafórica da realidade social, através do jogo de inversão e desempenho de papéis figurativos que sugerem criatividade e propiciam uma experiência singular, que é ao mesmo tempo, “reflexiva” e da “reflexividade.”<sup>194</sup>

Em nossa análise sobre o trote faz-se imprescindível as considerações de Schechner que analisa os eventos performáticos a partir das noções de “eficácia” e “entretenimento”. Para este estudioso, os ritos de passagens, os dramas sociais e os ritos de iniciação são exemplos de performance eficazes “quando tem repercussões significativas na sociedade, tais

---

<sup>192</sup> Ibid., 11.

<sup>193</sup> Idem.

<sup>194</sup> Ibidem.

como solucionar conflitos, provocar mudanças radicais, redefinir posições, papéis e/ou o *status* dos atores sociais.” Já a performance como entretenimento não altera de modo efetivo a sociedade, como, por exemplo, as performances teatrais. Assim, para Schechner “nenhuma performance é puramente entretenimento ou absolutamente eficaz.”<sup>195</sup>

Ressalte-se que o estudante que pretende fazer a prova do vestibular não é mais secundarista, em alguns casos não tem uma profissão e também não é universitário. Em geral, tais alunos frequentam um cursinho pré-vestibular, o que possibilita um aprendizado voltado para as provas. Durante o fim do ano de 2009 pude acompanhar várias matérias do jornal local “MG TV”. Da mesma forma, através do informativo diário que atinge o país todo, o “Jornal Nacional”, acompanhei notícias sobre os cursinhos pré-vestibulares, as melhores formas de estudar e até dicas de alimentação, roupas confortáveis e outras orientações. Eram matérias que minha irmã assistia com atenção e eu também me inteirava por intermédio dela. Todo esse aparato é direcionado para que o jovem passe de vestibulando para universitário, sendo o trote a coroação de tal êxito.

---

<sup>195</sup> Ibid.

### 3. A semana Missionária promovida pelo MUR

No ano de 2009, o MUR lançou a “Semana Nacional Missionária”, denominada *Projeto Ruah: Deixe o amor entrar*. O evento ocorreu nos dias 17 a 23 de agosto e visava atingir todas as instituições de ensino superior. Para que os integrantes do MUR pudessem realizar uma ação conjunta e semelhante em qualquer instituição, foi lançado um guia digitalizado (formato PowerPoint) contendo as principais orientações para os missionários. Algumas das informações desse guia são, por exemplo, sobre público alvo - “acadêmicos, servidores públicos e demais funcionários das diversas instituições de ensino superior de todas as unidades da Federação”; objetivo geral; e, também, objetivos específicos da missão que assumem ao aderirem à proposta de evangelização.<sup>196</sup>

No item denominado “Motivação” há a seguinte passagem retirada do Documento de Aparecida nº174:

também é importante recordar que o campo específico da atividade evangelizadora leiga é o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, *sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles*.<sup>197</sup>

O *site* do MUR sugere aos membros ideias de como pode ser essa divulgação.

Assim,

abordagem querigmática<sup>198</sup> no intervalo das aulas; serenatas; missas; Grupo de Oração Universitário – GOU (nos intervalos e/ou na saída das aulas); encenação de passagens bíblicas nos intervalos; plantão para aconselhamento e oração na capela (quando houver) ou em outro local que for definido no campus; atendimento de confissão – quando possível e previamente planejado com o(s) sacerdote(s); show

---

<sup>196</sup> Segundo o MUR, os objetivos específicos seriam: “Anunciar Jesus Cristo nos campus de forma querigmática, valorizando a pessoa como filha amada de Deus; Através da ação evangelizadora, convidar os universitários, servidores e professores abordados a participarem da Experiência de Oração que acontecerá no final da mesma semana e à inserção nas comunidades locais, dando-se preferência aos Grupos de Oração Universitários – GOU e os Grupos de Partilha de Profissionais – GPP’s; Capacitar missionários para atuação em suas realidades locais; Fomentar o espírito missionário no MUR; Fortalecer a unidade entre os diversos ministérios da RCC através das atividades missionárias; Promover a troca de experiências entre os diversos ministérios, favorecendo assim a ministerialidade orgânica; Distribuição de panfletos divulgando o que são os GPPs, como acessar o Texto Base e onde participar em cada diocese (quando houver); dando a oportunidade dos acadêmicos (principalmente os formandos), professores, funcionários e demais profissionais conhecerem e participarem deste Grupo.”

<sup>197</sup> Disponível em <http://www.pur.com.br>. Acesso em 19 de novembro de 2009, grifo nosso.

<sup>198</sup> Segundo o Dicionário Aurélio, querigma é o “anúncio da mensagem cristã ao não cristão, destinado a despertar nele a fé, e a convertê-lo”. (Cf.: Dicionário Aurélio Eletrônico: século XXI [CD-ROM]. Versão 3.0. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1999)



com bandas católicas locais; e tudo mais que a criatividade das equipes e o Espírito Santo ousarem.<sup>199</sup>

Após a Semana Missionária, o *site* do movimento disponibilizou um link para que os missionários pudessem partilhar suas experiências e dar seus testemunhos sobre a empreitada evangelizadora nas instituições de sua cidade. É interessante notar que os testemunhos referem-se não apenas das pessoas que se interessaram pelo movimento, mas daqueles que reagiram agressivamente à evangelização:

(...) durante a missão, encontramos também aqueles que não nos ouviram, e eu ficava muito triste, pois é difícil pra mim entender como se pode negar o amor divino. No primeiro dia, na UFAC, eu e o Ulysses fomos surpreendidos por um rapaz que ficou transtornado com a nossa presença, ele gritava nos corredores, dizendo que abominava o que pregávamos, e ria dizendo aos alunos: Vão ali, receber uma oração! Eu confesso que fiquei muito abalada, triste, mais logo em seguida Deus colocou em meu coração ‘Filha, eu também amo ele! Diante disso, eu orei por ele, e louvei a Deus pela vida dele. Na terça, UNINORTE!, um grande desafio, talvez o nosso maior durante toda a missão, como não podíamos adentrar nas demais instalações da instituição, a não ser na praça de alimentação, estávamos constantemente vigiados pelos seguranças, a ponto da Tamiris e eu sermos levadas para uma sala, para sermos interrogadas, se tínhamos ou não permissão, [risos], Que alegria, fomos ‘presas’ em nome de JESUS! Mas nada nos conteve. Quarta e quinta, IESACRE e FAAO, nossa, simplesmente lindo, encontramos pessoas que estavam muito necessitadas de ouvir que Deus as amava, eu e o Rafa nos deparamos com uma moça, a Sônia, que estava passando por grandes problemas familiares, e oramos com ela, dava pra notar o olhar dela mais aliviado, Glória a Deus! Na FAAO, tudo de Bom! Foi o lugar onde me senti mais à vontade, o que mais me marcou, foi quando eu e o Wellington fomos ‘querigmar’ uma moça, ele disse: Moça, você tem um minuto? Ela disse: Um minuto mesmo, e marcou no relógio, e durante esse MINUTO, Deus agiu na vida dela, e ela foi embora enxugando as lágrimas! Estou incrivelmente MARAVILHADA, com meu coração transbordando de alegria, experiência única, nunca havia participado de uma missão assim, e... Onde houver missão, é lá que eu vou estar!<sup>200</sup>

A semana missionária ultrapassou ainda os limites universitários, tendo em vista que alguns membros do GPP evangelizaram em seus ambientes de trabalho, como demonstra o testemunho abaixo:

A paz em de Cristo! A Glória de Deus precisa ser proclamada! É por isso que venho partilhar com vocês o que tem sido essa experiência do Ruah pra mim nesta semana. É algo que marcou e marcará para sempre a minha vida missionária. Nunca havia feito algo semelhante. O Ruah para mim, em especial, ultrapassou os muros da Universidade e chegou na empresa em que eu trabalho. Isso mesmo! O Ruah aconteceu também no meu local de trabalho, eu e uma colega minha de trabalho sentimos na segunda feira (dia 17/08) um desejo profundo de levarmos o

<sup>199</sup> Disponível em <http://www.pur.com.br>. Acesso em 19 de novembro de 2009.

<sup>200</sup> Depoimento de um membro do MUR do Acre. Disponível em <http://www.pur.com.br>. Acesso em 19 de novembro de 2009.

Amor de Deus para os nossos colegas de trabalho. Ao término do dia, já estava tudo organizado, por graça do Espírito Santo! Pois havia meses que estávamos querendo fazer esse momento, mas a proposta não saía do papel. Todos os funcionários tinham sido convidados. Fizemos pessoalmente o convite ao dono da empresa que prontamente aceitou. E marcamos o nosso encontro de oração para a quinta-feira (20/08), após o expediente do trabalho. 95% dos funcionários compareceram. E foi uma benção! Podíamos constatar pelo semblante das pessoas e pelos sorrisos que desabrocharam ao final da oração. O momento foi tão cheio da graça de Deus que algumas pessoas se emocionaram, e olha que foram somente 10 minutos, o tempo de um GOU na faculdade. Mais a nossa alegria não parou por aí. Na sexta-feira (21/08), ao chegarmos na empresa, encontramos um outro ambiente de trabalho. Encontramos as pessoas em paz, tranquilas, alegres, comentando sobre o que foi a oração de ontem e dando ainda sugestões para os próximos encontros. Só nos resta dar Glórias e louvores a Deus!! Porque Ele vai além, muito além do que imaginamos. E eu creio que, a partir deste RUAH, o Senhor adentrará não só nas faculdades, mas em todos os lugares aonde houver pessoas necessitando de serem amadas pelo AMADO!<sup>201</sup>

Outra partilha interessante foi a dos integrantes do MUR de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul:

Fomos evangelizar em uma faculdade daqui de Caxias, a FSG. Começamos a conversar com as pessoas, falamos do amor de Deus, convidamos para o GOU. Algumas pessoas choraram, outras agradeceram e ficaram muito felizes, outras não deram ouvidos, mas a semente está lançada. O interessante é que fomos vistos e... FOMOS EXPULSOS! Nos sentimos como o próprio Jesus, que foi expulso de tantos lugares por anunciar algo diferente, uma vida nova.<sup>202</sup>

É interessante notar nos testemunhos a ênfase no risco, na possibilidade do perigo e na tentativa de burlar a vigilância das instituições. Ressalte-se que em um passado recente, os estudantes se arriscavam, assim, em nome da política. Tomando o entendimento de Mariz sobre período juvenil, este é por si um período de liminaridade.<sup>203</sup> Dessa forma, a ênfase dada à situação de risco nos depoimentos aponta para uma característica desses grupos, o fascínio por outras vivências e práticas extremas – típicas do “ser jovem”. Regina Novais nos dá um exemplo desse comportamento, colocando que

os jovens – de todas as classes, cores, locais de moradia gênero, orientação/opção sexual, religiões – parecem partilhar uma percepção (dominante em certas ocasiões e situações) de que “é preciso aproveitar a vida” e que eles têm “juventude” para isso. Isso explicaria por que, embora as estatísticas demonstrem que são os jovens

<sup>201</sup> Depoimento de um membro do MUR/GPP. Disponível em <http://www.pur.com.br>. Acesso em 19 de novembro de 2009.

<sup>202</sup> Disponível em <http://www.pur.com.br>. Acesso em 19 de novembro de 2009.

<sup>203</sup> Tomamos esse entendimento a partir de Mariz, para a quem a juventude é por si só uma situação de liminaridade, pois segunda a autora, nas sociedades tradicionais, são considerados jovens todos aqueles que ainda não adentraram o mundo adulto, apesar de já terem abandonado os papéis infantis. Esse período de liminaridade “é socialmente instável e frágil” impelindo aos jovens a necessidade de participação e pertencimento a determinados grupos. Cecília L. MARIZ. Comunidades de Vida no Espírito Santo. 2005, p. 12.

que mais matam e mais morrem no Brasil de hoje, sobretudo nas grandes cidades, “ser jovem” é combinar o gosto pela aventura, a predisposição para correr riscos com um sentimento de distância em relação à morte. Este paradoxo deve ser levado em conta quando se relaciona juventude/religião.<sup>204</sup>

Recentemente o movimento lançou também o livro *Ruah: relatos de um amor que ama*. Dentre vários depoimentos publicados, de todos os estados brasileiros, sobre a Semana Missionária, o de um aluno de Juiz de Fora chamou-me a atenção. Tal aluno em seu depoimento relata que um de seus desafios foi como chamar a atenção falando de Deus em uma universidade sem que isso parecesse algo alienado ou fora do contexto. Assim, segundo o aluno, “se acreditamos que Deus é Pai de todos, temos que acreditar que podemos falar de Deus para todos, podemos “traduzi-lo” para todas as linguagens... Mas como usar a linguagem do mundo para falar de algo que não é deste mundo?”<sup>205</sup>

Desse modo, os integrantes do MUR de Juiz de Fora escolheram uma sequência de músicas seculares que falavam de amor. Buscaram uma forma com a qual eles pudessem relacioná-las aos temas do querigma: Amor e Salvação, Pecado e Salvação, Fé e Conversão e etc. A partir disso, os integrantes do movimento reuniram-se nas cantinas nos horários do intervalo, e entre uma música e outra os integrantes falavam uma mensagem.

Começávamos anunciando a chegada do Espírito santo, com Alceu Valença (*Tu vens, tu vens... eu já escuto teus sinais*). Apresentávamo-nos, dizendo que estávamos ali para falar de um amor maior que tudo, ao som de Cidade Negra (*Amor igual ao teu, eu nunca mais terei*), e em seguida lembrávamos de quando nos afastamos desse amor, como o de Lulu Santos (*já não tenho dedos pra contar de quantos barrancos despenquei, de quantas pedras me atiraram e quantas atirei...*), mas lembrávamos que aquele amor era superior a tudo, curava tudo (Mas o teu amor me cura... de uma loucura qualquer!). Basta ter fé dar a volta por cima, acreditar como até mesmo Raul Seixas (*Veja, não diga que a canção está perdida, tenha fé em Deus, tenha fé na vida... Tente outra vez!*) e Renato Russo (*Quando o sol bater na janela do teu quarto, lembra e vê que o caminho é um só*), de alguma forma já acreditaram.

Às vezes, assim como Renato, nos perguntamos o que tira nossa coragem (*Até bem pouco tempo atrás poderíamos mudar o mundo; quem roubou nossa coragem?*); o que nos afasta de nosso sonho? Mas assim como Herbet Vianna, quando lembramos que temos amigos, irmãos que lutam conosco (*O bom de viver é estar vivo, ter irmãos, ter amigos... Viver em paz, prontos pra lutar*), nos sentimos revigorados para lutar (*O soldado da paz não pode ser derrotado, ainda que a guerra pareça perdida...*). E finalizávamos novamente com o Lulu, desejando um novo tempo de amor (*Eu quero crer no amor numa boa, e que isso valha pra qualquer pessoa que realizar a força que tem uma paixão... Eu vejo um novo*

<sup>204</sup> Regina NOVAES. *Religião e Política: Sincretismos entre os alunos de Ciências Sociais*. 1994. p. 184.

<sup>205</sup> Cf.: *Ruah: relatos de um amor que ama*. 2010, p.89

*começo de era, de gente fina elegante e sincera, com habilidade pra dizer mais sim do que não...).*<sup>206</sup>

Além das variáveis acima, destaca-se também a capacidade da RCC em articular com competência as dimensões de tradição, modernidade e pós-modernidade.<sup>207</sup> Tal fato pode ser exemplificado pela estruturação do *Seara*, no qual há o “Barzinho de Jesus”. São espaços que parecem ter sido moldados visando atender às demandas do público jovem, marcando substancialmente as particularidades do entretenimento juvenil no contexto da contemporaneidade.<sup>208</sup> Os gêneros musicais e a folia dos participantes desse evento se assemelham aos do carnaval popular. A diferença é que essa folia é, agora, uma “folia bendita”. Assim, “contra todas as catequeses, nós fizemos o carnaval”, citando Oswald de Andrade em trecho do “Manifesto Antropofágico”.<sup>209</sup> Porém, visando o lazer e buscando se moldar à modernidade, a Igreja abençoa o carnaval e o cristianiza. Dessa forma, a RCC utiliza-se de uma linguagem juvenil, descontraída, ritmadamente corporal. Nas palavras de Sanchis: “modernidade que se articula com a tradição pra expressá-la modernamente.”<sup>210</sup>

O *Barzinho de Jesus* é um lugar onde os jovens podem se encontrar para conversar, ouvir música gospel, namorar e conhecer pessoas. O barzinho configura-se como alternativa de diversão para os jovens da RCC, bem como a “*crisoteca*”. Essa última, uma apropriação bastante peculiar dos espaços públicos tradicionais de lazer noturno. Do mesmo modo que nas *boites* e pubs, na *Crisoteca* os jovens podem dançar ao som de ritmos agitados, como *techno*, *house*, *trance*, *samba rock* etc., porém, preenchidos com mensagens religiosas.

Embora a análise dessas alternativas não seja o foco dessa pesquisa, cabe aqui a contribuição de Silveira sobre as festas pentecostais. O autor pesquisou duas manifestações festivas, uma do movimento pentecostal, ‘a festa dos tabernáculos’, e outra dos carismáticos, denominada *Happy Day*. Silveira afirma que os jovens carismáticos “em sua performance não só reapropriam/mimetizam, como conferem novos significados aos estilos/gestos profanos provindos de outras religiosidades.”<sup>211</sup>

Dessa forma, os ritmos profanos, como o rock e o samba, passam a ter novos

<sup>206</sup> Cf.: Ruah relatos de um amor que ama. 2010, p.90.

<sup>207</sup> Pierre SANCHIS. “As religiões dos brasileiros”. 1997.

<sup>208</sup> Em contraponto a este movimento de naturalização da realidade dos jovens religiosos, durante o evento era proibida a venda e o consumo de bebidas alcoólicas, um grande contraste em relação ao lazer cotidiano da juventude brasileira.

<sup>209</sup> *apud* Pierre SANCHIS. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: Alberto ANTONIAZZI, *et al.* *Nem anjos nem demônios*. 1996, p. 47.

<sup>210</sup> Pierre SANCHIS. O Campo religioso contemporâneo no Brasil. *apud* Marcelo A. CAMURÇA, *Renovação Carismática Católica: entre tradição e modernidade*. 2001, p.46.

<sup>211</sup> Emerson SILVEIRA. “O pop no espírito: Festa, consumo e artifício no movimento carismático pentecostal”. 2003, p. 142.

significados ao tomarem contato com essa realidade agora sagrada. Exemplo de tal assertiva é o grupo que animou a noite do *Seara* de 2007: “*Ora Samba*”, sendo o nome uma alusão ao samba como oração. Assim, nas palavras de Silveira, “a aeróbica passa a ser ‘divina’, pois movimenta o corpo segundo ‘o espírito santo’. Objetos e símbolos vão sendo transformados e repostos em um novo circuito de significado.”<sup>212</sup>

No entanto, o autor ressalta que só se é possível entender essas festas despindo-se de um olhar redutor, ou seja, de um olhar racional que poderia operar a “deslegitimação do conteúdo fenomenológico dessas manifestações.”<sup>213</sup>

---

<sup>212</sup> Idem..

<sup>213</sup> Ibid., p. 156.

#### 4. O futuro profissional do reino frente à ciência

As mudanças do estatuto do saber nas sociedades ditas “pós-modernas” atestam certa crise tanto nas grandes narrativas, quanto dos discursos científicos, acompanhado do aumento da complexidade social. Com essas modificações, faz-se importante entender a plausibilidade adquirida por discursos antes vistos como incompatíveis com o “fazer ciência” na universidade. Assim, a inserção do discurso religioso carismático na universidade, encabeçado por um movimento estudantil com propostas concernentes à fé que o ratificam, o MUR, vai além de demonstrar a multiplicidade de narrativas que bombardeiam o indivíduo contemporâneo. Esse discurso ajuda a pensar sobre os anseios da juventude universitária que, o acadêmico cientificista, antes legitimador da formação profissional, não estaria satisfazendo.

É interessante ressaltar as críticas efetuadas pelo movimento ao uso da ciência. Segundo Ciro Flamarion Cardoso, as críticas ao paradigma iluminista sobre a ideia de progresso estão ligadas à “desilusão radical com uma história recente que estaria mostrando que a modernização, o racionalismo, a ciência (...) não foram fatores de libertação e felicidade, e sim, pelo contrário, geraram monstros.”<sup>214</sup> Inquire-se em que medida o MUR pode ser visto como uma resposta a essa crítica. Tal indagação procede, uma vez que o movimento questiona as práticas que não estão em conformidade com a aplicação racional da fé, mesmo que se utilize de dispositivos científicos para tal intento.

Dessa forma, busca-se a partir de tal questionamento, através das análises de Bauman sobre o paradigma moderno, demonstrar a conscientização sobre os propósitos políticos a qual o fazer científico está exposto. Propõe-se também, analisar a crise das metanarrativas através das análises de Lyotard e por fim, a heterogeneidade do discurso e o seu poder a partir das análises de Foucault.

##### 4.1 Modernidade e Ciência

Para Zygmunt Bauman, “a existência é moderna<sup>215</sup> na medida em que é guiada pela premência de projetar o que de outra forma não estaria lá: de projetar-se a *si mesma*.”<sup>216</sup> A modernidade através da razão e da técnica assume para si a tarefa de transformar “o mundo no melhor possível dos mundos”, através da ordem como tarefa. Assim, na concepção do

<sup>214</sup> Ciro Flamarion CARDOSO. História e paradigmas rivais. 1993, p. 10.

<sup>215</sup> O sociólogo divide a modernidade em dois períodos, modernidade e pós-modernidade, ou modernidade sólida e modernidade líquida.

<sup>216</sup> Zygmunt. BAUMAN. *Modernidade e Ambivalência*. 1999, p. 15.

autor, a existência moderna é pautada pela “alternativa ordem e caos”<sup>217</sup>, na qual, a ordem como conceito, é concebida em contraposição à ambivalência total.

O outro da ordem não é uma outra ordem: sua única alternativa é o caos. O outro da ordem é o miasma do indeterminado. O outro é a incerteza, essa fonte e arquétipo de todo medo. Os tropos do “outro da ordem” são: a indefinibilidade, a incoerência, a incongruência, a ambiguidade, a confusão, a incapacidade de decidir, a ambivalência.<sup>218</sup>

Para explicar o funcionamento da racionalidade moderna como ambivalente, o autor faz uma analogia com a linguagem, pois, segundo o autor, “a ambivalência não é um subproduto da patologia da linguagem. É, antes, um aspecto normal da prática linguística.” Assim, ambivalência é, segundo o autor, um subproduto do trabalho de categorização e convida a um maior esforço classificatório. Dessa forma, embora produto do impulso de classificar, a ambivalência só pode ser combatida através de uma nomeação ainda mais exata, fabricando assim, mais ambivalências. Sendo assim, “a luta contra a ambivalência é, portanto, tanto autodestrutiva, quanto autopropulsora. Ela prossegue com força incessante porque cria seus problemas enquanto os resolve.”<sup>219</sup>

Segundo Bauman, a prática moderna seria o esforço para extirpar a ambivalência através de suas estratégias, ou seja, da eliminação de tudo o que não poderia ser ou do que não pudesse ser definido, classificado ou inventariado. Assim, a ambivalência<sup>220</sup> é o refugio da modernidade. Em sua análise, Bauman destaca dois elementos como bases para o projeto moderno: O Estado Nação e a ciência.

O Estado moderno, para o autor, possuía como *causa finalis* uma sociedade socialmente planejada e afinada com os preceitos da razão. O Estado moderno, aparado pela razão, é caracterizado pelo autor como um Estado jardineiro, pois,

o projeto, supostamente ditado pela suprema e inquestionável autoridade da razão, fornecia os critérios para avaliar a realidade do dia presente. Esses critérios dividiam a população em plantas úteis a serem removidas e arrancadas. Satisfaziam as necessidades das plantas úteis (segundo o projeto do jardineiro) e não proviam as daquelas consideradas ervas daninhas. Consideravam as duas categorias como

---

<sup>217</sup> Ibid., p. 14.

<sup>218</sup> Idem.

<sup>219</sup> Ibid., p.11.

<sup>220</sup> É de extrema importância, para se entender o pensamento de Bauman, a ideia de complementaridade entre modernidade/ambivalência, pois, “o Estado moderno e o intelecto moderno precisam igualmente do caos – quando nada para continuar criando ordem. Ambos prosperam na vaidade do seu esforço.” Ibid., p.16

objetos de ação e negavam a ambas os direitos de agentes com autodeterminação.<sup>221</sup>

Como instrumento racional, a ciência moderna, segundo Bauman, seria resultante da ambição de conquistar a natureza e subordiná-la às necessidades humanas através da tecnologia. Tal visão científica, conforme o autor, nunca deixou de ser perpassada pelo viés do “controle e administração, de fazer as coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir).”<sup>222</sup>

Bauman salienta, no entanto, que tal busca pela ordem acabou por gerar “o escândalo da ambivalência”. Exemplo desse fenômeno foram os campos de concentração e a bomba atômica, escancarando um projeto que se revelou catastrófico. A problemática se dá na medida em que torna explícita a ideia de que “as ambições normativas, planificadoras, que são inerentes a todo empreendimento científico, à atividade científica como tal, e que podem se prestar fácil e alegremente a utilizações políticas – *em qualquer época e em qualquer lugar*, ambições que são elas mesmas, políticas.”<sup>223</sup>

#### 4.2. A Crise das metanarrativas

Em “A condição pós-moderna” Lyotard busca analisar a mudança de saber a partir do momento em que sociedades chamadas pós-industriais e as culturas entram na idade dita pós-moderna. Lyotard parte do pressuposto de que o saber científico é uma espécie de discurso<sup>224</sup> e que a relação entre fornecedores e usuários do conhecimento e o próprio conhecimento tende a assumir a forma de valor. Assim, segundo o autor, o saber será vendido para ser valorizado numa nova produção: deixa de ser para si mesmo seu próprio fim, perde seu “valor de uso”.

O saber nas sociedades pós-industriais reforçará ainda mais sua importância, pois, como mercadoria informacional, será o maior desafio na competição mundial pelo poder. Na idade pós-industrial e pós-moderna, a ciência conservará e, sem dúvida, reforçará ainda mais sua importância na disputa das capacidades produtivas dos Estados Nações.

Lyotard questiona o paradigma (modelo) geral do progresso das ciências e das técnicas ao qual parecem corresponder o crescimento econômico e o desenvolvimento do poder sociopolítico. Segundo Lyotard, deve-se atentar para a dúvida maior dos cientistas,

---

<sup>221</sup> Ibid., p. 29.

<sup>222</sup> Ibid., p. 48.

<sup>223</sup> Ibid., p. 49.

<sup>224</sup> Jean F. LYOTARD. *A condição pós-moderna*. 1982, p.3.



quando se trata de avaliar o estatuto presente e futuro do saber científico. Assim, o autor coloca-nos ainda o problema da legitimação, que em seu sentido lato passaria tanto pelo viés do “aquele que é legitimado a legitimar”, quanto “pela categoria ética /política”. Segundo Lyotard, a questão da legitimação encontra-se desde Platão, indissolivelmente associado à “legitimação do legislador.”<sup>225</sup>

Lyotard afirma que, para se tratar do saber na sociedade contemporânea mais desenvolvida, deve-se primeiro decidir qual a representação que dela se faz. O autor refere-se à representação, que durante o último meio século, dividiu-se entre dois modelos, o que via sociedade como um todo funcional e outro marxista. Tal divisão, para o filósofo, não serve para pensar a cultura pós-moderna, pois pertence a um pensamento formado por oposições que não correspondem às manifestações mais eloquentes do saber atual.<sup>226</sup>

Segundo Lyotard, nesse contexto, os antigos pólos de atração formados pelos Estados Nações, os partidos, os profissionais, as instituições e as tradições históricas perderam seu atrativo.<sup>227</sup> Tal assertiva teria como consequência a decomposição dos grandes relatos; o fato de que, tanto a identificação com grandes homens quanto a identificação com ideais patrióticos se tornariam mais difíceis. Isso porque estas questões deixam de ser finalidade da vida, passando à diligência de cada cidadão, agora, entregue a si mesmo. Segundo Lyotard, a decomposição dos metarrelatos

não é a dissolução do vínculo social e nem a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais lançados num absurdo movimento browniano. (...) o si mesmo é pouco, mas não está isolado – é tomado numa textura de relações mais complexa e mais móvel do que nunca. O indivíduo está colocado sobre os “nós” dos circuitos de comunicação – por mais ínfimos que sejam.<sup>228</sup>

Lyotard afirma que na contemporaneidade vivemos o impacto da secularização, democratização e consumismo, ressaltando como uma das características do pós-modernismo a “morte dos centros”, ou seja, a “incredulidade nas metanarrativas.

“Incredulidade nas metanarrativas”: quer dizer que aquelas grandes narrativas estruturadoras (metafísicas) que deram significado(s) à evolução ocidental perderam a vitalidade. Após as proclamações oitocentistas da morte de Deus (a metanarrativa teológica), ocorre também a morte dos substitutos temporais Dele. O final do século XIX e o século XX assistiram a um solapamento da razão e da Ciência, fenômeno que tornou problemáticos todos aqueles discursos que se

---

<sup>225</sup> Ibid., p.13.

<sup>226</sup> Ibid., p.25.

<sup>227</sup> Ibid., p.28.

<sup>228</sup> Idem.

fundamentavam nelas e tinham pretensão à verdade: todo o projeto do Iluminismo; os vários programas de progresso; reforma e emancipação do homem que se manifestavam, por exemplo, no humanismo, liberalismo, marxismo etc.<sup>229</sup>

Segundo Keith Jenkins, “morte dos centros” significa que todos aqueles quadros de referência, que pressupunham a posição privilegiada de diversos centros, já não são considerados legítimos e naturais. São, porém, temporários, ficções úteis, para formular interesses que, ao invés de universais, eram muito particulares.

### 4.3. O MUR e a ciência – uma tradução?

A Encíclica “*Fides et Ratio*”, sobre as relações entre fé e razão, é importante para se entender o êxito do MUR, pois além de buscar conciliar fé e razão, a Encíclica demonstra o ponto onde uma pode completar a outra. No capítulo intitulado “Conhece-te a ti mesmo”, afirma:

Com este novo documento, desejo continuar aquela reflexão [sobre as verdades fundamentais da doutrina católica], concentrando a atenção precisamente sobre o tema da *verdade* e sobre o seu *fundamento* em relação com a *fé*. De fato, não se pode negar que este período, de mudanças rápidas e complexas, deixa sobre tudo os jovens, a quem pertence e de quem depende o futuro, na sensação de estarem privados de pontos de referência autênticos. A necessidade de um alicerce sobre o qual construir a existência pessoal e social faz-se sentir de maneira premente, principalmente quando se é obrigado a constatar o caráter fragmentário de propostas que elevam o efêmero ao nível de valor, iludindo assim, a possibilidade de se alcançar o verdadeiro sentido da existência.

Assim, um dos pontos importantes da Encíclica é a ênfase no problema do mal moral, “a forma mais trágica do mal”, que segundo a carta do pontífice, provém da manifestação desordenada da liberdade.<sup>230</sup> Salienta também a crise de sentido, resultado de uma pluralidade de teorias que se disputam a resposta. Segundo o pontífice, portanto, para que a razão entre em conformidade com a palavra de Deus, esta deve voltar a buscar uma dimensão sapiencial de procura do sentido último da vida. Assim,

esta dimensão sapiencial é ainda mais indispensável hoje, uma vez que o imenso crescimento do poder técnico da humanidade requer uma renovada e viva consciência dos valores últimos. Se viesse a faltar a estes meios técnicos a sua orientação para um fim não meramente utilitarista, poderiam rapidamente revelar-se desumanos e transformar-se mesmo em potenciais destrutores do gênero humano.

<sup>229</sup> JENKINS, Keith. *A História Repensada*. 2001, p. 95.

<sup>230</sup> João PAULO II. Carta Encíclica “*Fides et Ratio*”. 1988. p.83.

A palavra de Deus revela o fim último do homem e dá um sentido global à sua ação no mundo. Por isso, ela convida a filosofia a empenhar-se na busca do fundamento natural desse sentido, que é a religiosidade constitutiva de cada pessoa. Uma filosofia que quisesse negar a possibilidade de um sentido último e global seria não apenas imprópria, mas errônea.<sup>231</sup>

Com o apelo da busca de sentido, própria do ser humano, “credenciada pelo fato de ser depositária da revelação de Jesus Cristo, a Igreja Católica” (...) viu a exigência de algumas reflexões sobre caminho que conduz à sabedoria. Isso, para que aqueles que tiverem “amor por ela possa tomar a estrada certa para a alcançar, e nela encontrar repouso para a sua fadiga e também satisfação espiritual”.<sup>232</sup> Assim, necessidade de busca, soma-se à questão da “desorientação da ética do homem” frente aos desafios no campo social, econômico, político e científico.<sup>233</sup>

Segundo o pontífice, a concepção de consciência muda quando se perde a concepção a respeito da verdade universal sobre o bem. Dessa forma, a consciência deixa de ser considerada como ato de inteligência da pessoa, cabendo a essa aplicar o saber universal do bem, visando uma conduta justa a ter aqui e agora. Passam, então, a ceder lugar à consciência individual, pela qual é facultada à pessoa a autonomia em estabelecer os critérios entre o bem e o mal e de agir em consequência. Dessa forma, nas palavras do Sumo Pontífice,

Sublinhei o papel fundamental que compete à verdade no campo da moral. Ora, esta verdade, na maior parte dos problemas éticos mais urgentes, requer, da teologia moral, uma cuidadosa reflexão que saiba pôr em evidência as suas raízes na palavra de Deus. Para poder desempenhar essa missão, a teologia moral deve recorrer a uma ética filosófica que tenha em vista a verdade do bem, isto é, uma ética que não seja subjetivista nem utilitarista. Tal ética implica e pressupõe uma metafísica do bem. A teologia moral, valendo-se desta visão unitária que está necessariamente ligada à santidade cristã e à prática das virtudes humanas e sobrenaturais, será capaz de enfrentar os vários problemas que lhe dizem respeito – tais como a paz, a justiça social, a família, a defesa da vida e do ambiente natural – de forma mais adequada e eficaz.<sup>234</sup>

A encíclica, mais que conciliar fé e razão, aponta para as lacunas que uma concepção racional do mundo deixa na vivência do indivíduo católico. Ou seja, a perda de uma ética que só a religião, ou a Igreja Católica, está habilitada a oferecer. Dessa forma, o estudante que almeja um mundo melhor ou busca uma segurança na sua profissão, encontra no movimento estudantil religioso as premissas que, se aceita por todos, acredita-se poder

---

<sup>231</sup> Ibid., p. 85.

<sup>232</sup> Ibid., p. 11.

<sup>233</sup> Ibid., p. 100.

<sup>234</sup> Ibid., p.100-101.

transformar os rumos das condições morais e éticas do campo profissional do qual mais tarde ele fará parte. Assim, crê-se na capacidade de auxiliar o estudante tanto em termos de confiança em equipe, nos ambientes de trabalho, como também dentro da universidade – onde impera a competição pelas melhores notas, melhores estágios e melhores orientações. A leitura e discussão da Encíclica podem ser verificadas em um testemunho deixado no Jornal de Partilha *on line* do site do MUR,

Na última semana, o Semente promoveu uma série de atividades com o intuito de discutir, sob a perspectiva católica, questões atuais como a encíclica Fé e Razão, os avanços tecnológicos, dentre outros temas. De acordo com um dos integrantes do grupo, Flávio Lemes Fernandes, "é preciso haver um equilíbrio para que não se caia em um radicalismo do cientificismo ou mesmo da religiosidade."<sup>235</sup>

Em estudo recente sobre o MUR, Carlos Eduardo Procópio demonstra como o movimento aciona o discurso científico para discutir questões como o aborto e as células-tronco. Procópio afirma que essas argumentações geralmente são colocadas através da organização de debates promovidos pelo movimento. Segundo Procópio, em Juiz de Fora foi organizado um debate onde os membros do MUR buscaram contrastar duas perspectivas, uma a favor e ou contra o aborto. O autor relata que, durante esses debates, o grupo a favor do aborto utilizava como justificativa o direito de escolha da mulher e os problemas sanitários causados proibição do aborto – como as clínicas clandestinas. Já a justificativa contra o aborto, encabeçada pelos membros do MUR, respaldavam-se em estudos científicos que evidenciavam que o feto, desde o momento da concepção, pode ser considerado uma vida.<sup>236</sup> Nas palavras de Procópio,

Como pude ver, não são argumentos religiosos que estão sendo expostos, mas argumentos religiosos que estão sendo orientados academicamente. Isso coloca o GOU num círculo de debates científicos e jurídicos onde a religião não fica em primeiro plano. Mesmo que se dedique a estudos por uma motivação religiosa, o que vai fazer com que o argumento seja considerado válido é a sua capacidade de ser demonstrado validado perante a comunidade acadêmica.<sup>237</sup>

Aqui, se faz importante a assertiva de Bauman sobre os limites modernos e pós-modernos do conhecimento, pois o autor afirma que as pretensões do conhecimento podem ser postas em dúvida de duas maneiras, uma moderna e a outra pós-moderna. No entanto, Bauman reitera que não está colocando essas dúvidas em sucessão cronológica, pois “ambos

<sup>235</sup> Disponível em <http://www.pur.com.br/jponline/default.asp?id=190>, consultado em 23/10/2010

<sup>236</sup> Carlos Eduardo PROCÓPIO. *Universidade, Formação e Missão*. 2008, p.66.

<sup>237</sup> *Ibid.*, p.67.

os tipos de dúvida têm existido desde há tanto tempo quanto a própria ciência”.<sup>238</sup>

O primeiro tipo de dúvida delimitado por Bauman assinala que o tipo de conhecimento existente – “conhecimento que recebeu o endosso dos locais e dos homens de conhecimento admitem ter solidez e crédito” – não oferece uma descrição acordada e convincente.<sup>239</sup> Esse tipo de dúvida, segundo Bauman,

não solapa a autoridade da ciência. Ao contrário, transformando o ideal de verdade no “alvo imaginário” das investigações produtoras de conhecimento, no horizonte do território que agora se atravessa (um horizonte que sempre recua, sempre ilusório, portanto, sempre além do teste prático), essa dúvida efetivamente protege a autoridade da ciência contra o descrédito. (...) Ela garante a imortalidade do conhecimento como empresa conquistadora da verdade específica que gera.<sup>240</sup>

Já o segundo tipo de dúvida é perpassado pela ideia de que a descrição oferecida por aquele conhecimento “não é a única versão possível dos fatos, nem mesmo a melhor versão ou sequer a única capaz de se postular a mais ‘bem testada’”.<sup>241</sup> Salienta Bauman que, para análise dos eventos, existem mais de uma interpretação que satisfaria os requisitos, sendo a escolha interpretativa “em última análise uma questão política”. Esse tipo de questionamento sobre o conhecimento abala a

confiança de que seja o que estiver sendo dito pela ciência em dado momento, é o melhor que se pode dizer naquele momento. Ele questiona o mais sagrado – o credo da superioridade do conhecimento científico sobre qualquer outro conhecimento. Além disso, desafia o direito da ciência validar e invalidar, legitimar e deslegitimar – em suma, de traçar a linha divisória entre conhecimento e ignorância, transparência e escuridão, lógica e incongruência. Indiretamente, torna pensável a mais herética das heresias: a de que, em vez de ser um galante cavaleiro empenhado em cortar, uma a uma, as muitas cabeças do dragão da superstição, a ciência é apenas uma dentre as muitas histórias, que evoca um prejulgamento frágil dentre muitos.<sup>242</sup>

Tal tipo de dúvida, sempre esteve presente na mentalidade moderna através, segundo Bauman, do medo da “improcedência” da certeza, “possivelmente o mais formidável dos demônios interiores da modernidade”. A presença do segundo tipo de dúvida, exatamente como uma “dúvida”, como uma crença capaz de enfraquecer a determinação necessária ao sucesso do projeto, foi característica marcante da mentalidade moderna.

---

<sup>238</sup> Zygmunt BAUMAN. *Modernidade e Ambivalência*. 1999, p. 251-252.

<sup>239</sup> *Ibid.*, p. 252.

<sup>240</sup> *Ibid.*, p.256.

<sup>241</sup> *Ibid.*, p. 252.

<sup>242</sup> *Ibid.*, p.256.

É o desaparecimento dessa dúvida enquanto dúvida (isto é, a manutenção da crença, mas a extinção do seu impacto corrosivo anterior) que marca da forma mais viva a passagem da modernidade para seu estágio pós-moderno. A modernidade alcança esse novo estágio (tão claramente distinto que se é muitas vezes tentado a atribuir-lhe uma era inteiramente separada, a descrevê-lo – de forma tipicamente moderna – como uma negação pura e simples da modernidade) quando é capaz de enfrentar o fato de que a ciência, por tudo o que se sabe e se pode saber, é uma versão dentre muitas.<sup>243</sup>

O que consideramos interessante sobre a ideia de “debate” proposta pelo movimento, ou seja, a delimitação de um espaço que possibilita contrapor discursos pró e contra ao aborto, é que o debate legitima as duas posições como “pares”. Tomando como referência o exposto acima, torna-se interessante as considerações de Michel Foucault sobre discurso, na medida em que é visto pelo filósofo como algo mais amplo, ou seja, permeado por relações de poder. Na acepção de Foucault,

[...] o discurso – a psicanálise mostrou-o –, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e porque – e isso a história desde sempre o ensinou – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos.<sup>244</sup>

O que legitima o MUR como capaz de atuar nessa arena seria o fato de estar na universidade e a maneira como seus membros fazem uso das estratégias discursivas. Ressalte-se que o “sujeito” que tece seu discurso através de atos, fala e expressões, está “sujeito” a uma hierarquia discursiva. Haveria, assim, uma “ordem dos discursos” na qual os atores sociais, dotados de suas mais diversas fachadas, desempenham, dia após dia, seus papéis em sociedade.

Dessa forma, na concepção foucaultiana, o que faz com que o poder seja aceito e se mantenha, é o fato de que ele “não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”. Assim, devemos “considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social”.<sup>245</sup> Tendo em vista tais acepções, fazem-se importantes as considerações de Foucault sobre verdade, em que nos esclarece que

a verdade não existe fora do poder ou sem poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos

<sup>243</sup> Ibid., p.258.

<sup>244</sup> Michel FOUCAULT. *A ordem dos discursos*, 2002, p. 2.

<sup>245</sup> Michel FOUCAULT. *Microfísica do Poder*. 1979, p.8.

livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Segundo ainda Foucault, a “economia política” da verdade possui cinco características historicamente importantes. Primeiramente a “verdade” é “centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem”; segundo, está “submetida a uma constante incitação econômica política”; terceiro, a “verdade” é “objeto de várias formas de uma imensa difusão e de um imenso consumo”; quarto, é “produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, meios de comunicação)”; e quinto, “a verdade é objeto de debate político e de confronto social (as lutas ideológicas)”.<sup>246</sup>

Dessa forma, Foucault salienta que se deve levar em consideração o intelectual não como “o portador de valores universais”, mas como “alguém que ocupa uma posição específica, mas cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdade em nossas sociedades”<sup>247</sup>. Partindo desse pressuposto, Foucault, destaca a tripla especificidade do intelectual, como

a especificidade de classe (pequeno burguês a serviço do capitalismo, intelectual “orgânico” do proletariado) a especificidade de suas condições de vida e de trabalho, ligadas à sua condição de intelectual (seu domínio de pesquisa, seu lugar no laboratório, as exigências políticas a que se submete, ou contra as quais se revolta, na universidade, no hospital, etc.); finalmente a especificidade da política de verdade nas sociedades contemporâneas.<sup>248</sup>

Segundo Foucault, é só então que a posição do intelectual pode adquirir uma significação geral e que seu combate local ou específico acarreta efeitos, “tem implicações que não são somente profissionais ou setoriais”.<sup>249</sup> Foucault, afirma ainda que,

há um combate “pela verdade” ou, ao menos em “torno da verdade” – entende-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de

---

<sup>246</sup> Ibid., p. 13.

<sup>247</sup> Idem.

<sup>248</sup> Ibidem.

<sup>249</sup> Idem.

*poder*”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do papel econômico-político que ela desempenha. É preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de “ciência/ideologia, mas em termos de “verdade/poder”.<sup>250</sup>

Outro conceito de Foucault que julgamos importante é o de “dispositivo”, que seria a rede que se pode estabelecer entre um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos e proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Segundo Foucault, “o dito e o não dito são os elementos do dispositivo”. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos e que pode ainda funcionar

como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. [o dispositivo é] Um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.<sup>251</sup>

A partir do conceito de Foucault de *épistémè*, de sua assertiva de que o poder produz discurso e ainda de que devemos considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, podemos analisar ambas as falas. Dessa forma, tanto o que foi dito contra o aborto, como também, o que foi dito em favor do aborto, buscam, através de dispositivos estratégicos, escolherem

entre todos os enunciados possíveis, aqueles que poderão ser aceitáveis no interior, não digo de uma teoria científica, mas de um campo de cientificidade, e a respeito de que se poderá dizer: é falso, é verdadeiro. E o dispositivo que permite separar não o verdadeiro do falso, mas o inqualificável cientificamente do qualificável.<sup>252</sup>

Interessante a posição que o MUR assume frente à relação com as outras formas do “fazer científico”, ou seja, como falso e/ou destrutivo, como pode ser visualizado em seu hino, que afirma:

Existem tantos neste mundo que não conhecem Jesus  
ou que na falsa ciência se iludem e passam a não crer na cruz.  
E assim se fecham para o amor e assim destroem suas vidas  
enquanto isso nós cristãos guardamos Deus pra nós.

<sup>250</sup> Ibid., p.14. (grifo nosso)

<sup>251</sup> Ibid., p.15.

<sup>252</sup> Ibid., p. 243.



Tratando da questão dos estudantes que, ao entrarem para a universidade acabam por se afastar da Igreja, o documento da CNBB, *Evangelização da Juventude, desafios e perspectivas racionais*, faz uma abordagem sobre a vida acadêmica. No item sobre a como conciliar fé e razão, há a afirmação de que o jovem, com o avanço do processo de escolaridade, em especial na sua fase universitária,

se fascina pela racionalidade das ciências e tecnologias, pela eficiência e organização da sociedade produtiva e do mercado, pelo compromisso com a transformação social, de tal forma que sua fé pode entrar, em alguns casos em conflito com a razão; mas pode também amadurecer com a contribuição dessa Razão. A ação pastoral deve favorecer a base intelectual da sua fé para que saibam se mover de maneira crítica dentro do mundo intelectual, acompanhados de vida cristã autêntica para que possam atuar responsavelmente no mundo que fazem parte.<sup>253</sup>

Interessante ressaltar que no *site* do MUR existe um *link* intitulado *Fé e razão*, que nos leva a uma página que oferece um banco de dados com artigos diferenciados dos integrantes do movimento. O texto publicado no *site* diz que,

Nós, universitários, renovados pelo Espírito Santo e comprometidos com os valores cristãos, traduzimos os valores do evangelho não só dentro dos grupos de oração universitários, mas também e principalmente fora dele, nas salas de aula, laboratórios de pesquisa e no mercado de trabalho. Apresentamos aqui um banco de dados com diferentes artigos que mostram que Sim, é possível se conciliar a fé e a razão, e traduzir para o ambiente acadêmico e profissional os valores do evangelho.<sup>254</sup>

Em tais artigos encontramos trabalhos dos alunos do curso de Comunicação como, por exemplo, sobre *internet*, identidade e Canção Nova; uma pesquisa sobre a pesquisa embrionária no Brasil, do programa de pós-graduação em bioética da PUC do Rio de Janeiro; outro de alunos da Educação Física, entre outros. Tais trabalhos não deixam em nada a dever aos trabalhos acadêmicos com relação ao rigor metodológico.

Outra assertiva interessante é que o movimento costuma citar estudiosos consagrados em ciências sociais da religião, como Brenda Carranza, Regina Novaes e Reginaldo Prandi, em suas apostilas e nos livros sobre o MUR.<sup>255</sup> Além disso, demonstram

<sup>253</sup> Documento da CNBB, *Evangelização da Juventude, desafios e perspectivas racionais*, p.109 – aprovado em 2007.

<sup>254</sup> Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/pt-br/razao-e-fe/artigos>. Consultado em 23/10/2010.

<sup>255</sup> Na Apostila de Formação disponível no site do movimento, o artigo de Reginaldo Prandi e Antônio Flávio Pierucci “A Realidade Social das Religiões no Brasil” é citado no intuito de demonstrar o crescimento da RCC no Brasil. No entanto, a tabela que acompanha a análise é retirada do site oficial da RCC no Brasil. Dentre os livros constantes na bibliografia sugerida pela apostila temos desde livros de Jonas Abib e Documentos da CNBB a artigos de Pedro Ari Oliveira, Cecília Mariz e Brenda Carranza.

grande conhecimento em relação à história da Igreja, as Encíclicas, os documentos da CNBB, da Bíblia, ou seja, os textos escritos pelos membros do MUR sobre o movimento buscam sempre citar passagens de textos como referência.

O MUR, durante um dos Encontros Nacionais, mais especificamente o de 2008, promoveu um simpósio científico sobre *Fé e razão*, tais textos foram publicados nos Anais do Encontro. Especificamente neste simpósio, os trabalhos tiveram como norte projetos que refletissem sobre o MUR e suas prerrogativas. Dentre os projetos apresentados temos o de uma aluna do curso de Biblioteconomia e Documentação, que apresentara um trabalho cujo objetivo era apresentar uma bibliografia comentada sobre a evangelização no meio universitário; a pesquisa de um mestre em Botânica, que através de um questionário semi-estruturado, buscou descrever a ação do GOU na cidade de Feira de Santana (BA); o trabalho de uma aluna de comunicação que através de um vídeo-documentário, com o intuito de divulgar o movimento; e outro que se objetivou em aprofundar as discussões sobre o valor da vida, bioética e criar ações concretas de conscientização.

Interessante que tais trabalhos continham resumo, introdução, proposta materiais e métodos, resultados e considerações finais e ainda uma vasta referência bibliográfica sobre cada assunto.

O caráter acadêmico do movimento pode ser visto também em sua campanha para que seus membros sejam bons alunos, para apresentarem bons trabalhos e continuarem seus estudos através de cursos de pós-graduações.

Quanto a essa característica do movimento, um de seus integrantes me relatara que seu pai e seu tio pertenceram a Teologia da Libertação e que, por influencia deles, pelas histórias que ouvia, vivia querendo “colocar a mão na massa”, mudar alguma coisa. Em contraposição, o MUR só o orientava a estudar, fazer mestrado, doutorado e etc., e que, por conta dessas vivências, ele vivia em conflito.

## 5. Estratégias propagandísticas do MUR

Um dado interessante para se pensar o MUR é sua forma de comunicação, pois, por ser voltado para os jovens, o movimento busca adequar linguagem e conteúdo ao transmitir suas mensagens. Assim, as páginas do Movimento na *web* utilizam um discurso juvenil e recursos gráficos modernos, atraentes ao público (muitas cores, fotos de jovens sorrindo). Ressalte-se também a capacidade propagandística do MUR para atrair a atenção dos transeuntes. No caso da Universidade Federal de Viçosa, enquanto graduanda e aluna dessa instituição, pude ver pelo *campus* da universidade cartazes, faixas e *folders*. Além desse material, acompanhei trabalhos dos grupos de promoção que se reúnem em horários e lugares estratégicos para a divulgação de “eventos” e campanhas como a Experiência de Oração, os GOUs e o *Seara*.

Até o início dos anos 90, a Igreja Católica não tinha presença significativa nos meios de comunicação de massa brasileiros. Fato explicado talvez por uma incompatibilidade de visão de mundo entre a Igreja e a sociedade de consumo: os setores mais conservadores viam a grande mídia como antagonista no campo da difusão de valores morais, enquanto que o setor “progressista” considerava-a fator de alienação.<sup>256</sup> A partir de meados desta década, entretanto, tal panorama mudou drasticamente tendo à sua frente, sobretudo, a Renovação Carismática Católica. O setor foi o que mais atendeu as exortações de João Paulo II para se “testemunhar o Evangelho através dos meios de comunicação”, utilizando-se de sua capacidade de irradiação e adequando-se a mensagem à linguagem moderna.<sup>257</sup>

Segundo Camurça<sup>258</sup>, a hierarquia eclesiástica tem participado ativamente deste processo, seja consentindo, participando ou promovendo este esforço de inserção do catolicismo na evangelização de massa via mídia. Carranza<sup>259</sup>, entretanto, lembra que essa onda de catolicismo midiático volta e meia “esbarra em severas resistências intra-ecclesiais”, apontando para “o desacordo de ser essa a única voz autorizada da Igreja”.

Hoje, a Igreja Católica conta com pelo menos quatro emissoras de TV de projeção nacional via satélite ou canais UHF (Rede Vida, TV Canção Nova, TV Século XXI e TV Aparecida), um incontável número de emissoras de rádio e de *sites* na *internet* (tanto

<sup>256</sup> Ralfh DELLA CAVA & Paula MONTERO. E o verbo se fez imagem. *apud* Marcelo CAMURÇA. “Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático”. 2009.

<sup>257</sup> Ari Pedro ORO. *Avanço Pentecostal e reação católica*. *apud* Marcelo CAMURÇA. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. 2009, p. 63.

<sup>258</sup> Marcelo A. CAMURÇA, M. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo. 2009.

<sup>259</sup> Brenda CARRANZA. *Catolicismo Midiático*. 2006, p.5.

institucionais quanto leigos) e uma expressiva participação no mercado fonográfico e editorial, capitaneado pelo fenômeno dos padres-artistas (um deles, Pe. Marcelo Rossi, aventura-se até mesmo no ramo cinematográfico). Além de suas próprias mídias, o catolicismo aventura-se com extrema desenvoltura pelas mídias seculares.

Camurça<sup>260</sup> propõe, para analisar tal prática, algumas variáveis. Dentre elas, a adoção de estratégias de marketing em algumas paróquias para identificar necessidades de um “público alvo”; o fato de as devoções católicas encontrarem-se articuladas às novas tecnologias e aos estilos da vida moderna; a utilização de um formato de ponta para um conteúdo conservador; uma ênfase de recusa ao “pecado” combinada com uma lógica moderna subjetivista, expressa no lema PHN (“Por hoje não vou mais pecar”).

O autor destaca que a grande questão que se coloca, no entanto, é se haveria

uma capitulação do discurso religioso à lógica mercadológica, consumista e individualizante do meio virtual como aparece nos textos de Carranza (2005) e Souza (2005), ou uma estratégia de emprego dos meios midiáticos a serviço da causa religiosa, no artifício de “estar na mídia sem ser da mídia”, baseado no aforismo evangélico, como aparece na formulação de Braga (2004)<sup>261</sup>.

Para Carranza, não se fica impune à lógica do mercado mesmo que se queira sacralizá-lo, pois a mídia não seria “um puro instrumento neutro a serviço de quaisquer interesses, mas uma instituição produtora de sentidos em si mesma.” Ao optar pela utilização da mídia, o catolicismo seria na verdade utilizado por ela apenas no sentido de almejar mais um nicho de mercado. Aqui, Camurça<sup>262</sup> lembra uma música de uma conhecida banda de rock: “o papa é pop, [mas] o pop não poupa ninguém”.

Antônio Braga<sup>263</sup>, no entanto, lembra que a TV Canção Nova, comandada pelo Monsenhor Jonas Abib, opta por não fazer inserções publicitárias externas à sua programação, não se submetendo às “regras do mercado”. Incentiva, no entanto, as vendas de seus próprios produtos, numa “prática de consumo não consumista”. Tal prática “libertaria” a linguagem de marketing do hedonismo e consumismo, devido ao “caráter missionário” do ato de consumir (promoção de bem interior, evangelização e ajuda financeira à comunidade Canção Nova, mantenedora das redes de mídia). Seria, neste caso, uma tentativa de “sacralização do

---

<sup>260</sup> Marcelo. CAMURÇA. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. 2009.

<sup>261</sup> Marcelo. CAMURÇA. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. 2009, p. 64

<sup>262</sup> Marcelo. CAMURÇA. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. 2009, p. 63.

<sup>263</sup> Antônio BRAGA. TV Católica Canção Nova. *Apud* Marcelo CAMURÇA. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. 2009, p. 62.

profano”.

Camurça<sup>264</sup> conclui, pois, que o fenômeno apresenta-se como uma “via de duas mãos”. Lembra que, como Carranza admite, se o religioso é transformado em entretenimento espetacular na grande mídia, por vezes o entretenimento secular se transforma em religioso.

Se toma, então, de forma *bidirecional* o fenômeno que está se observando, o catolicismo conservador em sua expressão midiática, vê-se, de um lado, o desenvolvimento de determinadas lógicas e práticas do meio secularizado em nome de um ideal religioso/espiritual redundar em realidades onde o “espiritual”, o “interior” resultam colonizados por essa ordem materialista, utilitarista e pragmática. E de outro lado, vê-se como que a partir de recursos e artefatos do meio técnico do consumo pode-se chegar a processos “imaginativos” que se passam no plano individual e proporcionam um prazer de cunho “espiritual”.<sup>265</sup>

Ao tecer, entretanto, uma análise sobre o conteúdo desta mensagem “evangelizadora”, Carranza, vê o fenômeno do catolicismo midiático como uma tentativa da Igreja Católica de fomentar uma terceira onda de *recatolização*, legitimada pelo carisma midiático de João Paulo II. A seu ver, as viagens ao redor do mundo e os gestos humanitários e próximos deste papa, serviriam para “impor afavelmente” um catolicismo intransigente no campo moral e ético. Comportamento caracterizado pela “retomada da estabilidade doutrinária sem qualquer compromisso com as exigências da racionalidade moderna.”<sup>266</sup>

Para a autora, no entanto, o objetivo de utilizar os meios modernos para atrair fiéis e subjugar-los à doutrina conservadora da hierarquia, não seria plenamente alcançado. Isso porque a mídia católica especializada pareceria atingir só aos de dentro da Igreja, “reinstitutionando-os” mais. O fenômeno do Pe. Marcelo Rossi, entretanto, seria o emblema nacional da tentativa de proporcionar um caráter identitário ao catolicismo na mídia, cumprindo um papel de existência social da Igreja nestes meios. Segundo Carranza, embora atingido pelos algures da superexposição, Marcelo Rossi teria aperfeiçoado muito bem os mecanismos que proporcionaram a construção social da sua fama. A autora acredita que o padre projetou-se através de um *maquiavelismo midiático* que o permitiria, a exemplo de João Paulo II, ser afável nos gestos e arcaico nos discursos. Agindo como operador de sentido de seus “fiéis-fãs-seguidores”, através de programas de rádio povoados de emotividade, nos quais são oferecidas soluções rituais e instantâneas para problemas cotidianos dos ouvintes, valendo-se para isto do poder simbólico atribuído ao sacerdócio, ele atuaria ressemantizando elementos mágicos do catolicismo popular. Carranza aponta o risco de se levar o fiel a “fazer

<sup>264</sup> Marcelo CAMURÇA. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. 2009.

<sup>265</sup> Ibid., p. 74.

<sup>266</sup> Brenda CARRANZA. *Catolicismo Midiático*. 2006, p.6.

uma leitura a-histórica da própria realidade” colocando em terceiros a responsabilidade objetiva de suas ações pessoais, gerando uma atitude de acomodação perante a realidade aflitiva e a conseqüente desmobilização coletiva.

Camurça<sup>267</sup> aponta que o catolicismo estaria enfrentando uma condição *pós-tradicional*: “na medida em que a tradição necessita justificar sua presença para se legitimar dentro da lógica da modernidade, ela perde seu caráter de dimensão dada, fundada em si mesma.”<sup>268</sup> Quando o próprio clero reconhece a necessidade do mercado como mediação para o sagrado, estabelecer-se-ia uma condição de *reflexividade*. Maneira pela qual o catolicismo carismático-midiático acessaria, sim, a tradição, mas pela via da escolha e da experiência subjetiva, numa constante “convivência e negociação entre autonomia e tradição”.

Em artigo recente intitulado *Atores religiosos populares e midiático-consumismo católico*, Emerson Sena Silveira busca refletir sobre as implicações da cultura de consumo bem como da mídia sobre os atores religiosos e populares. O autor realizou um estudo sobre uma comunidade católico-carismática de estrato popular na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, levando em consideração “as mediações entre os atores religiosos por meio de suas atividades”, bem como a “dimensão das forças midiáticas de consumo.” A partir disso, constatou que “os fluxos e fronteiras entre mídia, consumo e carismatismo católico põem em pauta novas formas de hibridação entre religião e mundo pós-moderno.”<sup>269</sup>

Silveira, em seus estudos, demonstra que a construção da identidade por parte dos carismáticos que se enveredam pelo caminho da mídia e do consumo, torna-se um trabalho extenuante, na medida em que exige que fronteiras sejam recriadas a partir de diversas estratégias de diferenciação. Nas palavras do autor,

O consumo e a mídia tornaram-se, para os carismáticos (e para o catolicismo), não só estratégias possíveis de criação, mas também ultrapassagem de fronteiras em que ressignificam sua identidade. Outros movimentos fazem críticas a essas estratégias na medida em que os fluxos midiático-consumistas, carregados de lógicas próprias, ao interagirem com o catolicismo, desfocam sua identidade teológica. Dessa forma, os resultados podem ser hibridizações que, sob outros olhares, tornam-se transgressões identitárias.

Sobre a utilização da *internet* pelo MUR o relato de Pereira é emblemático:

<sup>267</sup> Marcelo CAMURÇA. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. 2009.

<sup>268</sup> Ibid., p. 72.

<sup>269</sup> Emerson SILVEIRA. “Atores religiosos populares e midiático-consumismo católico.” 2010, p.178-201.

A *internet* tem papel importante no Projeto Universidades Renovadas. A grande maioria das decisões, dos recados mais insignificantes à comunicação de extremo interesse dos membros no território nacional, quase tudo é feito pela *internet*.<sup>270</sup>

A *internet* como meio para a divulgação do MUR começou a ser utilizada praticamente junto ao início do projeto. Tal uso é citado tanto nos relatos de Pereira como no de Santos. E é através do *site* do MUR que estão disponibilizadas as Apostilas para a formação de GOUs e de Formação do MUR, fontes utilizadas por essa pesquisa.

Segundo os registros, o uso da *internet* como meio de divulgação partiu de um dos integrantes do PUR, em 1995. Sobre essa iniciativa, Santos relata que durante a faculdade viu um cartaz com uma caneta presa por barbante que dizia: “se você sabe piada de pontinhos, deixe a sua aqui.” Assim, “as pessoas liam, alguns escreviam: ‘o que é um ponto verde no canto de uma sala?’ ‘Uma ervilha de castigo’ e por aí vai”. De acordo com o relato de Willian Max, idealizador da página primeira página do MUR, essa foi uma estratégia para divulgar o movimento no meio estudantil:

A maioria dos usuários de hoje [da *internet*] são estudantes (lembremo-nos, portanto, que estamos em 1996 e a *internet* ainda engatinhava pelo Brasil, sendo mais explorada pelos universitários, por causa de pesquisas). Alcançá-los com uma página poderia ser uma boa ideia. Mas como atraí-los para uma página? Bolei alguns cartazes que foram colocados nos murais, convidando os alunos a deixarem as curiosidades que eles sabiam sobre ‘o que é um pontinho...’. Em poucos dias os cartazes foram inteiramente ocupados. Fiz a compilação das frases, criei uma página e fiz um novo cartaz, agora informando onde todos os ‘pontinhos’ foram parar. Meu objetivo era que os alunos vissem o *link* do GOU querigma.<sup>271</sup>

A atual página do movimento “www.pur.com.br” possui em seu canto superior a logomarca do movimento: o mundo utilizando um capelo com duas mãos em gesto de oração. No canto esquerdo da tela tem-se o símbolo da RCC, um *link* que abre diretamente a página oficial da Renovação Carismática. Em torno do nome “Ministério Universidades Renovadas” as bandeiras da França, Espanha, Alemanha e Inglaterra que, quando acessadas, nos levam a versões dessas páginas nas respectivas línguas de cada país.

Dentre os *links* disponibilizados no *site*, têm-se o *PUR*, que conta a história, quem são os membros e outras questões pertinentes à identidade do movimento; o *link GOU* em que o internauta pode consultar se existe um grupo de oração universitário em sua cidade, ou o mais próximo de sua residência; *link* sobre o *ENUCC* (Encontro Nacional dos Universitários

<sup>270</sup> Ariana PEREIRA. *Há Fé na Terra da Razão*. 200,3 p.26

<sup>271</sup> Depoimento de Willian Max dado na ocasião dos 10 anos do MUR. Data em que mudou-se também o design da página do movimento. Ivna SÁ DOS SANTOS. *Daí-lhes vós mesmos de comer*. 2004, p.129.

Católicos Carismáticos); há outro sobre a *Equipe*, que apresenta os responsáveis a nível nacional pelo movimento e há ainda um *link* sobre o *Trote* e sobre os *Profissionais*.<sup>272</sup>

Na *home page* do *site* encontramos notícias sobre encontros, *RuaHS*, o *link* que leva ao *Jornal da Partilha* e um *Evangelho da Semana* comentado por Fernando Galvani, o genitor do movimento. Nessa página encontram-se disponibilizadas as apostilas de formação, músicas do MUR para *download*, materiais para a semana missionária, etc.

A utilização da *internet* possui grande importância para a estruturação do movimento na medida em que possibilita aos membros que mantenham a unidade identitária do MUR, se comuniquem em níveis praticamente imediatos, promovam seus encontros e, claro, divulguem o movimento.

Outra inovação do MUR é o GOUV, Grupo de Oração Universitário Virtual. Segundo o *Jornal de Partilha on line*

A iniciativa, um tanto ousada, nasceu em alguns dias, quando o carioca Carlos Porto começou a convidar alguns amigos para rezar pelo MSN com duração de cerca de 60 minutos.

Os luquinhas internautas se reúnem em uma janela de MSN e durante uma hora louvam, adoram, pedem a unção do Espírito Santo e até proclamar palavras de cura e ânimo uns aos outros, sem esquecer dos cantos, ou melhor das letras colocadas na tela e claro, cada um canta e reza em línguas em sua casa.

Ah, mas grupo de oração tem que ter pregação. Sim, tem! E o GOUV tem só que, ao invés das palavras, o pregador usa as teclas de seu computador e como cada luquinha já se aproxima do PC com sua bíblia, basta abrir a palavra escolhida e ouvir a partilha da palavra.<sup>273</sup>

Os participantes do movimento formam muitas comunidades no *site* de relacionamento denominado *Orkut*. A comunidade intitulada *MUR – Universidades Renovadas* possui 6.320 adeptos de todo o país. Dentre algumas comunidades relacionadas a esta temos o *FlaMUR*<sup>274</sup>, uma comunidade para os membros do movimento que torcem pelo time carioca flamengo; a comunidade *MUR e saúde*<sup>275</sup>; a comunidade *PUR Direito*<sup>276</sup>, para os estudantes do curso de direito e outras mais. A característica mais marcante dessas comunidades é a linguagem tipicamente jovem característica desse segmento.

<sup>272</sup> As análises sobre o trote do movimento e sobre os profissionais será tratada em sub-capítulo específico.

<sup>273</sup> *Jornal de Partilha on line* disponível em [www.pur.com.br/jponline/default.asp?id=2741/11/2006](http://www.pur.com.br/jponline/default.asp?id=2741/11/2006) consultado em 18/09/2010.

<sup>274</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=42512036> consultado em 13/09/2010.

<sup>275</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1236871> consultado em 13/09/2010.

<sup>276</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=637721> consultado em 13/09/2010.



## CAPÍTULO 3: O PROFISSIONAL DO REINO

### 1. O Grupo de Partilha Profissional – GPP

Em 1998, o MUR iniciou o projeto para realizar os primeiros grupos de graduados do movimento. Primeiramente, tal iniciativa culminou com o chamado *Grupo de Partilha e Perseverança* (GPP). Tal grupo, já trazia em seu nome as motivações para que os membros advindos do MUR participassem, ou seja, para que seus membros continuassem sonhando e que não desistissem da criação da denominada “civilização do amor”. Segundo o *site* do MUR, ao finalizar a graduação,

normalmente os participantes deixam a comunidade em que tiveram essa primeira experiência com Deus, mas continuam com o desejo de tornar realidade aquele sonho inicial. Muitas vezes, diante da sociedade secularizada e dos desafios existentes, aparecem o desânimo e o cansaço. Nesse sentido, muitos formados do MUR identificaram a necessidade de criar oportunidades para perseverarem no sonho, na experiência de Pentecostes, na comunhão fraterna, na oração em comum, na missão e na partilha das experiências, dos desafios encontrados, dos projetos pessoais e sociais, dos bens materiais e espirituais.

Hoje o grupo é denominado *Grupo de Partilha Profissional*, que visa a atender não só os membros advindos do MUR, mas também outros profissionais que não participaram do movimento durante a vida acadêmica. Os primeiros GPP's foram criados primeiramente em Belo Horizonte (MG) e posteriormente em Vitória (ES),

mas hoje eles já se espalharam por todo o país: há cerca de 50 grupos de partilha, em que os profissionais das mais diversas áreas colocam seus talentos a serviço uns dos outros e da sociedade. Os GPS promovem estudos, visando à formação espiritual, doutrinal e humana de seus membros, além de divulgarem o ensino social cristão e os documentos que versam sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. É importante destacar que no GPP seus membros oram juntos, vivenciam a efusão do Espírito e suas consequências e participam ativamente na Igreja, em suas necessidades e campanhas, por meio da RCC.

A história dos GPP's, segundo o *site*, inicia-se no ano 2001, na cidade de São Paulo, durante o V ENUCC. Com esse grupo, os graduados buscam manterem-se fiéis à ideia de tornarem-se “*Profissionais do Reino*”. Esse fato, segundo o *Texto Base* do grupo,

indica o ideal de homens e mulheres que exercem suas profissões e conduzem suas vidas à luz do Evangelho e, movidos pelo Espírito Santo, buscam o Reino de Deus e sua justiça em primeiro lugar. (...) Identifica-se, assim, um chamado especial para com a sociedade por meio de sua profissão, uma missão e um olhar em Cristo de aplicar os conhecimentos adquiridos sob a ótica de um verdadeiro cristão, que

busca o Reino de Deus e a sua justiça nas pequenas coisas. Um profissional comprometido com as obras de Deus, em disseminar a cultura de Pentecostes e observar os princípios e ensinamentos da Santa Igreja Católica, começando pelo seu local de trabalho, evangelizando com a vida, transmitindo Cristo em todas as coisas.

Os GPP's caracterizam-se, segundo seu Texto Base, por comunidades pequenas, entre 10 a 12 pessoas por grupo. O pouco número de participantes por grupos é estimulado por seus coordenadores, tanto para facilitar a partilha profissional, como por ser mais fácil aguçar um espírito de comunidade. Tal particularidade é ressaltada no Texto Base do movimento e é endossada através da citação do documento da CNBB que diz:

121. Muitas vezes, nossas comunidades mal merecem esse nome, porque são demasiadamente grandes, massificadas, impessoais. Devemos continuar o nosso esforço de estimular a formação de comunidades menores ou de grupos, que facilitem um relacionamento direto e pessoal. No ambiente urbano, será mais difícil estabelecer comunidades e grupos com a mesma estabilidade e de maneira homogênea. Porém, grupos ou comunidades ambientais (trabalhadores de uma empresa, profissionais de saúde, professores...) podem constituir válida experiência eclesial e contribuir para a transformação das estruturas sociais.<sup>277</sup>

O Grupo busca ainda manter o sentimento de pertença e família entre os *Profissionais do Reino* através do “desejo de partilhar em comunidade a busca por viver, através da profissão, o chamado de Deus.”<sup>278</sup>

As prerrogativas dos ideais do grupo foram expressas em duas cartas, a “Carta de Bauru” e o chamado Tripé do GPP, respectivamente redigidas nos encontros de São Paulo (SP) e Belo Horizonte (MG). Segundo o Texto Base, essas “‘cartas’ são as primeiras a falar dos sentimentos, vivências e ideais dos *Profissionais do Reino*”.<sup>279</sup>

Na “Carta de Bauru” são destacadas cinco características (Sentimento de Comunidade, Espiritualidade, Formação, Diálogo e Ação) e, no “Tripé do GPP” em Belo Horizonte, são definidas três (Oração, Formação e Ação). Assim, pode-se entender o GPP como uma “comunidade de profissionais, fundados na pentecostalidade da identidade da RCC, que forma seus membros em santidade e serviço e, no diálogo com a Igreja e suas expressões no mundo, constrói a civilização do Amor” (“Ideal do GPP”, carta de Bauru, SP, 2003).

A orientação dada pelo Texto Base do GPP é a de que os grupos existentes, bem como aqueles que surgirão, possam buscar vivenciar essas cinco características basilares do Ministério.

<sup>277</sup> CNBB. *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*, 1999, p.95 apud Texto Base, p.5.

<sup>278</sup> Cf.: *Texto Base: Grupos de Partilha de Profissionais*. Disponível em <http://www.pur.com.br>. p.6.

<sup>279</sup> Idem

## 1.2. Os cinco Pilares dos GPP

### 1.2.1. Comunidade acolhedora e Fraternal

Segundo a “*Carta de Bauru*”, o primeiro pilar do GPP, o sentimento de comunidade, deve ser construído a partir da perspectiva de que o grupo deve ser uma comunidade acolhedora e fraternal. Um local onde deva ser partilhado “experiências, realidades (necessidades materiais e espirituais e a própria vida).”<sup>280</sup>

De acordo com o site do movimento, tal espírito de comunidade dever ser cotidianamente trabalhado. Segundo o Texto Base, no item sobre como viver melhor os cinco pilares, a comunidade deve ser um lugar onde os membros possam revelar seus limites e fraquezas, e onde podem ser aceitos como são, confiar um nos outros e realmente praticar o amor. Dessa forma, a comunidade é vista pelo grupo como lugar de união, de perdão, onde o amor deve prevalecer. A comunidade é ainda um lugar onde devem ser descobertos os talentos com os quais o “*Espírito presenteia*” cada membro, fazendo com que esse talento seja desperto. Além disso, segundo o Texto Base, na comunidade devem-se somar as qualidades dos membros e praticar a tolerância com relação ao outro com o objetivo da eficiência do trabalho comunitário.

Quanto ao “cuidado” com a comunidade e sua história, o Texto Base salienta que

É necessário avaliar as reuniões, bem como a vida comunitária, para saber onde é preciso mais esforços, se está caindo na rotina e se as ações estão sendo realizadas mecanicamente, ou se realmente deixamos o Espírito Santo de Deus agir plenamente. De vez em quando deve-se avaliar em que grau da caminhada se está. A história de uma comunidade deve sempre ser dita e redita, inscrita e repetida. Precisamos lembrar sempre o que Deus fez e que Ele está na origem de tudo. Esta história servirá de impulso para os membros da comunidade, ajudando a enfrentar novos desafios com coragem e perseverança. Os grupos de profissionais precisam ser luz, seus membros precisam ter fervor e um sentimento de urgência, buscar sem cansar, pois temos muito que fazer e Deus conta com cada um de nós.

A respeito da questão da ética profissional, Adilson Rodrigues Nobrega, em sua análise sobre o MUR do Ceará, afirma que o profissional do Reino deve “ser luz” no mundo, a partir da ideia de que sua ação deve ser calcada

em uma forma de exemplarismo. O mais forte instrumento de evangelização é o testemunho de vida: manter um comportamento dentro da referência ética do

<sup>280</sup> *Texto Base: Grupos de Partilha de Profissionais*, p.7. Disponível em <http://www.pur.com.br>.

Cristianismo, de modo que ele possa influenciar os demais colegas da academia e, em um futuro, os diversos segmentos da sociedade.<sup>281</sup>

Outra característica destacada pelo movimento sobre o “viver em comunidade”, é o “cuidado com o acolhimento”, ou seja, receber bem as pessoas que frequentam o grupo e integrá-lo à comunidade. O Texto Base coloca à disposição algumas dicas consideradas importantes para tal prática:

- Ao acolher o novato se tiver oportunidade e tempo, explicar sobre o grupo e ouvi-lo.
- Se ele não conhecer a RCC e o MUR, apresentar a ele, explicando, respondendo a seus questionamentos e encaminhá-lo para encontros da RCC relacionados à espiritualidade carismática.
- Ter um tempo na reunião para que o novato se apresente e o grupo seja apresentado a ele.
- Acolher os que estão em festa ou alegres (casamento, batizados, aniversários, etc.).
- Comemorar os aniversários do mês e lembrar-se de cada aniversariante do grupo. Ir às casas, telefonar, encontrar fora do grupo. Se possível, ter alguém responsável no grupo para lembrar o dia do aniversário de cada um.
- Acolher os que estão de lutos ou tristes por algum motivo.
- Lembrancinhas, mensagens bíblicas para meditar durante a semana, dentre outros, poderão enriquecer a acolhida do grupo.
- Ter uma ficha e pasta para cadastrar o novato.
- Ir às casas uns dos outros, conhecer as famílias, fazendo parte da vida um do outro.
- Ir ao encontro dos que foram afastados.
- Se houver necessidade providenciar um local próprio para acolher as crianças, para que os pais possam participar das reuniões.
- Zelar pelo local das reuniões criando um ambiente acolhedor.
- Se o grupo se sentir dividido, deve-se primeiro colocar “a casa em ordem” antes de convidar as pessoas para participar das reuniões.
- Atentar para não fazer distinção de pessoas por qualquer motivo que seja.
- Quando se chega a um lugar dar atenção à linguagem corporal utilizada por quem está acolhendo é o mais importante. Presta-se mais atenção em como é dito e na linguagem corporal do corpo do que no que é dito.
- É muito importante que a comunidade também programe atividades de lazer sempre que possível. Uma tarde ou um retiro que ofereça atividades de interação entre os membros.<sup>282</sup>

Pude perceber esse cuidado, tanto para com os que chegam quanto para os que já estão no grupo a mais tempo, em meu trabalho de campo no GPP de Juiz de Fora, encontro que acontece semanalmente, em todas as terças-feiras, no antigo convento na Rua Barão de São João Neopomuceno, no Centro. À minha primeira visita, notei que é prática dos

<sup>281</sup> Adilson NOBREGA. “Profissionais do reino: um novo ethos católico nas universidades cearenses”. 2008.

<sup>282</sup> *Texto Base: Grupos de Partilha de Profissionais*, p.17-18. Disponível em <http://www.pur.com.br>.

encontros manter no portão, um integrante recebendo os que chegam, orientando para onde os membros devem se dirigir.

Ao entrar, notei que havia uma capela na qual ocorria uma missa. Os participantes passaram pelo corredor e em frente à entrada da capela fizeram o sinal da cruz. Com respeito e em silêncio adentraram para a sala em que seria a reunião. A sala da reunião parecia uma sala de aula, com cadeiras de escola já colocadas em círculo. Fui muito bem recebida, com sorrisos e frases como “seja bem vinda”.

Antes de iniciar, houve uma breve apresentação durante a qual cada membro falou seu nome e profissão. Havia duas moças formadas em sistema de informação; uma bióloga; uma historiadora; um psicólogo; uma fisioterapeuta; uma turismóloga; uma assistente social; uma professora de geografia e um professor de física.

Como eu não havia pedido autorização para fazer minha pesquisa, apresentei-me e pedi permissão para continuar frequentando e realizar a pesquisa de campo com eles, o que não houve a princípio nenhuma objeção. No entanto, para a próxima reunião ficou decidido que minha presença seria discutida e que posteriormente iriam me dar uma resposta concreta.

Cada pessoa que chegava era recebida com beijos e abraços pelos que lá já estavam, demonstrando que os membros já se conheciam e que a sociabilidade era saudável. Após os cumprimentos e as apresentações a mim, que acabara de chegar, iniciou-se a reunião, que foi ministrada pela profissional de geografia, acompanhada de seu marido, professor de física, ao violão.

Primeiramente cantamos um hino e depois rezamos o Pai Nosso. Posteriormente, fizemos uma oração em círculo com as mãos postas nos companheiros da frente orando por sua vida. Coisa que me causou certo embaraço, pois tenho formação luterana e, portanto, desabituada com os ritos católicos, como por exemplo, o gesto do “sinal da cruz”.

O cuidado com o momento da partilha e outra questão evidenciada pelo Texto Base, pois esse é um dos princípios que fundamentam a identidade do GPP e, segundo o Texto, deve trazer crescimento à comunidade. Dessa forma, fica afirmado que a partilha deve ter uma dimensão profética e para tanto deve

- **Edificar:** A minha vida e a do meu irmão, pois partilhamos para o crescimento mútuo;
- **Exortar:** A mim e ao meu próximo. Pode ser que o que eu fale lembre algo que meu irmão viveu e o exorte naturalmente;
- **Consolar:** Quando abro o meu coração ao irmão, o Senhor me consola. Tanto o meu coração quanto ao do meu irmão.

Sempre ao som do violão, cantamos mais um hino e fomos convidados pela

ministrante a iniciar a partilha. Ela leu a passagem bíblica de Mateus 18:10-14.

Vede, não desprezeis a nenhum destes pequeninos; pois eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre vêm à face de meu pai, que está nos céus. Que vos parece? Se alguém tiver cem ovelhas, e uma delas extraviar, não deixarás as noventa e nove nos montes para buscar a que se extraviou? E, se acontecer achá-la, em verdade vos digo, que maior prazer tem por esta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim também não é da vontade de vosso Pai que está nos céus, que venha a perecer um só destes pequeninos.

A mulher continuou falando que na última missa de domingo a pregação do Padre lhe chamou a atenção por frisar a importância do cristão de ser pastor, o que a fez refletir sobre a maneira como ela, enquanto cristã, se portava como “pastora” em sua profissão.

Após essa introdução, a professora de Geografia iniciou sua partilha, perguntando-se o que ela, como *Profissional do Reino*, tem feito no sentido dado pela leitura bíblica. A professora frisou o ambiente de egoísmo, ambição, individualismo, que os profissionais têm vivido. Passou, então, a contar o caso de um aluno que teria ficado em dependência em várias matérias, faltado ao encontro marcado por ela e, por conta disso, seria reprovado. Contou que foi à secretaria da escola e, ao pedir o telefone do aluno à secretária, foi advertida de que aquela não era uma prática da Instituição. Ela contou que nessa ocasião se sentiu uma Pastora ao tomar a atitude de ligar para o aluno - mesmo indo de encontro à *práxis* da instituição - porque se preocupou com a situação pessoal do aluno e quis incentivá-lo a estudar. Em via inversa, narrou o caso de um aluno de outra escola que dava muitos problemas aos professores e à direção. Relatou que ao ser avisada sobre a mudança de colégio daquele aluno, deu “graças a deus”. Depois, repensando sobre sua atitude, salientou sua falta como *Profissional do Reino* e como pastora. Destacou a importância do ser professora não só pelo conteúdo que ensina, mas também pelos exemplos que dá e pela ajuda sentimental. Ressaltou que os professores são muito mais lembrados pela amizade que podem desenvolver com o aluno do que por seu desempenho, não descartando a importância desse último.

Após um breve silêncio, a turismóloga, começou a partilhar sua experiência. Contou que trabalha em uma agência de turismo em um shopping local e que sua profissão é vender pacotes de viagem. Assim, disse que sua profissão não favorece muito sua tentativa de ser pastora para seus clientes, mas frisou que, como profissional, repassa sempre os descontos da agência, o que do contrário poderia aumentar seus ganhos. Afirmou também que sua cartela de clientes é extensa e que alguns desses clientes nem entram na agência se ela não estiver na loja para atendê-los.

Terminada sua fala, fez-se um silêncio, até que a assistente social tomou a

palavra. Ela frisou que embora não consiga ver um sentido de pastora no cotidiano de sua profissão, porque ainda não formara, ela exerce tal sentido ao apresentar o GPP a várias pessoas e citou uma nova integrante trazida por ela.

Já a historiadora começou contando que além de professora, ocupa um cargo em um museu da cidade. Disse que lhe parece estranho lidar ao mesmo tempo com alunos e fazer a catalogação das peças do museu. Frisou que se de um lado ela tem uma visão real de possibilidades de pastorear, com seu contato com os alunos, por outro lado ela não vê essa possibilidade em seu segundo emprego. Chamou ainda a atenção para o fato de que os membros devem prestar atenção quando devem ser ovelhas também. Porque, segundo ela, há horas em que precisamos cuidar e outras em que precisamos ser cuidados.

Quando ninguém mais pediu a palavra, todos se levantaram a pedido da ministrante e, em círculo, rezamos o pai nosso e a ave Maria. Algumas pessoas fizeram algumas intercessões pedindo pela viagem próxima ao encontro nacional do MUR, por alguns membros que não poderão ir, pelo concurso que duas moças vão fazer e etc.

A despedida ficou por conta do “abraço coletivo” no qual os membros se abraçam em círculo (tal abraço é comumente chamado de “paizão”) e cada um coloca o pé direito para frente um ao lado do outro. Uma das profissionais olhou para mim e explicou: para caminharmos juntos.

Ao interpretar os rituais dos GOU's como um espaço em que privilegia-se “redes de cuidado”, Camurça<sup>283</sup> afirma que esses grupos “proporcionam via o ‘imperativo da realização de si’ um oferecimento de ‘segurança ontológica’ para a falta de sentido que atravessa a existência do indivíduo moderno”. Dessa forma, os GOU's se expressam através “de redes móveis de cuidado e proteção” que, no entanto, buscam fortalecer o tradicionalismo católico.

A análise do ritual descrito por Camurça nos ajuda a pensar os GPP's, tendo em vista que os encontros se assemelham com os encontros universitários carismáticos para a oração. No entanto, durante os GPP's, a questão da ética e da profissão é tratada dia-a-dia, Cada indivíduo é levado a pensar sua vida profissional à luz da “palavra”, formando assim, um tipo de conforto e sentido às suas profissões.

Em nossas pesquisas nos GPP's ficou clara a dimensão da amizade como algo crucial para a identidade do grupo. Aqui percebemos o que Camurça chamou de “aprimoramento da relação autêntica com o outro” e “carisma *light*, de *low profile*”, em

---

<sup>283</sup> Marcelo CAMURÇA. “‘Cuidado de si’ imperativos de realizações de si e produção de subjetividades em redes carismáticas da Igreja Católica no Brasil no meio universitário”, 2009, p.356.

relação aos “momentos mais catárticos pelos quais a cultura carismática passou a ser classificada pela sociologia do catolicismo contemporâneo, que no caso do ‘cuidado’ poderia se exemplificar nas práticas de ‘cura interior’ e no do louvor, nas práticas de glossolalia e ‘batismos no espírito’”.<sup>284</sup> No entanto, ressaltamos que durante os Encontros do MUR a prática da glossolalia se fazia recorrente, assim como a oração com as mãos sobre o outro pedindo que Deus se colocasse na vida daquele membro e o curasse de todo o mal que poderia estar afetando sua vida.

### 1.2.2. Espiritualidade pentecostal

O batismo no Espírito Santo é, segundo o Texto Base, o que fundamenta o GPP levando seus membros à busca pela santificação, ao fazer com que o Profissional do Reino tenha maior conhecimento para lidar com sua realidade profissional e pessoal. Dessa forma, segundo os *Profissionais do Reino*, seria “justamente essa experiência pessoal e comunitária por meio do batismo no Espírito Santo que serve de cerne, que impulsiona o profissional vocacionado a viver o GPP; ela traz sentido.”<sup>285</sup>

A espiritualidade, segundo a perspectiva dos GPS, seria a maneira mais eficaz para construir o *novo mundo*, sendo vista também como o elemento que impulsiona a transformação do mundo em direção à chamada *Civilização do amor*. Assim, segundo os membros, “os *Profissionais do Reino* de Deus e suas respectivas comunidades do mundo atual devem ser as testemunhas de Cristo nesse ‘confins do mundo’, que é o mundo onde estão inseridos e que deve ser transformado segundo a renovação no espírito.”<sup>286</sup>

O Texto Base salienta ainda a necessidade dos *Profissionais do Reino* de buscarem o crescimento através da oração tanto pessoal, quanto comunitária. Dessa forma, aprofundar na formação do ministério da intercessão para que

a espiritualidade de cada membro e de cada grupo cresça sempre mais em unidade com a Igreja e todos os homens e mulheres de boa fé que contribuem para a cada Civilização do Amor. A intercessão sempre será uma forma frutífera para o amadurecimento espiritual de cada membro (através da intercessão individual) e de todo o grupo (quando se intercede por todas as ações que o grupo irá desenvolver), portanto, orientamos que todos os GPP’s formem seus respectivos membros sobre a dimensão da intercessão.<sup>287</sup>

<sup>284</sup> Marcelo CAMURÇA. “‘Cuidado de si’ imperativos de realizações de si e produção de subjetividades em redes carismáticas da Igreja Católica no Brasil no meio universitário”, 2009, p.357.

<sup>285</sup> *Texto Base: Grupos de Partilha de Profissionais*. Disponível em <http://www.pur.com.br>. p.7.

<sup>286</sup> *Ibidem*. p.22.

<sup>287</sup> *Idem*.



Três dimensões da espiritualidade pentecostal são sublinhadas pelo Texto Base. A primeira delas é a da consciência do espírito comunitário, que destaca a necessidade de que os membros devem caminhar sempre juntos.

A segunda dimensão da Espiritualidade Pentecostal, destacada pelo GPP, é o compromisso com o Reino de Deus. Dessa forma, segundo o Texto Base,

Nosso compromisso torna-se, então, com toda a missão que o Senhor nos confia, e a Espiritualidade Pentecostal dilata as fronteiras dos laços afetivos e do espaço geográfico em que o Profissional está inserido, projetando-o para a cidadania do Reino de Deus, para ser uma testemunha nos ‘confins do mundo’. Nossa vocação como leigos, é que estejamos inseridos e a serviço da humanidade no mundo, transformando-os, renovando-os sempre, pelo poder do Espírito Santo.<sup>288</sup>

A terceira dimensão pentecostal ressaltada pelo Texto Base é o dom de perseverança, através do comprometimento de características específicas como a força da comunhão e o poder da oração. Já a oração como dimensão pentecostal é perpassada por três características. A primeira seria como preparação para que se realizem as promessas de Deus, pois segundo o Texto Base,

a espiritualidade pentecostal exige a dimensão da oração como preparação para a realização das promessas de Deus para nossas vidas. Na vida profissional, sabemos o quanto a perseverança é uma virtude para crescermos profissionalmente. Se queremos ser promovidos, necessitamos perseverar na qualificação profissional. Queremos um cargo público, necessitamos perseverar na preparação para passar no concurso. Assim, como profissional do Reino de Deus, devemos nos preparar através da oração para a realização das promessas de Deus para nossa vida tanto pessoal, quanto comunitária.<sup>289</sup>

A segunda característica da oração é como perseverança pessoal, pois conforme o Texto Base, essa é fruto de uma espiritualidade pentecostal que, com o poder do “Espírito Santo enche o coração do homem da força do alto. Afinal, só podemos dar aquilo que possuímos.”<sup>290</sup> A terceira característica é a da oração como perseverança comunitária.

### **1.2.3 Formação Integral**

A formação integral é entendida pelo GPP como um espaço que favorece a formação espiritual, doutrinária e humana. Dessa forma,

entende-se por formação espiritual um aprofundamento na fé, em questões relativas à vivência, à experiência que se faz com Deus; formação doutrinária como uma

<sup>288</sup> *Texto Base: Grupos de Partilha de Profissionais*. Disponível em <http://www.pur.com.br>. p. 26.

<sup>289</sup> *Ibidem*. p.24.

<sup>290</sup> *Idem*.

constante busca por um embasamento na doutrina da Igreja, por meio de seus documentos e do Catecismo da Igreja Católica; e formação humana no sentido de um crescimento humano (em diversos aspectos: social, psíquico e intelectual) como um reflexo de uma busca que perpassa a dimensão humana e que a afeta diretamente (uma vez que nossa humanidade está intrinsecamente ligada à nossa espiritualidade, embutida em nossa essência).<sup>291</sup>

O Texto Base incita que os GPP's busquem sempre desenvolver a formação a partir de um planejamento estratégico, em todos seus níveis, ou seja, membros, coordenações diocesanas, estaduais, regionais e nacionais. Tal diretiva prima ainda para que todos os membros envolvidos no processo de formação “saibam o porquê e os objetivos a serem atingidos, pessoal e comunitariamente”.<sup>292</sup>

#### 1.2.4. Diálogo

O diálogo é visto como uma forma de se “construir pontes”, para usar as palavras do próprio movimento, ao enfatizar a primazia na comunicação com a RCC e suas expressões. Da mesma forma, o diálogo é também estimulado entre os *Profissionais do Reino* e as demais expressões do MUR, pois

as vivências têm uma mesma identidade e um objetivo comum. Assim, deve-se atentar para que haja um trabalho articulado entre os GPP's e os GOUs (Grupos de Oração Universitários), possibilitando uma partilha de experiências e realidades numa articulação em rede, porque os GOUs potencialmente geram os futuros membros dos GPP's.<sup>293</sup>

Da mesma forma, o Texto Base salienta o dialogo constante com a Igreja, pois o GPP entende-se como “parte de um corpo” e, portanto, deve-se cuidar para que “não se faça um trabalho isolado do restante do corpo”. Tal assertiva é endossada no texto pelo documento da CNBB que diz:

A articulação é uma necessidade hoje muito sentida, face à tendência à segmentação, especialização e fragmentação, que atingem tanto a sociedade e a cultura em geral quanto à evangelização e a pastoral. A articulação não visa a criar relações de subordinação de certas atividades a outras ou uniformidade na ação, mas a estabelecer uma efetiva comunicação entre os interlocutores, que permita o intercâmbio de informações e, eventualmente, através do diálogo, a elaboração de um consenso. Respeita a pluralidade, mas evita o isolamento. Cria o que, na linguagem atual, é chamado de “rede”. Do ponto de vista prático, evita falhas desnecessárias: visão estreita das responsabilidades da missão; acúmulo do trabalho em poucos agentes; repetição e desperdício por um lado e tarefas não atendidas por outro; preocupação com o imediato em prejuízo do importante. Do

<sup>291</sup> *Texto Base: Grupos de Partilha de Profissionais*. Disponível em <http://www.pur.com.br>. p. 8.

<sup>292</sup> *Ibidem*. p. 28.

<sup>293</sup> *Ibidem*. p. 8.

ponto de vista eclesial, a articulação é, também, um testemunho de comunhão e participação.<sup>294</sup>

### 1.2.5. Ação na sociedade

Essa ação na sociedade se faz através da profissão, através da experiência no Espírito Santo, vista como a motivação que transforma a forma de ver o mundo de cada membro, pois amplia seu modo de visão.

Assim sendo, os até então interesses e projetos de vida “meramente” pessoais tendem a ocupar uma circunferência na qual a pessoa central não é mais o EU PRÓPRIO, mas a PESSOA DE JESUS, a qual conheceu e mudou o rumo de sua história pessoal e conseqüentemente, de sua história enquanto parte de uma sociedade. Este encontro pessoal estimula/impulsiona o cristão, a cada dia mais, se inquietar e se questionar frente às estruturas sociais imensamente desiguais de nossos tempos, ao invés de se intimidar e acovardar.<sup>295</sup>

O trabalho social é estimulado pelo Texto Base que, através de uma cartilha, direciona a forma como deve ser feita essa ação social, orientando formas de atuação para aqueles que desejem iniciar algum tipo de atuação concreta possa fazê-lo.

Tais caminhos são articulados de acordo como a proposta do GPP que é a de

efetivar seu chamado de construir a Civilização do Amor por meio de seus talentos profissionais, promovendo uma ação concreta na sociedade, seja no âmbito local ou conjuntural, isto é, tanto num local específico e/ou cotidiano quanto desenvolvendo projetos que pensem a macroestrutura social (instituições políticas, jurídicas, sociais) na qual estamos inseridos. O Profissional do Reino evangeliza com o testemunho de vida, buscando aplicar os conhecimentos profissionais e espirituais a serviço do próximo.

Em suma, pode-se dizer que a proposta de vivência da fé enfatizada pelos GPP's é de uma fé contextualizada, isto é, articulada com as vivências diárias, de modo que a fé seja o diferencial no qual o sujeito baseie suas ações.<sup>296</sup>

Interessante sobre o Texto Base é o fato de que podemos destacar uma dupla função no mesmo. Ao mesmo tempo em que informa ao leitor as premissas do movimento, tal texto funciona como um manual para a criação, articulação e manutenção dos GPP's, assim como, para manter a motivação nos integrantes ao oferecer as noções essenciais para tanto.

Aqui se faz importante as assertivas de Bauman, que parte do princípio de que a religiosidade é gerada pela condição existencial humana e que essa seria produto dos limites até os quais os homens, como seres humanos, podem agir e compreender. Utilizando-se do

<sup>294</sup> CNBB. Doc. 54 *apud* Texto Base: *Grupos de Partilha de Profissionais*, p. 9. Disponível em <http://www.pur.com.br>. Texto Base.

<sup>295</sup> *Ibidem*. p.36.

<sup>296</sup> *Ibidem*. p. 9.

conceito de *segurança ontológica* de Anthony Giddens, o autor salienta que as pessoas não pensam em seus próprios limites enquanto seres humanos. E nos raros momentos em que se evidencia que a rotina diária possui limites para se autoperpetuar, temos a ansiedade existencial.

Bauman sugere que a mais importante das realizações da rotina diária é precisamente cortar as tarefas da vida do tamanho da autosuficiência humana. O autor ressalta que, quanto menos se perturba a rotina diária, menos oportunidade tem-se para pensar sobre as “finalidades do universo”. Portanto, mantêm-se fora de foco os limites da insuficiência humana. O que permitiria essa não perturbação seria a habilidade de se talhar as tarefas da vida do tamanho da autosuficiência humana – mecanismo que se configura como a mais importante das realizações da rotina diária.

Segundo o autor, as igrejas, sempre que pressionadas, insistem em dizer que oferecem um serviço de que necessita o irresistível impulso humano para responder às questões fundamentais da vida. Bauman contrapõe-se afirmando que, há pouco tempo na rotina diária das pessoas que incite tal investigação escatológica. O autor diz ainda que,

de maneira mais notável, a moderna fórmula da vida humana na terra foi articulada em função de uma estratégia agudamente alternativa: intencionalmente ou por omissão, os seres humanos estão sozinhos para tratar de coisas humanas e, por isso, *as únicas coisas que importam aos seres humanos são as coisas de que os seres humanos podem tratar.*<sup>297</sup>

Segundo Bauman, a revolução moderna tratou de solapar essas inquietações da vida, rejeitando-a por completo ou elaborando a agenda da vida para que pouco ou nenhum tempo fosse deixado para tais inquietações. Assim, afirma o autor, a religião pode servir para a dependência e subordinação da rotina a um ritmo de vida interpretado como natural. Concepção que, de acordo com Bauman, a “modernidade” interrompe, não havendo mais espaço para essa concepção de mundo pré-ordenado a qual pregava a religião.

Como exemplificação de tal assertiva, Zygmunt Bauman faz uma análise das mudanças de mentalidade em relação à morte. Ele propõe que, de acontecimento extraordinário – dando significação aos acontecimentos e condutas de vida – a morte passa agora a acontecimento ordinário, “o último episódio numa série de episódios”.<sup>298</sup> Nas palavras do autor,

---

<sup>297</sup> Zygmunt BAUMAN. *O mal estar da pós-modernidade*, 1997, p. 212.

<sup>298</sup> *Ibid.*, p. 214-217.

a modernidade desfez o que o longo domínio do cristianismo tinha feito – repeliu a obsessão com a vida após a morte, concentrou a atenção na vida “aqui e agora”, redispôs as atividades da vida em torno de histórias diferentes, com metas e valores terrenos e, de um modo geral, tentou desarmar o horror da morte. Seguiu-se, então, o abrandamento da consciência da moralidade, mas – mais essencial ainda – desligando-se esta da significação religiosa.<sup>299</sup>

Assim, Bauman afirma que após a mudança de tal mentalidade, os encarregados da vida após a morte – os especialistas religiosos – teriam pouco a oferecer para o indivíduo pós-moderno, não fosse a mudança de percepção acerca dos perigos e incertezas que esse indivíduo enfrenta durante o curso da vida. Segundo Bauman,

as incertezas concentradas na identidade individual, em sua construção nunca completa e em seu sempre tentado desmantelamento com o fim de reconstruir-se, que assombram os homens e mulheres modernas, deixando pouco espaço e tempo para as inquietações que procedem da insegurança *ontológica*.<sup>300</sup>

Os homens e mulheres não precisam mais da certeza do paraíso e muito menos do medo do inferno para causar-lhes insônia. A contingência moderna dita suas incertezas, sendo a religião realocada para dar conta das novas inconstâncias que atormentam o indivíduo. Nas palavras de Bauman, a “pós-modernidade é a era dos especialistas em ‘identificar problemas’, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos atores dos livros de ‘auto-afirmação’: é a era do surto de aconselhamento”.<sup>301</sup>

Na concepção de Bauman, a religião só sobrevive no mundo contemporâneo por ter assumido funções de outros subsistemas, pois a nova ordem global não aboliu as regras do passado, mas impôs novos controles.<sup>302</sup> Dessa forma, “os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de segurança por um quinhão de felicidade. No entanto essa liberdade sem segurança não assegura mais felicidade do que segurança sem liberdade”.

E assim,

a incerteza do estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente em especialistas na identidade. Homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer das fraquezas do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam da reafirmação de que podem fazê-lo – e de um resumo a respeito de como fazê-lo.<sup>303</sup>

<sup>299</sup> Zygmunt BAUMAN. *O mal estar da pós-modernidade*, 1997, p.217.

<sup>300</sup> *Ibid.*, p. 221.

<sup>301</sup> *Idem.*

<sup>302</sup> Sennett, 2006 *apud* Gracino Júnior, 2007, p. 4.

<sup>303</sup> Birman, 1998, p. 223 *apud* Gracino Júnior, 2007, p. 4.

## 2. O Encontro dos GPP's

O I Encontro de Profissionais da Região Sudeste aconteceu nos dias 10 e 11 de outubro de 2009, em Juiz de Fora, mais precisamente em um colégio confessional da cidade, o Colégio Jesuítas. Esse encontro foi motivado pela coordenação do MUR para que os GPP's de todas as regiões do Brasil pudessem discutir questões importantes ao movimento, como sua identidade, a questão sexual, o aborto e a vivência dos cinco pilares do GPP.

O alojamento reservado para os profissionais de outras cidades ficara por conta de famílias católicas que se disponibilizaram a receber os profissionais. Essa dinâmica se dá da seguinte forma: os organizadores passam uma lista durante os grupos de oração da diocese perguntando quem poderia “adotar” um profissional por um fim de semana. Assim, aquelas famílias que estiverem interessadas se oferecem aos participantes, em geral cada família recebe de dois a quatro membros em sua casa.

O cronograma do evento funcionou da seguinte forma: começou com a recepção das caravanas, momento em que os organizadores receberam os membros das caravanas que chegavam do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais. Depois, teve início a animação, com músicas, danças e louvor. Após essa parte, chamada “acolhida”, foi iniciada a pregação feita pelos próprios membros do movimento. Nesse momento, houve um tempo reservado para o testemunho de algumas pessoas.

A “partilha”, momento comum aos encontros, em que os membros se dividem em grupos, teve início em seguida. Cada grupo é coordenado por um integrante encarregado de propor discussões em torno de temas anteriormente preparados pela comissão e anotá-los.

Começada a partilha, cada integrante se apresentou, dizendo também de qual cidade era e a sua profissão. O tema dessa partilha foi “Como o GPP vive os cinco pilares?” Para a discussão proposta, foram sendo pontuados os pilares e então discutidos. O primeiro foi o da comunidade e um dos participantes, de São João Del Rei, chamou a atenção para a importância do “laço comunitário e de amizade que o grupo acaba gerando”. Esse membro disse também que o GPP de São João Del Rei é aberto para a comunidade e não apenas para os ex-universitários. Segundo tal integrante, “existem pessoas que não são da Renovação e participam do GPP, quer dizer, ele transborda o movimento”. A dinâmica da partilha funcionou de forma que cada membro pôde relatar como se dá o “sentido de comunidade” em seu GPP.

O segundo ponto discutido foi o da espiritualidade. Segundo um dos membros, é muito importante que as pessoas não deixem de participar dos grupos de oração e que o GPP

não deve substituir a experiência espiritual. No entanto, uma das participantes de São Paulo, afirmou que os integrantes do GPP em que participa foram dispensados de participar dos grupos de oração, pois, segundo a mesma, “lá a gente tem muita oração, então não precisa”.

Outra questão discutida foi a que diz respeito à formação das lideranças. Tendo em vista esse ponto, a coordenadora da partilha frisou que se deve sempre atentar para a divisão das tarefas no grupo, pois cada um tem muito a oferecer. Sobre essa prerrogativa, ela enfatizou a importância de fazer com que todos os membros se sintam indispensáveis ao movimento. E completou dizendo que, agindo assim, evita-se que os serviços se acumulem apenas sobre apenas um indivíduo. Uma das integrantes de São Paulo completou dizendo, “todo cristão é um líder em potencial”.

Sobre a questão doutrinária, um dos integrantes de São José frisou que o grupo se dividiu em células, para assim, fazer um trabalho de evangelização. Já a integrante de Belo Horizonte disse que seu grupo sentiu a necessidade de colocar mais momentos musicais durante o encontro, pois segundo ela, “mexe mais com a gente”. Outra integrante chamou a atenção para a importância da divulgação dos GOU, que seriam o caminho para a entrada no GPP.

No que se refere às questões sociais, uma das integrantes afirmou que em São Paulo, o seu GPP vai até as escolas falar sobre as profissões e que nessa ocasião, aproveita para apresentar-se como uma *Profissional do Reino*. Outra professora disse também que mesmo não podendo falar sobre o movimento em sala de aula, ela usa em seu jaleco um broche com a sigla do MUR. Assim, quando alguém pergunta o que significa, ela fala sobre o movimento, e completou: “se eles perguntam, eu tenho que responder, né?”

Outra questão colocada nessa partilha foi sobre formas como os GPP's podem “avançar”, no sentido de expandir o movimento. Assim, sobre essa questão, um dos participantes do Espírito Santo disse que era preciso “mostrar a ‘cara’ para a Igreja Católica. Porque ela, em vários momentos, precisa de profissionais que a conheça e não há. Como por exemplo, um engenheiro que projeta uma igreja, pois seria melhor um profissional que tivesse conhecimento sobre as práticas da Igreja”.

Interessante é que o Papa recebera recentemente vários panfletos e o livro de depoimentos do Ruah, das mãos de Dom Anuar Battisti na tentativa de divulgar o movimento para a Igreja. Uma integrante chamou a atenção para a importância de convidar pessoas que não necessariamente tinham feito faculdade, para ampliar os horizontes do GPP. Essa integrante enfatizou ainda, a carência dos GPP's em relação à ideia de cidadania e consciência política, dizendo que é preciso investir nessas questões.

Após o almoço, houve mais um momento de louvor e mais tarde, iniciaram-se os Workshops que visavam discutir assuntos como a identidade do movimento, o aborto, a sexualidade. Durante o início da noite, depois da missa, celebrada por um padre da diocese local, teve ainda um sarau com a apresentação de esquetes, músicas e de louvor.

## 2.1. Análise dos questionários

### 2.1.1 Questões gerais

Com o intuito de tecer o perfil dos jovens que participaram do encontro, nosso questionário buscou levantar dados sobre a origem do membro como sexo, idade, escolaridade, renda, religião, etc. Além disso, também foram feitas questões de cunho mais subjetivo, que dizem respeito a valores morais e/ou ideológicos. Segundo a organização, haviam 102 participantes inscritos no evento, no entanto apenas 60 entregaram o questionário, desses, 30% é do sexo masculino e 70% do sexo feminino. 1% dos questionados já terminaram o ensino fundamental, 22% estão cursando o ensino superior, 32% possuem o ensino superior completo e 42% cursaram ou cursam a pós-graduação. Esses índices contrastam com aqueles averiguados na esfera familiar: 44% não completaram o ensino fundamental, e apenas 8% apresentaram formação de nível superior.

Não espanta o fato de que a maioria dos entrevistados cursa ou já cursaram pós-graduação, tendo em vista que uma das características do MUR é a motivar seus participantes a terem mais compromisso com a vida acadêmica e se especializarem buscando o aperfeiçoamento profissional. Tal questão pode ser evidenciada na fala de alguns entrevistados quando perguntados sobre os efeitos de sua participação no MUR em sua vida acadêmica, pessoal e profissional. Segundo alguns entrevistados,

Senti um apoio e incentivo muito grande para desenvolver a atividade de pós-graduação. Pessoalmente trouxe-me amigos maravilhosos.<sup>304</sup>

Influenciou na questão da valorização humana e no comprometimento com a profissão e os usuários dos serviços que prestaremos. A visão de mundo mudou completamente. Na vida acadêmica passei a ter mais compromisso com a minha formação profissional e a dos meus colegas de sala de aula. E ainda, docilidade, responsabilidade comprometimento.<sup>305</sup>

<sup>304</sup> Membro GPP, Rio de Janeiro (RJ), pós-graduanda, participante do MUR e da RCC há 5 anos - Não citou o curso.

<sup>305</sup> Membro do MUR de Colatina (ES), GOU- UNESC, pós-graduanda, Participa da RCC há 8 anos e do MUR há 4 anos. Não citou o curso.



Resultou em um maior comprometimento tanto quanto estudante, como profissional (maior comprometimento com minha profissão e formação pessoal).<sup>306</sup>

Estudo muito mais sonhando mais motivada, e também trabalho com mais amor, e peço ajuda ao Espírito Santo nas decisões.<sup>307</sup>

Ressalte-se que sobre as mudanças na vida acadêmica, pessoal e profissional ocorridas na vida do entrevistado após a entrada no MUR, 93% disseram que sentiram mudanças, 2% disseram que não e 5% não respondeu.

É relevante notar que 57% dos entrevistados residem com os pais (filhos nos levando a considerar a influência da família sobre o cotidiano desses jovens), 13% moram com amigos, 18% moram sozinhos e 12% com o cônjuge e/ou filhos. Destaca-se que a grande maioria dos jovens (74%) é composta por solteiros, sendo que 14% estão namorando e o restante (8%) está casado. A grande maioria dos entrevistados (67%) possui de 25 a 34 anos, percentual seguido pelos que possuem de 20 a 24 anos de idade (22%).

Durante o encontro e em conversas com os participantes, notei que esses jovens solteiros, rapazes e moças, não estão em busca de qualquer pessoa para namorar. Eles buscam a pessoa certa, que para as moças é o “meu José” e para os rapazes é “minha Maria”.

Tal assertiva vai ao encontro da análise de Carranza e Mariz sobre as novas comunidades católicas, que afirma a importância das comunidades de Aliança e Vida para os jovens fiéis que buscam casar-se e continuar seguindo a orientação moral da Igreja Católica. Contrariando, dessa forma, o padrão hegemônico valorizado pela juventude. Assim,

é provável que, para o jovem seguir fielmente a orientação de sexo apenas no casamento, ele tenha que conviver com outros que compartilhem sua crença e ideais, constituindo um mundo à parte da sociedade mais ampla, ou seja, tenha que pertencer a um tipo de *seita*, no sentido sociológico do termo, que sustente ideologicamente uma ação que pode ser interpretada como “contracultural”, desviante da maioria.<sup>308</sup>

Ressaltamos também que durante o Encontro participamos de uma mesa temática intitulada “sexo e amor”, na qual uma médica ginecologista, integrante de uma *Comunidade de Vida*, fez sua explanação priorizando o esclarecimento do funcionamento do órgão genital masculino e feminino. No entanto, em sua palestra, a médica contou também sua trajetória de vida. Disse que enquanto ainda era residente como ginecologista não havia tido ainda relações

<sup>306</sup> Membro GPP, Vila Velha (ES), pós-graduanda, participante da RCC há 6 anos, do MUR há 4 anos e do GPP há 1 ano.

<sup>307</sup> Membro do GPP Nossa Senhora das Graças, Rio de Janeiro (RJ), pós-graduada, participa da Renovação há 22 anos, do MUR há 10 anos e do GPP há 3 anos. Não citou o curso.

<sup>308</sup> Brenda CARRANZA & Cecília MARIZ.. “Novas comunidades católicas: Por que crescem?”. 2009, p.163.

sexuais, frisando a dificuldade de lidar com as histórias de vida dos pacientes e de aconselhá-las. A médica salientou que a opção pela castidade foi feita por ela e pelo noivo e que se achava mais feliz por tal conduta, afirmando “ter sido melhor, porque depois que casamos foi com muito amor, pois nos conhecíamos muito”.

Sobre as questões mais subjetivas, averiguou-se, também, a resistência dos entrevistados a determinados temas considerados “tabus” na sociedade brasileira. O percentual de reprovação ao aborto foi o mais elevado, atingindo um índice de 20%, seguido pelo consumo de drogas (13%), nudez explícita na TV (13%). Temas como o divórcio (12%), o ateísmo (8%) e a prática da homossexualidade (11%) sofrem mais resistência que o consumo de álcool (13%) e a prática sexual pré-nupcial (9%) e a pesquisa genética em seres humanos (8%) e em alimentos (2%).

Destaca-se que, no espaço deixado para observações que o entrevistado julgasse pertinentes, algumas pessoas ressaltaram que não têm preconceito contra o indivíduo, mas são contra a prática da homossexualidade. Ressalte-se que dois questionados afirmaram ainda:

Assinalei apenas as duas questões (aborto e pesquisa genética em seres humanos), pois essas eu não aceitaria de forma alguma. No entanto, as demais práticas eu não concordo, mas não discrimino, pois isso geraria uma intolerância com o próximo e não o amor. Reprovar essas questões não quer dizer que não as aceitaria como uma forma de cuidado com o outro.<sup>309</sup>

Na alternativa anterior, eu marquei apenas o aborto. No entanto, tenho restrições a todas as opções.<sup>310</sup>

Eu reprovoo o divórcio porque as pessoas que vivem ele já vêm de um histórico de um casamento mal construído desde o namoro, mas mesmo com dúvidas se casam, já pensando na possibilidade de não dar certo. No sacramento do matrimônio não há divórcio.<sup>311</sup>

Sobre o ateísmo eu respeito. Penso que a pessoa ainda não teve uma experiência com Deus.<sup>312</sup>

A questão da teologia moral atualmente parece se configurar como um problema para a Igreja. Esta se debate entre a defesa de sua doutrina e a efetivação prática de sua ideologia entre seus fiéis. Segundo Carranza, no que se refere à moral sexual, a Igreja Católica insiste em aliar sexo à procriação. O que nos dias de hoje torna-se problemático, na

<sup>309</sup> Membro do GOU Curados, Colatina (ES), pós-graduada, há 8 anos na RCC e há 4 anos no MUR.

<sup>310</sup> Membro do GPP, Juiz de Fora (MG), pós-graduado, há 6 anos participa da RCC e do MUR e há 3 anos do GPP.

<sup>311</sup> Membro do GPP, Vila Velha (ES) pós-graduada, farmacêutica, participa da RCC há 11 anos, do MUR há 9 anos e do GPP há 1 ano.

<sup>312</sup> Membro GPP Nossa Senhora das Graças, pós-graduada, participa da RCC há 22 anos, do MUR há 10 anos e do GPP há 3 anos.

medida em que destoa dos avanços científicos e das transformações culturais pelas quais passou a sociedade, após a “revolução sexual”. Assim, no interior da Igreja discussões acerca do planejamento familiar, do aborto e dos direitos reprodutivos não são tranquilos.<sup>313</sup>

Carranza chama a atenção ainda para a faceta inovadora da RCC com relação à corporeidade. O movimento fomenta a espontaneidade de expressões corporais, beirando o sensual, como por exemplo, através da dança, do toque entre as pessoas, dos beijos, carícias etc. Porém, salienta a autora que essa “liberalidade” corporal aparece como abrangente, sendo que na realidade fica restrita ao campo ritual, pois seu discurso sobre as práticas sexuais é profundamente conservador e moralista.<sup>314</sup>

Assim, segundo Carranza, a RCC promove uma teologia moral apoiada sobre uma ascese espiritual e uma ética individualista, inculcada em seus seguidores através da pregação de uma atividade devocional intensa. A RCC apropriou-se da missão de eleger a desorientação moral como a maior pobreza da sociedade, se autoproclamando guardião da moralidade cristã.<sup>315</sup>

Levando-se em conta a análise de Carranza, porém, buscando ir além dela, gostaríamos de ressaltar que embora esses jovens possuam uma visão conservadora em relação a certos assuntos ditos tabus, os mesmos possuem uma concepção que vai além do dogma. Assim, transcrevemos aqui um teatro apresentado no Encontro e que mostra a forma como esses jovens veem temas como, droga, sexo, vaidade e o amor.

*Uma moça trajando camisa preta e calça jeans coloca-se no meio do palco, como se fosse uma boneca. Um rapaz usando uma túnica branca com um pano vermelho transpassado aproxima-se e se posiciona atrás dela. Na lateral do palco posicionam-se em fila cinco jovens trajando calça jeans e camisa preta. Um rapaz segurando uma rosa, outro segurando um montante de notas de dinheiro, uma moça segurando uma garrafa, outra moça elegantemente vestida e por último, um rapaz segurando uma arma, todos trajando preto.*

*O rapaz que traja branco passeia pelo palco e contorna a moça. Ele junta as mãos entrelaçando os dedos à frente do peito levando-as pra frente e para trás, num contínuo vai e vem, simbolizando a pulsação do coração. Ele aspira fundo enchendo os pulmões de ar e sopra sobre ela. Ela então abre os olhos, respira fundo e parece ter ganhado vida. A música inicia-se.*

*Posicionado por trás dela, o rapaz de branco levanta o braço esquerdo,*

<sup>313</sup> Brenda CARRANZA. *Renovação Carismática: origens mudanças e tendências*, 2000, p. 150.

<sup>314</sup> Idem.

<sup>315</sup> Ibid., p. 153.

*movimenta o braço para frente e para trás, sendo acompanhado pela moça. O rapaz repete tal movimento com o braço direito e depois com cada perna, a moça, como um uma marionete, acompanha os gestos em sincronia com ele.*

*Ao som da música, ele estica o braço direito e mostra a ela as coisas ao seu redor, olha a beleza de algo que está à sua frente. Ele ergue a mão como se estivesse colhendo flores e entrega à moça, ela sente seu perfume e sorri.*

*Ele levanta o braço e pega algo no alto, limpa na camisa e oferece a ela uma fruta. Ela saboreia e passa as mãos em círculo no estômago simbolizado que está saciada sua fome. Ele olha para o alto, ergue as mãos, em seguida estica os braços e os abre soltando uma ave. Ela corre tentando em vão alcançar a ave e acompanha seu voo com o olhar, volta-se para ele maravilhada. Ele gesticula como se fizesse chover e oferece a ela água para beber. Ao som da melodia os dois bailam.*

*Enquanto rodopiam pelo palco, o primeiro rapaz da fila empurra o rapaz de branco e a toma para dançar. Ela ainda procura o rapaz de branco com os olhos, mas o perde. Ela parece estar encantada com os gestos sedutores do rapaz de preto. Os dois simulam um beijo, ele lhe oferece uma rosa vermelha e a abandona. Ela parece inconsolável.*

*Então, o segundo rapaz da fila a seduz com dinheiro. Com gestos esnobes, segura o dinheiro passando à sua frente. Ela tenta em vão pegar, mas ele retira a mão. Por fim, ele joga as notas no chão e ela em uma atitude cega tenta pegar as notas espalhadas pelo chão.*

*Aprece uma moça com uma garrafa na mão, com passos tortos parecendo bêbada. Oferece a garrafa a ela que aceita e se embriaga. Outra moça elegantemente vestida desfila pelo palco, para a sua frente passa a mão em torno da silhueta mostrando-se magra e bonita, arruma seu cabelo e ela passa a colocar o dedo na garganta como se provocasse o vômito. A moça vaidosa também a abandona.*

*Aproxima-se dela o último rapaz da fila e estende sua mão oferecendo-lhe uma arma. Ela dando voltas pelo palco como se tivesse perdida segura o revólver. Ajoelha-se diante da plateia e aproxima a arma da cabeça simulando seu suicídio. Todos os participantes de preto ficam em volta balançando os braços sobre ela como ondas, ela então joga a arma para o lado e corre ao encontro do rapaz de branco, mas é impedida pelas pessoas de preto.*

*Ela tenta chegar até o rapaz de branco, mas os jovens de preto se posicionam como obstáculo. Ela corre, estica os braços, tenta se jogar, mas é atirada de volta. Então, o rapaz de branco, se coloca entre ela e os outros e os segura, atirando-os em seguida ao chão.*

*Ela então tira a camisa preta, mostrando a camisa branca que já estava por baixo. Coloca-se de joelhos em oração, levanta os braços e com o apoio do rapaz de branco se levanta. O público aplaude e assobia. Eles se abraçam, dançam e saem de cena juntos.*

Os temas abordados durante o teatro – bebida, droga, vaidade, corrupção, ilusão e o sofrimento pelo abandono – são questões que todos os jovens estão sujeitos a vivenciar. Aqui, faz-se importante a análise de Silveira, pela qual nos esclarece que os católicos que participam da RCC afirmam que sua vivência religiosa proporciona o reencontro com as fontes evangélicas da vida cristã. Nessa análise, Silveira afirma que em termos antropológicos,

seria uma revisão biográfica, dentro da qual a pessoa empreenderia uma mudança, geralmente optando por valores que antes desprezava. Por exemplo, a fidelidade matrimonial, a frequência mais assídua aos sacramentos. Em outras palavras, a Tradição passa a ser subjetivada a partir da opção do sujeito. Realizar uma escolha pessoal dentro do quadro da Tradição insere a religião num processo de afastamento do âmbito da herança/obrigação.<sup>316</sup>

Tendo como norte tal análise, pode-se dizer que nesse *teatro*, os temas citados não são tratados como dogma. Eles são reinterpretados à luz da reflexão sobre o sofrimento que tais práticas podem causar ao indivíduo, apontando para o fato de que os jovens que participam do movimento parecem buscar a segurança, de que não vão sofrer porque não vão abrir precedentes, mesmo que deixem de vivenciar novas experiências.

## **2.2. Perfil religioso**

Ressalte-se que 100% dos entrevistados se denominam católicos, sendo estes índices equiparáveis aos de seus pais (93%). Desta parcela católica, apenas 7% já frequentou outra(s) religião(ões). Durante o evento, um dos organizadores veio me contar que algumas pessoas estavam rindo por eu ter colocado no questionário uma pergunta sobre a religião do membro, e disse: “no movimento você só vai encontrar católico! Só tem católico aqui.” Essa assertiva nos faz questionar sobre o perfil dos “cidadãos” da Civilização do Amor. Ela será abrangente ou será um mundo feito por católicos e para católicos? No entanto, durante a palestra sobre a identidade do GPP, e dos *Profissionais do Reino*, o discurso da palestrante ressaltou que existem profissionais que possuem as características enfatizadas pelo MUR como ética profissional, o cuidado com a profissão e a busca por mudanças sociais, e que, no entanto, não são católicos.

---

<sup>316</sup> Emerson SILVEIRA. “A ‘posse do Espírito’: Cuidado de si e salvação”, 2000, p.146.

Sobre a questão religiosa, buscou-se com as entrevistas, abordar aspectos que dizem respeito às crenças dos entrevistados. Mesclaram-se fatores de ordem popular (astrologia, folclore), dogmática (milagres, vida após a morte) e até mesmo aqueles que transitam entre estes pólos, e que podem ser mais bem percebidos partindo-se da noção de sincretismo<sup>317</sup> cultural e religioso.

Sobre as crenças dos entrevistados, configura-se que 31% destes acreditam em milagres; 26% em vida após a morte, 32% acreditam em Espírito; 8% acreditam em possessão demoníaca; percebeu-se um total descrédito à prática das benzedeadas (0%), no entanto, 1% acredita em mal olhado; não acreditam em reencarnação (0%) e em feitiçaria (0%) e apenas 1% em horóscopo. Percebe-se aqui, quase que nitidamente, a afirmação de crenças de perfil católico carismático, e rejeição a crenças que envolvam a religiosidade popular.

Tendo em vista a importância do Batismo no Espírito Santo para a entrada e permanência no movimento, segundo os entrevistados,

A experiência no Espírito Santo foi e é importante pela vida profissional, isto é, me colocar à frente da sociedade servindo através da minha profissão.<sup>318</sup>

Fui tocada quando vi um cartaz na igreja falando de um retiro do GPP e liguei e participei do retiro e estou até hoje me envolvendo cada dia mais.<sup>319</sup>

Foi de extrema importância, pois conheci o MUR e retornei para a igreja através de uma experiência de oração.<sup>320</sup>

Com certeza, pois depois de vivenciar e ter experiência no ES não há como continuar agindo como o mundo prega. Tentamos vivenciar a santidade do testemunho.<sup>321</sup>

Eu tinha muitas diferenças com o movimento e só passei realmente a fazer parte após uma experiência mais “transcendente”, na qual senti que meu lugar era ali.<sup>322</sup>

A experiência no ES nos dá nova visão a cerca dos objetivos do MUR, nos fazendo compreender o sonho e incorporá-lo a nossa vida.<sup>323</sup>

Cheio do Espírito Santo somos convocados a promover o amor de Cristo em todos os lugares e até mesmo na universidade.<sup>324</sup>

<sup>317</sup> Para uma análise mais profunda acerca deste conceito, ver BIRMAN, 1996.

<sup>318</sup> Membro do GO Mãe Divina da Providência, São Gonçalo, (RJ), pós-graduada, 7 anos de RCC e MUR. Não informou a profissão.

<sup>319</sup> Membro do GPP Sagrada família, possui o Ensino Superior completo, está há 5 meses na RCC e no GPP.

<sup>320</sup> Membro do GPP Bom Pastor, Rio de Janeiro, (RJ), participa da RCC e do MUR há 5 anos e do GPP há 3 anos.

<sup>321</sup> Membro do GPP, Cariacica (SP), pós-graduada, há 7 anos na RCC e 6 anos no MUR.

<sup>322</sup> Membro do GPP, Juiz de Fora (MG), pós-graduado, Psicólogo, há 6 anos na RCC e no MUR e há 3 anos no GPP.

<sup>323</sup> Membro do GPP de Vitória (ES), formado em ciência da computação, na RCC há 10 anos, no MUR há 6 anos e no GPP há 2 anos.

<sup>324</sup> Membro do GPP, São Mateus (ES), Licenciado em Matemática, há 6 anos na RCC e 3 anos no MUR.

Sim, pois a experiência com o ES que nos dá força para perseverar.<sup>325</sup>

Sim, pois somente a teoria não é capaz de nos sustentar e manter-nos no ministério, mas a experiência no Espírito.<sup>326</sup>

Destaca-se que 10% dos entrevistados não responderam, 3% disseram que já haviam sido batizados no Espírito antes de entrarem no MUR, 4% responderam que a Experiência no Espírito Santo não foi importante para entrar no movimento e 83% afirmaram a importância do Batismo em sua entrada e permanência no Ministério.

### 2.3. Atividades sociais

Sobre a participação em atividades de cunho social e/ou políticas, 12% dos entrevistados não responderam, 30% disseram que participam e 58% não participam. No entanto, alguns sublinharam que no momento não estavam participando, mas que já havia feito “projetos em comunidades carentes e do grupo de fé e política”<sup>327</sup>; outros ressaltaram que embora não estejam participando, têm “muita vontade, mas ainda não foi possível”<sup>328</sup>.

Dentre as atividades realizadas pelos membros, temos o “atendimento psicológico e teatro para evangelizar”<sup>329</sup>; “assistência através do ministério de oração por cura e libertação”<sup>330</sup>, “programa de atenção farmacêutica (UFES)”<sup>331</sup>, “atividades sociais promovidas pela faculdade e pela Igreja”<sup>332</sup> e “voluntário como dentista para crianças carentes”.<sup>333</sup>

Alessandra Cristina Rosa, em sua dissertação, destacara o pioneirismo desses GOUs com relação a um projeto social engajado pelos membros, o “Projeto Campinho”. Segundo Rosa, o plano já está sendo pensado pelos membros do MUR para que se transforme em um projeto de extensão. Nas palavras de Rosa,

<sup>325</sup> Membro do GOU em Vitória ES, Estudante de Estatística, participa na RCC há 7 anos e no MUR há 4 anos.

<sup>326</sup> Membro do GPP de Vitória (ES), pós-graduada em Medicina, há 10 anos na RCC e 5 anos no MUR.

<sup>327</sup> Membro do GPP, Juiz Fe Fora (MG), pós-graduado, Psicólogo, há 6 anos na RCC e no MUR e há 3 anos no GPP.

<sup>328</sup> Membro do GPP, Botucatu (SP), pós-graduada, participa da RCC e do MUR há 5 anos e do GPP há 4 anos.

<sup>329</sup> Membro GPP Sagrada Família, São José dos Campos (SP), Psicóloga, participa do MUR e do GPP há 5 meses.

<sup>330</sup> Membro do GPP, Alegre (ES), pós-graduado, participa da RCC há 25 anos e do MUR há 5 anos.

<sup>331</sup> Membro do GPP, Vila Velha (ES), pós-graduada, Farmacêutica, participa da RCC há 11 anos, do MUR há 9 anos e do GPP há 1 ano.

<sup>332</sup> Membro do GO, Boa Esperança (ES), graduanda em Serviço social, participa da RCC há 6 anos e há 3 anos do MUR.

<sup>333</sup> Membro do GPP Sagrada Família, São José dos Campos (SP), pós-graduado, dentista, participa da RCC, do MUR e do GPP há 1 ano.

O “Projeto Campinho” é um serviço de promoção humana do Ministério Universidades Renovadas de Juiz de Fora, MG, que consiste num trabalho junto à uma comunidade economicamente desprivilegiada do bairro Vila Ideal, conhecida como “Comunidade do Campinho”. (...) As visitas à essa comunidade são realizadas periodicamente e são realizados trabalhos que sejam de interesse da comunidade, como visitas de médicos para falar sobre hipertensão, expressões artísticas como a música e a dança e trabalhos artesanais, atividades da qual já produzem para comercializar.<sup>334</sup>

Já Adilson Nobrega, em seu estudo sobre o MUR no Ceará afirma:

Projetos de cunho social ainda não se verificam no MUR cearense, com esta atividade restrita, até então, a visitas a entidades beneficentes organizadas por seus integrantes. Mesmo em estados onde o MUR existe há mais tempo, ações desta natureza costumam ser voltados a iniciativas como os trotes solidários com doações de roupas e alimentos, ou outros projetos de “promoção humana”, como cursos de capacitação e supletivos gratuitos para comunidades de baixa renda. Ações de postura totalmente diferente da ideia da educação popular apoiada pelas pastorais do meio universitário.<sup>335</sup>

A assertiva de que o movimento possui apenas um projeto engajado no que se refere à ação social, nos leva a pensar sobre ideal de transformação do MUR que se dá através do indivíduo, da mudança em relação às posturas acadêmica, familiar, profissional e ao mundo que o cerca. No entanto, o panfleto sobre o GPP intitulado “Não caminhe sozinho, seja um profissional diferente” diz:

O GPP é chamado a promover uma ação concreta na sociedade, buscando aplicar conhecimentos profissionais e espirituais a serviço do próximo e desenvolver projetos que se tornem políticas públicas na sociedade. Ações desenvolvidas pelos profissionais em comunidades e instituições como: serviços de acolhimento, asilos, delegacias, hospitais, escolas, rádios e cursinhos, com enfoque no resgate da dignidade humana e não no mero assistencialismo.<sup>336</sup>

Segundo o referido panfleto, durante o dia do trabalhador, realiza-se em todo Brasil ações e eventos

voltados para os trabalhadores de nossas dioceses com vigílias, missas, louvor e oração nos GPP's e GOP's para semear a cultura de pentecostes. O objetivo desses eventos é divulgar nosso carisma e incentivar a evangelização do testemunho pessoal e de ações dentro dos ambientes de trabalho.<sup>337</sup>

<sup>334</sup>, Alessandra Cristina ROSA. *A Renovação Carismática Católica no espaço laico*, 2007, p.45.

<sup>335</sup> Adilson NOBREGA. “Profissionais do reino: um novo ethos católico nas universidades cearenses”, 2008, p. 11.

<sup>336</sup> Panfleto “Não caminhe sozinho, seja um profissional diferente” entregue no ENUR que aconteceu em Brasília no ano de 2010.

<sup>337</sup> Panfleto “Não caminhe sozinho, seja um profissional diferente” entregue no ENUR que aconteceu em Brasília no ano de 2010.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou compreender a inserção do MUR nas universidades, atentando para a formação identitária do mesmo. Assim, nesse trabalho ressaltamos o MUR como um movimento religioso estudantil criado pelos integrantes da RCC com o intuito de oferecer aos jovens um aporte ideológico que se substancializa através da moralização de valores e práticas cotidianas. Um movimento que visa direcionar o futuro profissional do estudante em acordo com a Igreja Católica: o consagrado “Profissional do Reino”. Tendo em vista essa perspectiva, privilegamos a forma como se deu a construção e constituição do MUR enquanto movimento, buscando delimitar algumas fases importantes para sua compreensão.

Dessa forma, salientamos a configuração do movimento carismático católico na universidade que, ao se constituir e ser constituído enquanto movimento pelos estudantes e para os estudantes, vai aos poucos ganhando os contornos identitários específicos dessa comunidade.

Assim, buscamos demonstrar a forma como o MUR incentiva a formação de Grupos de Oração Universitários para que, o estudante, ao sair da faculdade, “exerça a sua vocação profissional com dignidade, ética e respeito ao homem”. Ressaltamos que pelas prerrogativas do movimento, o estudante deve primeiramente transformar-se individualmente, a partir da fé, do amor ao próximo e da conscientização de suas responsabilidades enquanto profissional, para, então, se tornar um agente de transformação. No entanto, o que parece incoerente é o fato de que essa postura de um profissional ético e compromissado deveria ser senso comum entre todos os profissionais, e não apenas dos *Profissionais do Reino*. Assim, questionamos ainda em que medida o MUR não estaria se apropriando de um discurso que, em tese, deveria ser partilhado por qualquer profissional, de qualquer credo, ou de até de credo algum.

Ressaltamos ainda a atitude missionária dos jovens estudantes membros do MUR, percebida como uma motivação subjetiva para “recatolizar”, no intuito de conservar e preservar a identidade católica dos estudantes que entram em um ambiente inóspito à religião. Nossas pesquisas demonstraram que esse viés dado pelos membros se faz mais por uma iniciativa de dividir desejos, partilhar bons momentos, que os mesmos cultivam em suas vivências no grupo, do que por uma atitude missionária no sentido de angariar pessoas ao movimento. No entanto ressaltamos também que essa atitude missionária é estimulada nas

---

apostilas do movimento, o que pode fazer com que essa motivação subjetiva seja institucionalizada.

Buscamos destacar também a secularização como reconfiguração e recomposição do campo religioso, o que permite que movimentos como o MUR tenham espaço nas Universidades. Assim, buscamos ressaltar que seus membros relativizam e suavizam a tradição religiosa da RCC ao questionarem e refletirem sobre suas vivências à luz dos preceitos tidos como verdade pela Igreja.

Ao contrastar esses dois movimentos – o religioso e o político – buscamos compreender os motivos que levam o estudante a se filiar ao MUR ou outros movimentos estudantis universitários, já que esses “concorrem” pelo mesmo público, propondo maneiras diferenciadas do “ser estudante”. Como exemplo dessa concorrência, citamos o aparecimento de uma nova forma de recepção aos calouros: o *trote solidário*, em contraponto ao trote comumente oferecido aos recém chegados, amplamente combatido na mídia contemporânea devido à violência a qual muitos estudantes são submetidos. Já no *trote solidário*, o estudante recebe um tratamento de acolhida pautado pela afirmação de igualdade entre os estudantes e o oferecimento de um *locus* de socialização mediado pela segurança.

Embora o DCE possua como prerrogativa a transformação através de uma mudança coletiva, o MUR por ser um movimento carismático e, portanto, postular a renovação através do indivíduo, se diferencia dos CAs e dos DAs, no que se refere às reivindicações em geral. Dessa forma, o MUR como movimento religioso universitário, aparece como alternativa a outros movimentos estudantis, como o Diretório Central dos Estudantes (DCE), que historicamente é o movimento de destaque no meio acadêmico.

Para analisar essa transposição contingencial, destacamos algumas variáveis que poderiam explicar a aceitação do MUR do meio acadêmico: certa apropriação das críticas ao “poder” da razão; o fato de boa parcela dos estudantes que chegam às instituições de ensino superior ser oriunda de outras cidades, potencializando o afastamento desses estudantes de sua referência familiar; a situação de liminaridade típica da juventude; a possibilidade de socialização representada por esses grupos; a capacidade propagandística desses movimentos; a capacidade da RCC de articular com competência as dimensões de tradição, modernidade e pós-modernidade; o caráter extremamente místico/emotivo dos carismáticos e a ênfase na resolução de problemas individuais.

Tal assertiva levou em conta a maneira como os chamados “luquinhas” se posicionam frente às demandas universitárias ao mimetizarem, de forma nova e ressemantizada, as performances típicas do universo acadêmico. Exemplo disso é o trote, que

por eles é chamado de “trote solidário”; a formação ética e profissional, balizada pela experiência mística e emotiva; a utilização de estudos consagrados no universo acadêmico em suas apostilas; o valor dado à pesquisa e à razão pelo engajamento da fé; o apreço aos debates, como no caso das discussões sobre o aborto e as células-tronco e até em sua Semana Missionária, que na UFJF privilegiou músicas “do mundo” para divulgar o movimento religioso.

No que se refere aos “*Profissionais do Reino*” a participação nos GPPs, permitiu-nos entender a forma como esses profissionais se articulam de modo a não deixar que o “sonho” de transformação do mundo se arrefeça. Além disso, demonstramos a forma como os profissionais buscam, à luz do evangelho, repensar suas profissões visando humanizar suas atuações. Nesse capítulo, buscamos demonstrar o cuidado que os membros tomam para consigo e para com os demais membros, atentando para o que Camurça chamou de “aprimoramento da relação *autêntica* com o outro” e “carismatismo *light*, de *low profile*, nuances estas que solidificam o sentimento de comunidade.

No que se refere ao MUR como movimento estudantil, salientamos que, embora ele possua como bandeira ideológica a transformação da sociedade através do amor, essa mudança ao contrário da postulada pelos movimentos estudantis laicos, aconteceria de forma lenta, gradual e individual. No entanto, fica ainda a questão, se esse movimento postula também uma visão teleológica ao propor como meta a criação da “civilização do amor”, ao ser idealizado por católicos e para católicos, a proposta dessa civilização necessariamente pensaria o mundo como todo católico?

O que parece interessante nesses jovens é o fato de que, através de sua fé e em contraste com a individualização e tecnicismo marcantes em nossa sociedade, ao abordarem a ciência através das prerrogativas da fé, buscam se responsabilizar pela constituição do que pensam ou idealizam como “a manhã desejada” legitimando-se como um movimento capaz de demarcar-se na arena democrática.

## BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ALVARENGA, Elizabeth Gomes. *A religiosidade de universitários católicos em Viçosa*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Viçosa, 2002.

ANTONIAZZI, Alberto. *et al. Nem anjos nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ARAÚJO, Ana Paula. *Memórias estudantis – da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro, Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e o seu papel político no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v.18, n.52. 2004.

BARBOSA, Andreza. A (Des-articulação) do Movimento Estudantil: (Décadas de 80 e 90). *In: Revista Educação: Teoria e Prática* - v. 10, n. 18, -2002 e p. 5-14.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na universidade e na política*. Petrópolis: Vozes, 1984.

BERGER, Peter L. & Luckmann, Thomas, *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985.

\_\_\_\_\_. “A dessecularização do mundo: uma visão global”. *In: Religião e Sociedade*. v. 1, Rio de Janeiro: Iser, 1997.

BIRMAN. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens. *In: Religião e Sociedade*. 1996, v.17, p. 1-2.

\_\_\_\_\_. (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CNBB. *Evangelização para a juventude: desafios e perspectivas pastorais*. N.85, Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*.

\_\_\_\_\_. Presença da Igreja na Universidade e na Cultura Universitária, Série Magistério.

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMURÇA, Marcelo A. Religiosidade moderna e esclarecida entre os universitários de Juiz de Fora. *Debates do NER*. 2001, 2 (2), p. 37-65.

\_\_\_\_\_. Renovação Carismática Católica: entre tradição e modernidade; *Revista Rhema*, v.7, n.25, 2001.

\_\_\_\_\_. Um tradicionalismo na linguagem virtual? O catolicismo carismático- midiático. 31º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, 2007.

\_\_\_\_\_. “Cuidado de si’, imperativo de realização de si e produção de subjetividades em redes carismáticas da Igreja Católica no Brasil no meio universitário” *In: História: debates e tendências*, vol.9, nº.2, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os “Melhores Filhos do Povo”*. Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista: o caso do MR8. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, Museu Nacional/PPGAS, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. 2003. *Culturas Híbridas Poderes Oblíquos: estratégias para se entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: Ensaios de teoria e Metodologia*, Rio de Janeiro: Campus, 1993.

CARDOSO, Irene. “A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança”. *In: Tempo Social* [on line] NOV.2005, Vol.17, No.2, p.93-107

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática: origens mudanças e tendências*. Aparecida: Santuário, 2000.

\_\_\_\_\_. Renovação Carismática Católica: Origens, mudanças e tendências. *In: FABRI, Márcio (org.)*. *Sob o fogo do Espírito*. São Paulo: SOTER /Paulinas, 1998, p.44.

CARRANZA & MARIZ. “Novas comunidades católicas: Porque crescem?”. *In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo*. *Novas linguagens no catolicismo*. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

Dicionário Aurélio Eletrônico: século XXI [CD-ROM]. Versão 3.0. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1999

FIGUEIREDO, Eurídice & NORONHA, Jovita Maria. *Identidade nacional e identidade cultural*. *In: FIGUEIREDO, Eurídice (org)*. Juiz de Fora: UFJF, 2005

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

\_\_\_\_\_. A Ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 02 de dezembro de 1976. São Paulo: Edições Loyola, 1996

GABRIEL, Eduardo. *A evangelização carismática católica na universidade: O sonho do Grupo de Oração Universitário*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – CEH, UFSCAR, São Carlos, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LCT, 2008.

GIDDENS, Antony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1990.

GRACINO JÚNIOR. Cultura local, memória e adesão. *Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. 2003, ano 02, n. 03.

\_\_\_\_\_. Dos interesses weberianos dos sociólogos da religião. *IN: Horizontes*. Belo Horizonte, 2008, v.6, n.12, p. 69-92.

GROPPO, Luís Antonio. *Uma onda mundial de revoltas. Movimentos estudantis de 1968*. Piracicaba: Editora Unimep, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença. Perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes 2000.

\_\_\_\_\_. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: PD & A Editora, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990,

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *La religion en mittes ou la question des sectes*. Calmann: Lévy, 2001.

\_\_\_\_\_. *Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement*. Paris: Flammarion, 1999.

\_\_\_\_\_. *La religion pour mémoire*. Paris: Cerf, 1993.

\_\_\_\_\_. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou fim da religião? In: *Religião e Sociedade* 18/1, 1987 p.31-48.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

PAULO II, João. *Carta Encíclica “Fides et Ratio” : sobre as relações entre fé e razão*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi. Sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 2008.

PEÑA-RUIZ, Henri. El nombre de um princípio. In: *La Emancipación Laica: Filosofía de La laicidad*. Madrid: Ediciones Del Laberinto, 2001.

PEREIRA, Edilson. ‘O Espírito da Oração ou como carismáticos Entram in contato com Deus’ . *Religião e sociedade*. [online]. 2009, vol.29, n.2, p. 58-81.

PIERUCCI, Antônio Flávio, PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. “Reencantamento e dessecularização: A Propósito do auto-engano em sociologia da religião”. In: *Novos Estudos CEBRAP*. n. 49, pp. 99- 117, novembro de 1997.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de Vida no Espírito Santo. In *Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, v.17, n. 2, 2005.

\_\_\_\_\_. Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidade de Base: uma análise comparada. *Caderno do Ceris*. 2001, 1 (2), p. 11-42 e 69-73.

\_\_\_\_\_. A Renovação Carismática Católica: uma Igreja dentro da Igreja? *Civitas*. Porto Alegre: PUC-RS. 2003, v.3 n.1, p. 169-186.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MARINS, J. R. *Movimento estudantil e ditadura militar*. Campinas: Papirus. 1987.

MESQUITA, Marcos R. “Movimento Estudantil Brasileiro; políticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº66, 2006, p. 117-149

MIRANDA RAMOS, Amélia G.T. *Juventude, razão e fé: uma análise do Movimento Universidades Renovadas*, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Viçosa.

MONTERO, P. “Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil”, *Novos Estudos Cebrap*, 74:47-65

\_\_\_\_\_. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. *Etnográfica (Lisboa)* v.13, 2009.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem “jardim encantado”, “nem clube dos intelectuais desencantados”. *RBSC*. v. 20 n. 59, outubro de 2005.

NOBREGA, Adilson Rodrigues, “Carisma e razão: um olhar sobre as práticas católicas carismáticas de estudantes nas universidades cearenses”, 2006. In: *Trabalho apresentado à 25ª Reunião da ABA*, Goiânia, 2006.

\_\_\_\_\_. *Profissionais do Reino: novo ethos católico na universidade cearense*. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais), UFC, 2007.

NOVAES, Regina. Religião e Política: Sincretismos entre os alunos de Ciências Sociais. *Comunicações do ISER*, n. 45, ano 13, 1994. pp. 64-68.

\_\_\_\_\_. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, P. (org.) *Fiéis & Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. “O Mergulho do Espírito Santo”: interfaces entre catolicismo carismático e a Nova Era. *Religião e Sociedade*, v.24, n.1, 2004, pp. 85-112.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Análise sociológica da RCC. In \_\_\_\_\_. et al. *Renovação Carismática Católica*. Petrópolis: Vozes, 1985, pp. 112-142.

- ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Considerações sobre a modernidade religiosa”. In: *Sociedad y Religión*, n14/15, 1996
- PEREIRA, A. V. *Há Fé na Terra da Razão: Livro-reportagem sobre o Projeto Universidades Renovadas*. 2003. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Minist%C3%A9rio\\_Universidades\\_Renovadas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Minist%C3%A9rio_Universidades_Renovadas).
- PIERUCCI, Antônio Flávio, PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro no Espírito*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.
- \_\_\_\_\_. *et al. A doutrina carismática*. s. n. t.. reimpressão. p. 41-57
- PROCÓPIO, Carlos E. P. RCC e Universidade. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. *Novas linguagens no catolicismo*. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Universidade, Formação e Missão. Os movimentos dos grupos de oração universitários carismáticos*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – ICH, UFJF, Juiz de Fora, 2008, p.66
- POLLACK, Michael. “Memória, Esquecimento e silêncio”. *Estudos Históricos*, RJ, vol2, nº3, 1989.
- RIDENTI, Marcelo. O romantismo revolucionário da Ação Popular: do cristianismo ao maoísmo. *Latin American Studies Association*, Chicago, Illinois, 1998. SMO14.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. Os Universitários e a Transcendência: Visão geral, visão local. *Rev. Est. Religião*, ano 2, n. 4, p. 79-119, 2004
- RUAH: Relatos de um amor que ama*. Editora RCC Brasil, 2010.
- ROSA, Alessandra Cristina. *A Renovação Carismática Católica no espaço laico: um estudo sobre o Grupo de Oração Universitário (GOU), 2007*, Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – ICH, UFJF, Juiz de Fora, 2007.
- SÁ DOS SANTOS, Ivna. *Dai-lhes vós mesmos de comer: um livro histórico e testemunhal do Projeto Universidades Renovadas*. Belo Horizonte, 2004.
- SANCHIS, Pierre. Modernidade e pós-modernidade. In: *Análise e conjuntura*, Belo Horizonte: Fund. João Pinheiro, maio/ dez 1992, v.7, n.2/3.
- \_\_\_\_\_. O Campo religioso contemporâneo no Brasil. In ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto (org.). *Globalização e Religião*. Petrópolis, Vozes, 1997, p.108. *apud* CAMURÇA, Marcelo A Renovação Carismática Católica: entre tradição e modernidade; *Revista Rhema*, v.7, n.25, 2001, p.46



\_\_\_\_\_. Catolicismo, entre a tradição e modernidade. In: *Comunicações do Iser*. Rio de Janeiro: ISER, 1993, n. 44.

\_\_\_\_\_. O repto pentecostal à cultura católico-brasileira. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem Anjos nem demônios*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996

\_\_\_\_\_. “As religiões dos brasileiros”. *Horizonte*, v.1, n.2. Belo Horizonte, 1997.

SANFELICE, J. L. *Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64 – antecedentes (início da década de 60: a presença da UNE nos acontecimentos políticos..* Campinas: Reflexão. 1986.

SANTOS, Miryan S. dos. “O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado”. *Cadernos de Sociomuseologia*. Vol. 19, nº 19, 2002. Disponível: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/370/0>

SILVEIRA, Emerson Sena. *Espírito vem sobre nós, transforma o que é velho e faz tudo novo. Tradição e modernidade na Renovação Carismática Católica, um estudo dos rituais, subjetividades e mitos de origem*. Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: PPCIR/ UFJF, 2000.

\_\_\_\_\_. *Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismáticos católicos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

\_\_\_\_\_. O pop no espírito. Festa, consumo e artifício no movimento carismático pentecostal. In: PEREIRA, Mabel Salgado; e CAMURÇA, Marcelo Ayres (orgs.). *Festa e Religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Templo. Editora, 2003, pp. 137-158.

\_\_\_\_\_. A “posse do Espírito”: Cuidado de si e salvação. *Rhema*, v.6, n.23, p.154

\_\_\_\_\_. Pluralidade Católica: um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento. *Sacrilegens*, edição 2004, pp. 1-22.

\_\_\_\_\_. “Atores religiosos populares e midiático-consumismo católico.” In.: *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol.1, nº 1, 2010, p. 178-201 disponível em <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/14/15>. 178

STEIL, Carlos Alberto. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou saída do catolicismo? Uma etnografia Fo grupo São José em Porto Alegre. *Religião e sociedade*, v.24, n.1, 2004, PP.11-35.

TAVEIRA, Dom Alberto. *Oração em Línguas: "Um dom que leva os fiéis a glorificar a Deus"* (texto apresentado à 58ª Reunião do Conselho Permanente da CNBB). Publicado em 31/08/2006. Disponível em: [[http://www.rccbrasil.org.br/minist/show\\_textos](http://www.rccbrasil.org.br/minist/show_textos)]. Acesso em 29 de maio de 2009

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Faces do Catolicismo Contemporâneo. *Revista USP*, v.67, set/out/nov/2005, pp.97-107.

VALLE, Edênio. A Renovação Carismática Católica. Algumas observações. *Estudos*

Avançados, v.18, n.52, set/dez 2004, pp.97-107.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneiras Sociais, 1983.

## ANEXOS

### 1. Gráficos

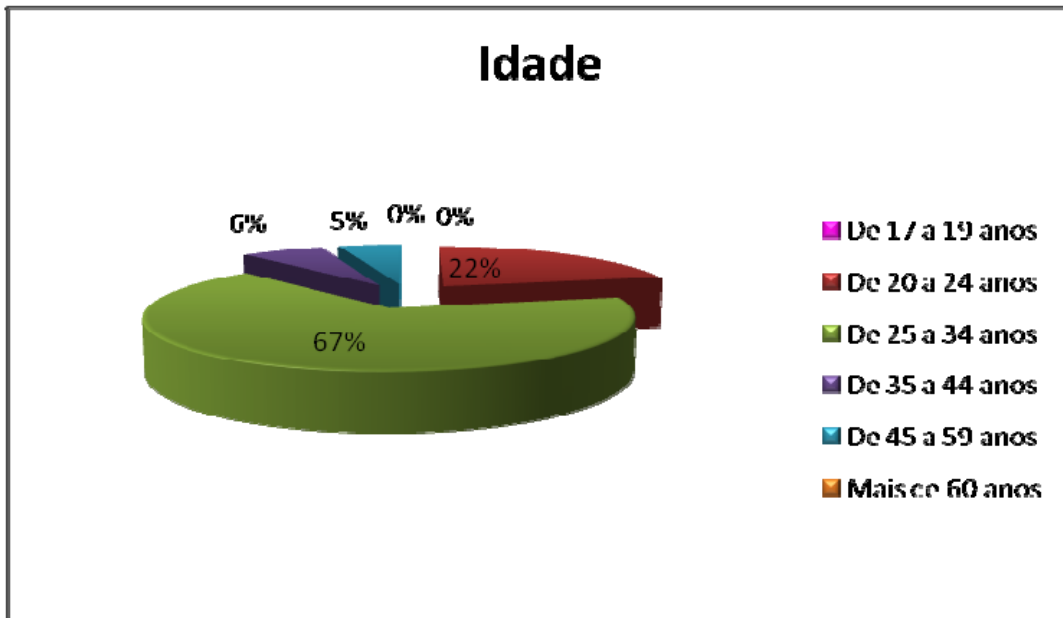


Gráfico 1

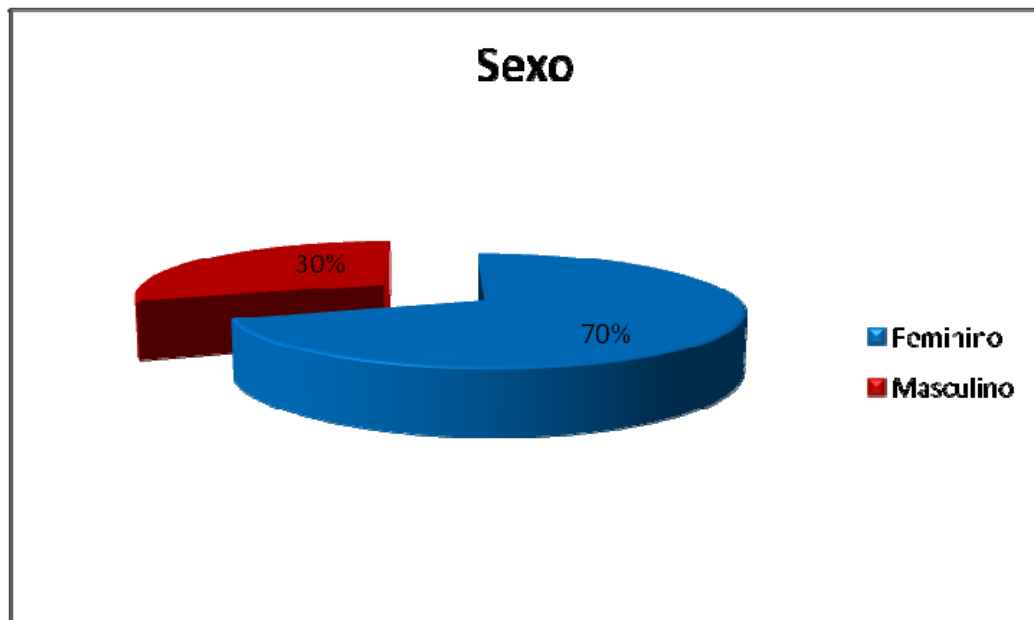
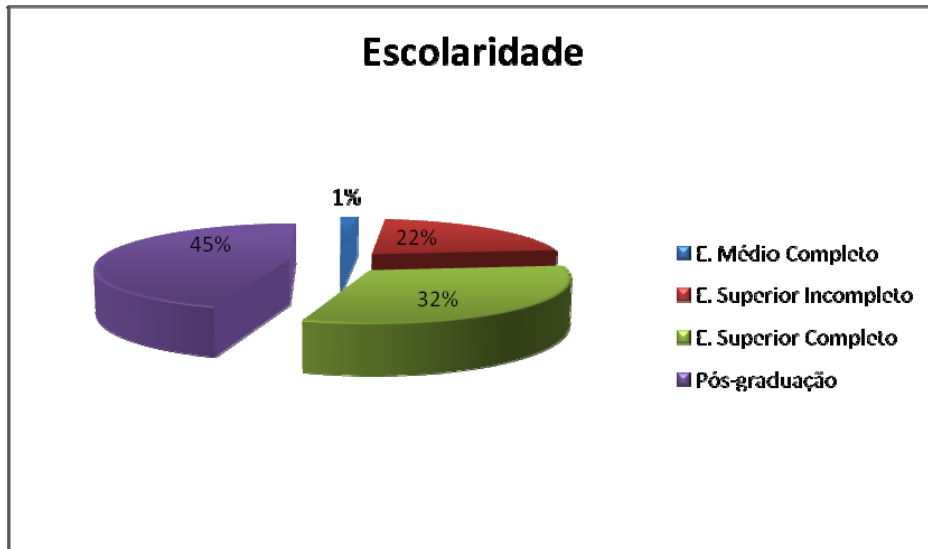
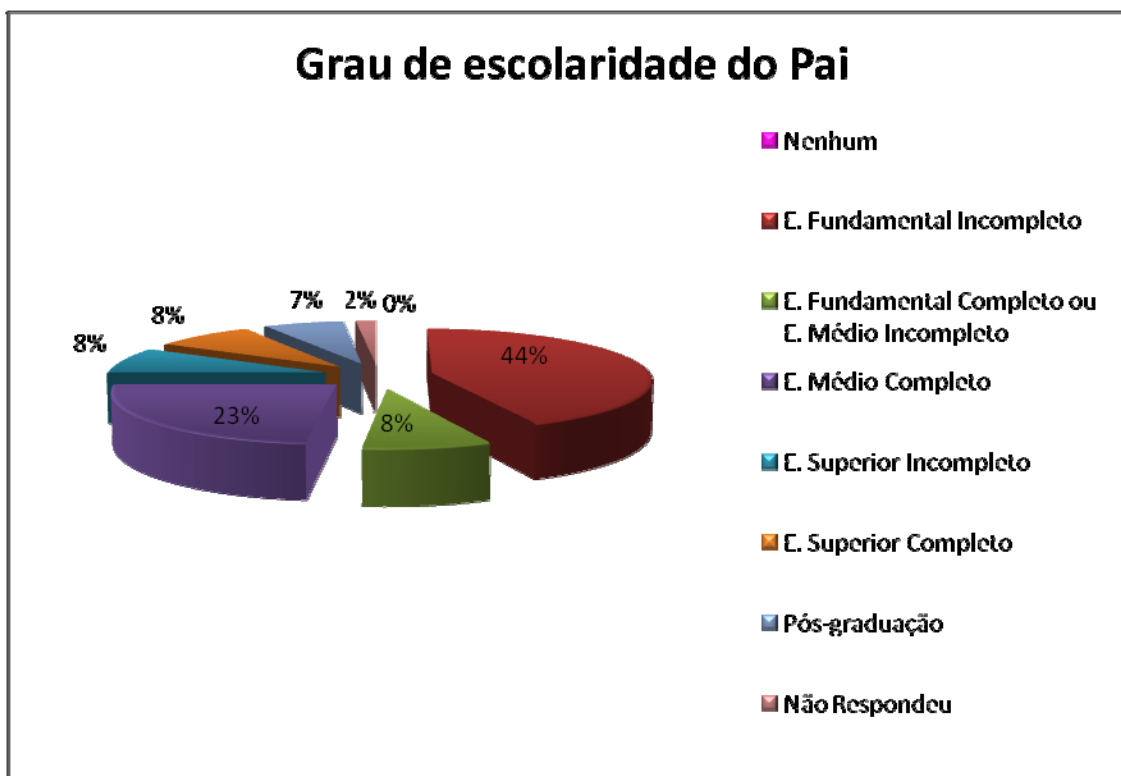


Gráfico 2



**Gráfico 3**



**Gráfico 4**

### Grau de escolaridade da Mãe

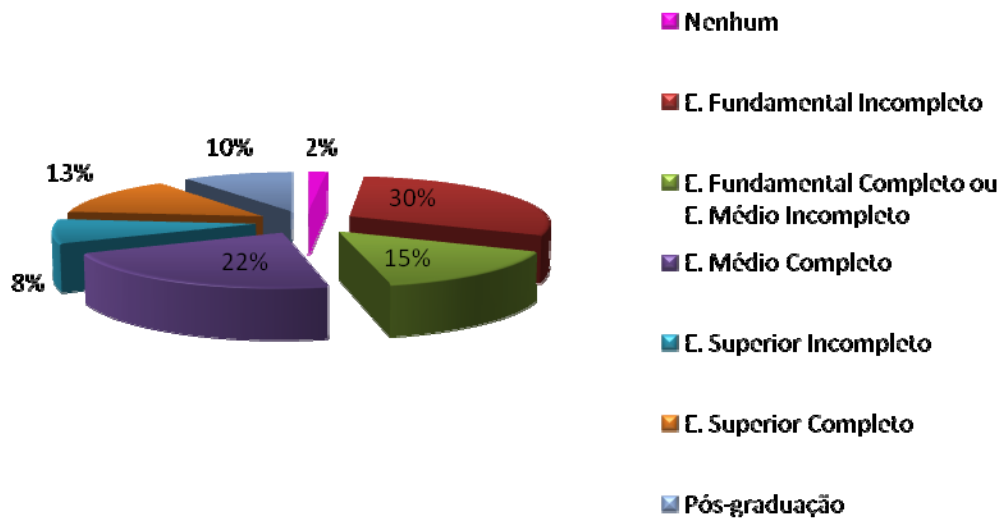


Gráfico 5

### Estado civil

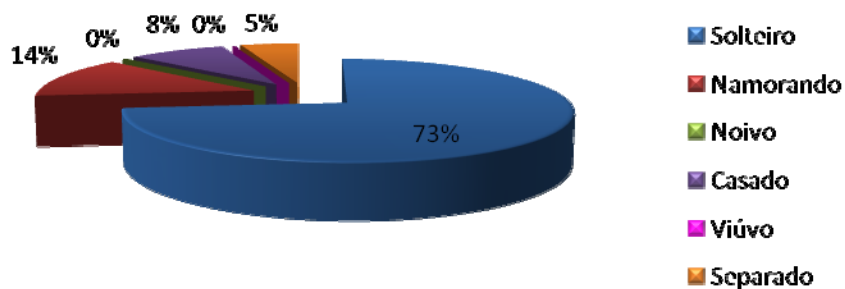
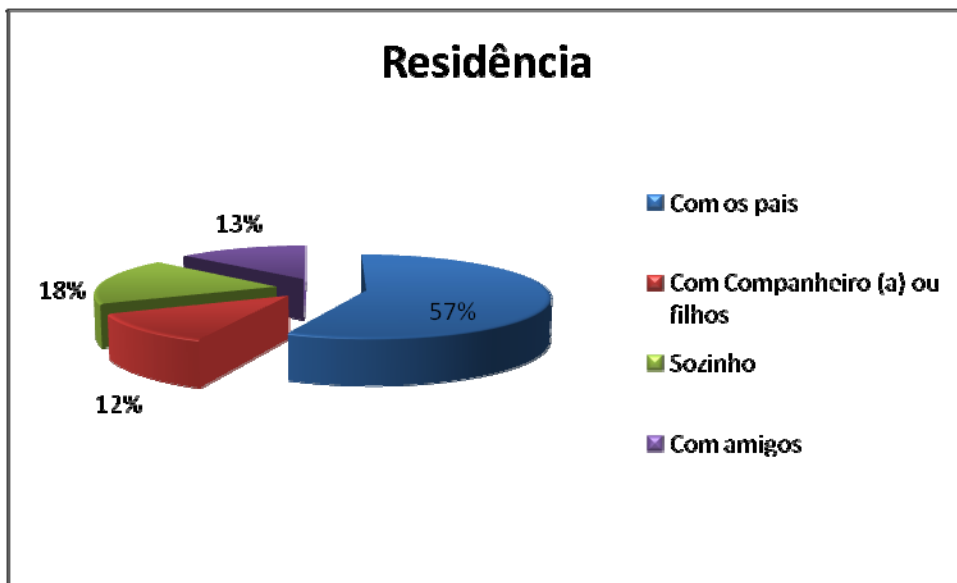
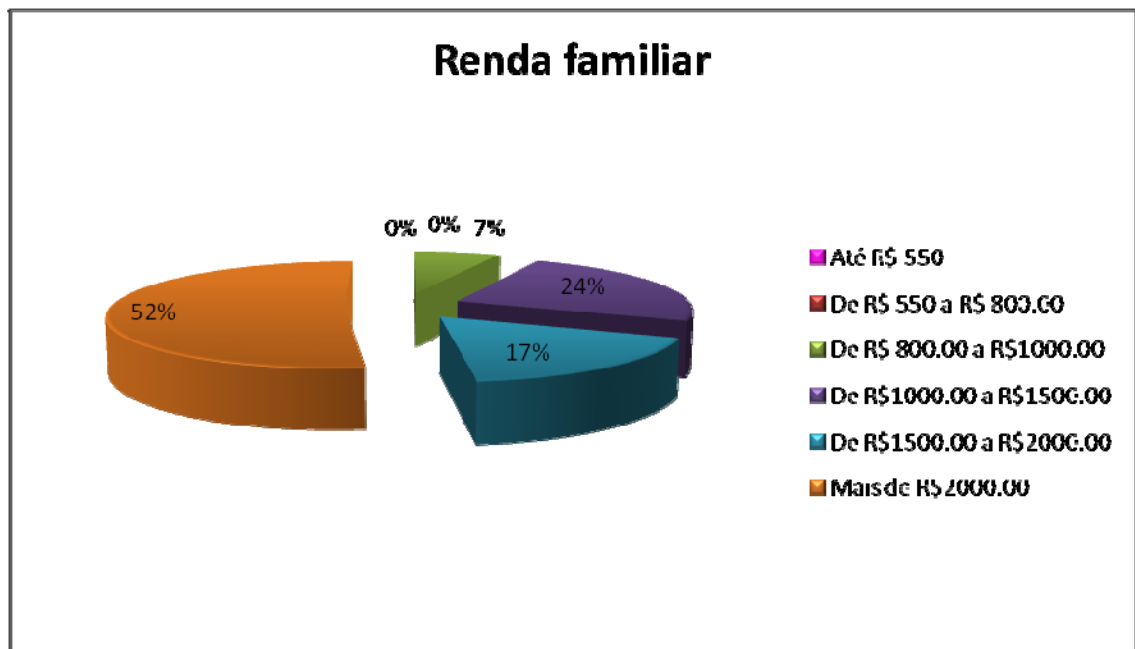


Gráfico 6



**Gráfico 7**



**Gráfico 8**

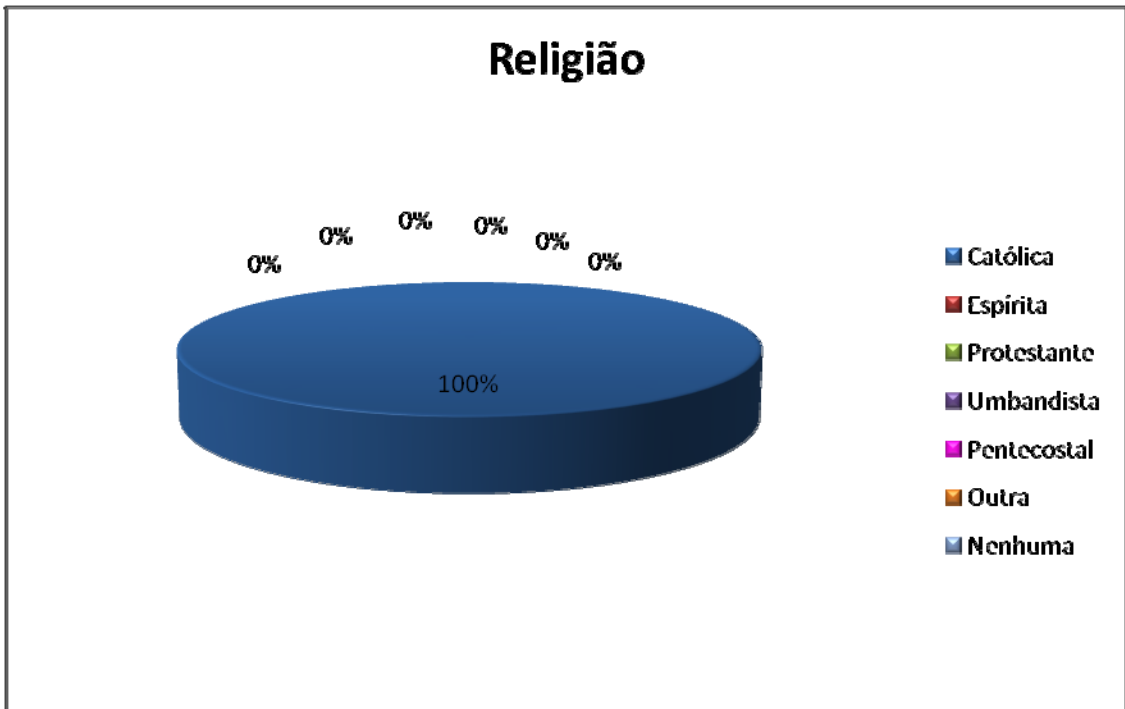


Gráfico 9

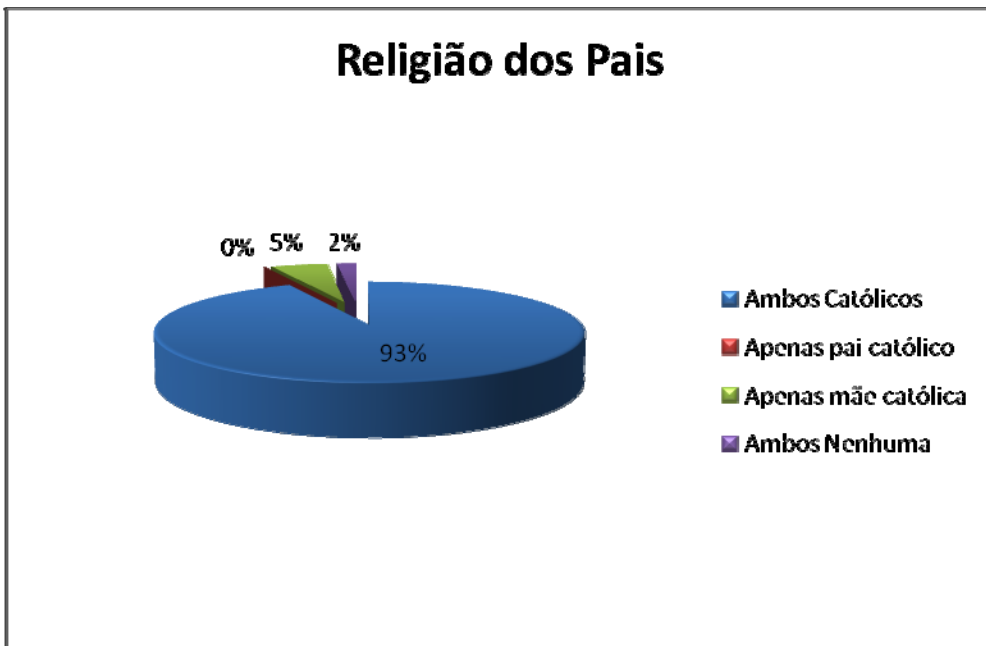


Gráfico 10

### Frequência MUR/GPP

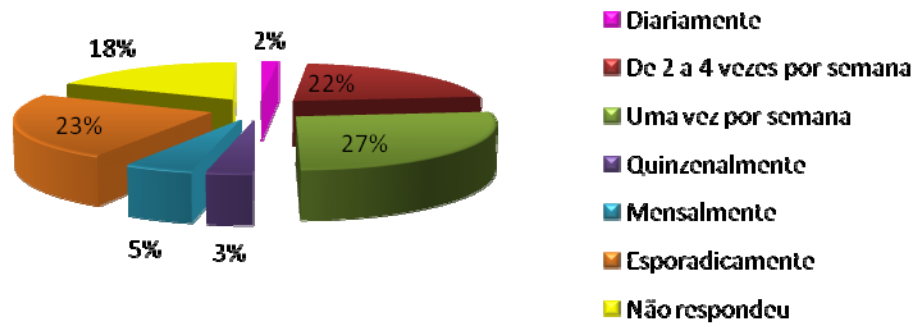


Gráfico 11

### Participação em outra religião

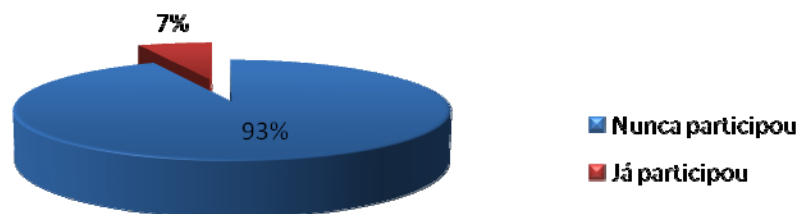


Gráfico 12



## Crenças

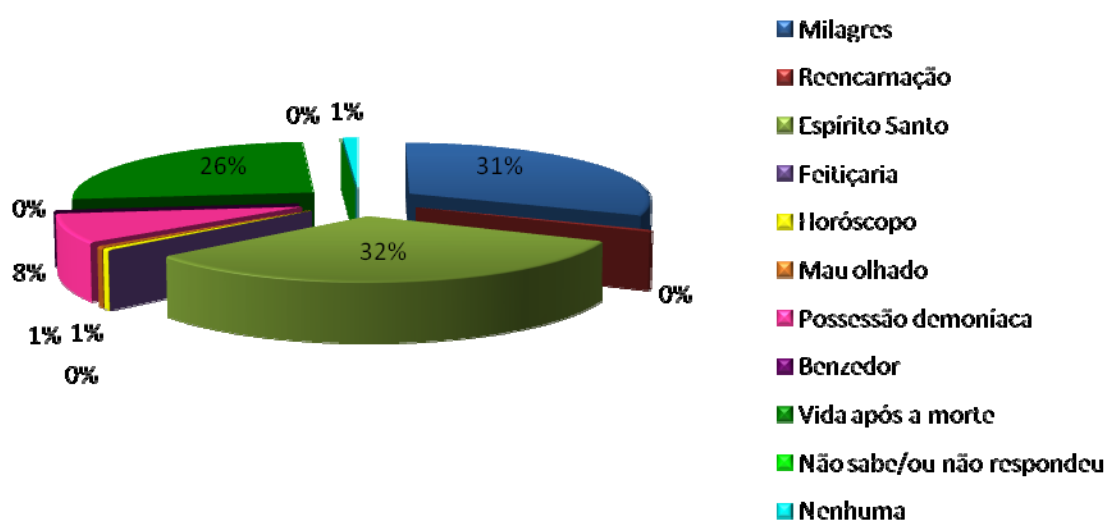


Gráfico 13

## Reprovação

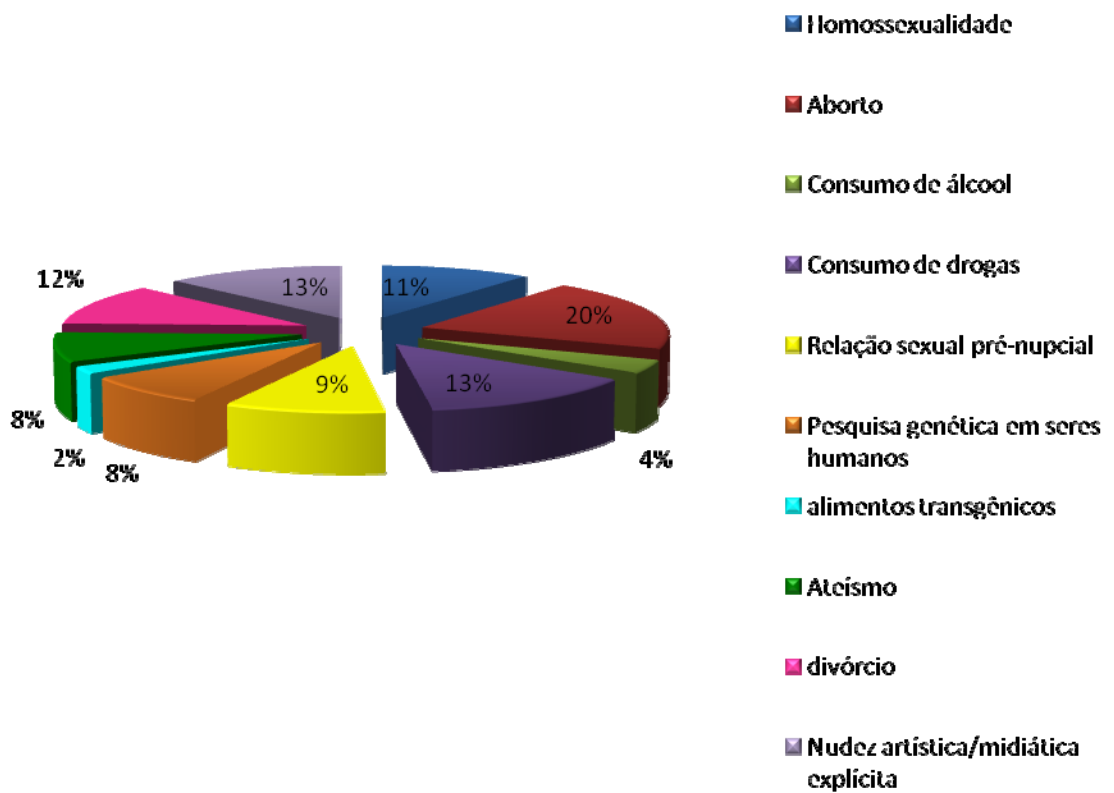


Gráfico 14

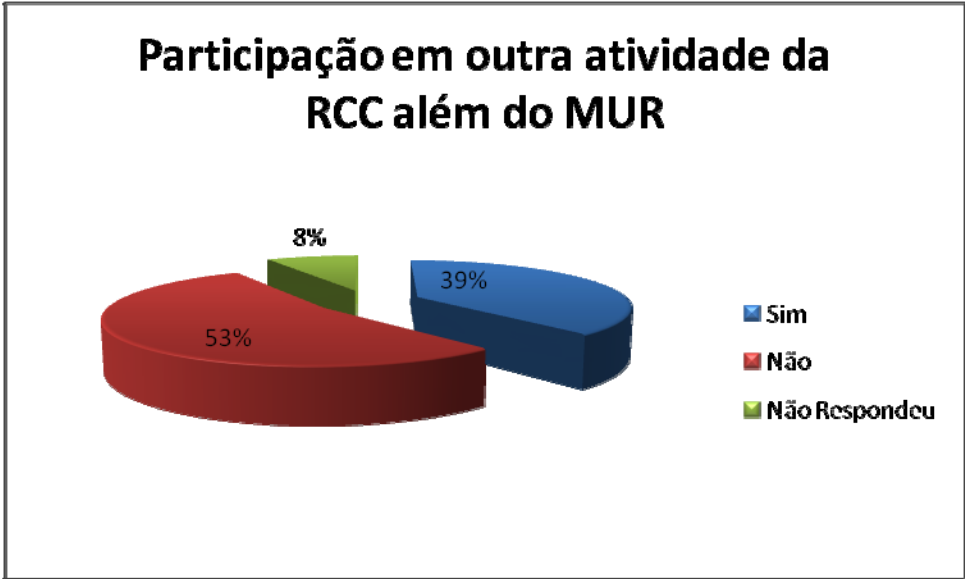


Gráfico 15

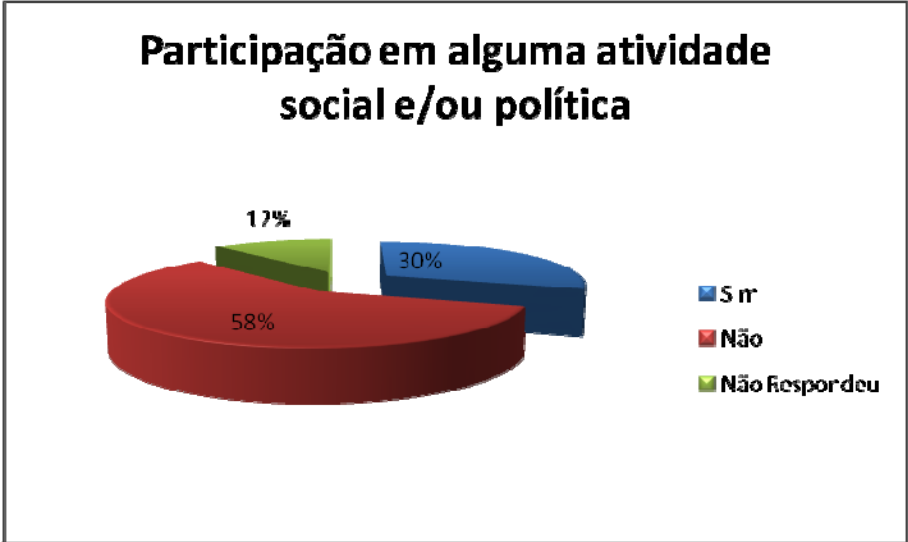


Gráfico 16

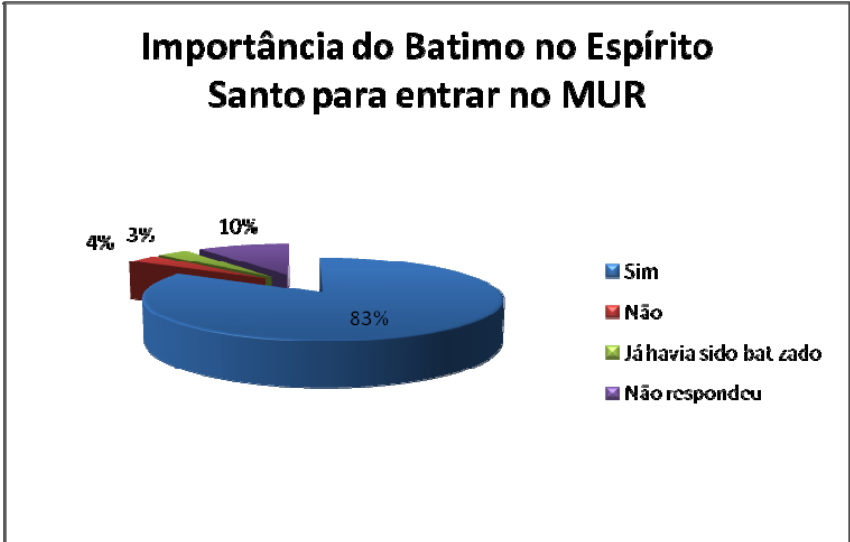


Gráfico 17

## 2. Imagens

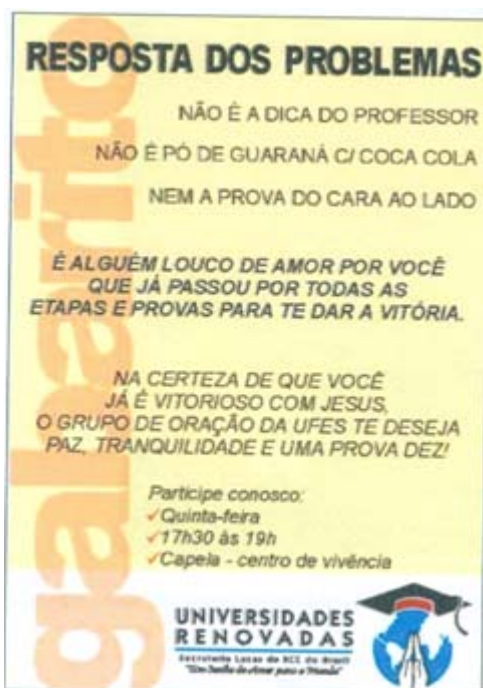


Figura 1: Panfleto para distribuição no dia do vestibular. Disponível em [www.pur.com.br](http://www.pur.com.br).



Figura 3: Panfleto para distribuição no dia do vestibular. Disponível em [www.pur.com.br](http://www.pur.com.br).



Figura 2: Panfleto para distribuição no dia do vestibular. Disponível em [www.pur.com.br](http://www.pur.com.br).

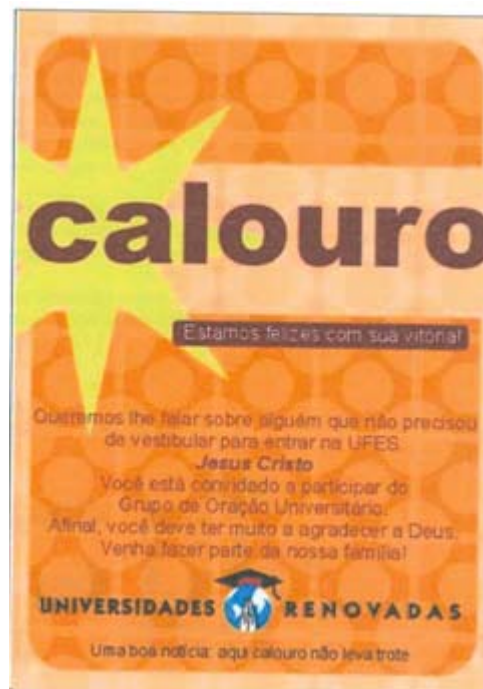


Figura 4: Panfleto para distribuição no dia do vestibular. Disponível em [www.pur.com.br](http://www.pur.com.br).

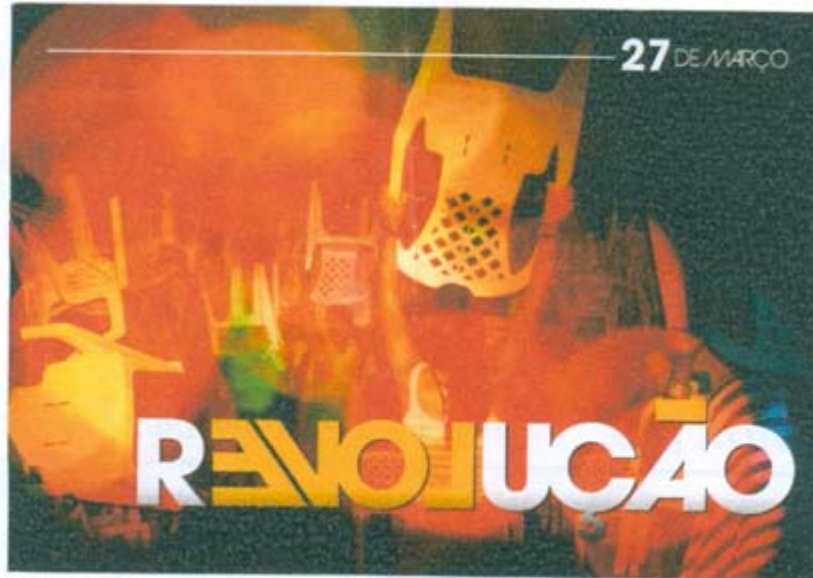


Figura 5: Panfleto entregue pela Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã durante a Matrícula da UFJF no ano de 2010.



Figura 6: Panfleto entregue pela ABU durante a matrícula da UFJF no ano de 2010.

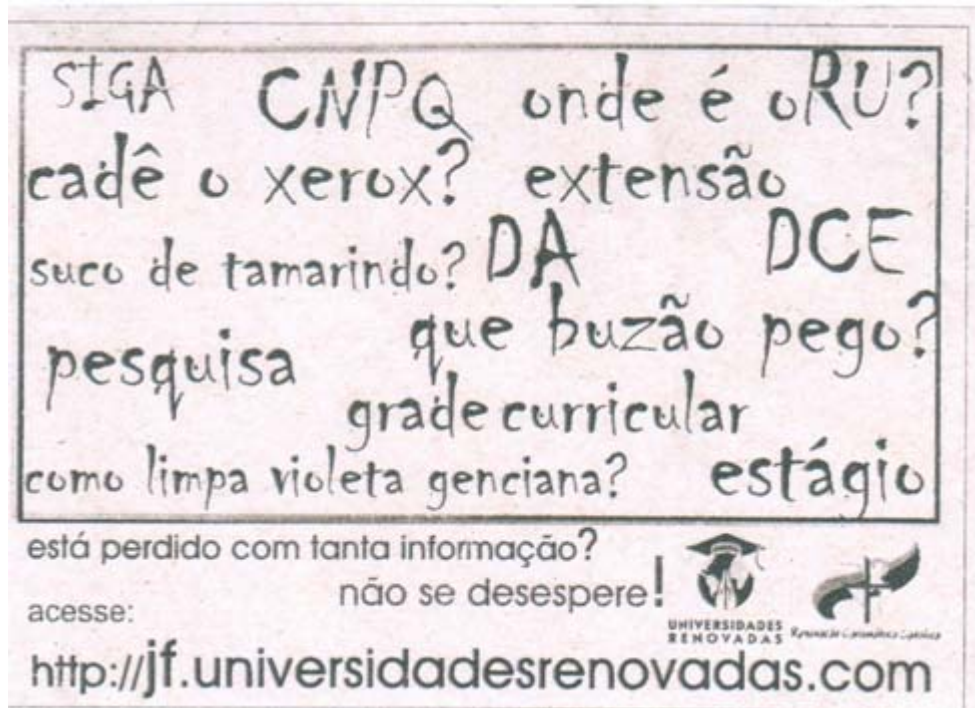


Figura 7: Panfleto entregue pelos membros do MUR durante a matrícula da UFJF no ano de 2010.



Figura 8: Logomarca do MUR - Ministério Universidades Renovadas.



Figura 9: Luquinha - mascote do MUR.

### 3. Fotos do Movimento Universidade Renovadas



Foto 1: Pregação durante o I Encontro de Profissionais da Região Sudeste



Foto 2: “O abraço coletivo” ou “Paizão” durante o I Encontro de Profissionais da Região Sudeste.



**Foto 3: Momento de Louvor durante o I Encontro de Profissionais da Região Sudeste**



**Foto 4: Momento da Partilha durante I Encontro de Profissionais da Região Sudeste**





**Foto 5: Momento da Partilha durante o I Encontro de Profissionais da Região Sudeste**



**Foto 6: Papa Bento XVI recebendo material sobre o MUR das mãos de Dom Anuar Battisti.**